

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral **Ano III – 2/ 2012**

Esta revista é publicada com a cooperação financeira da Associação *Wspólnota Polska* (Comunidade Polonesa), com recursos recebidos do Ministério das Relações Exteriores da República da Polônia, nos moldes do concurso “A cooperação com as comunidades polônicas e os poloneses no exterior”.

Czasopismo jest współfinansowane przez Stowarzyszenie „Wspólnota Polska” ze środków otrzymanych od Ministerstwa Spraw Zagranicznych Rzeczypospolitej Polskiej w ramach konkursu „Współpraca z Polonią i Polakami za Granicą”

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil -
- Ano 3, n. 6 (jul/dez. 2012) – Curitiba :
v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral

Ano III -2/ 2012

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

Conselho Editorial:

Henryk SIEWIERSKI

Mariano KAWKA

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

Piotr KILANOWSKI

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSCH – *Universidade Candido Mendes – Rio de Janeiro*

Barbara HLIBOWICKA-WĘGLARZ – *Universidade Maria Curie-Skłodowska – Lublin (UMCS)*

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – *Missão Católica Polonesa no Brasil*

Cláudia R. KAWKA MARTINS – *Colégio Militar - Curitiba*

Edward WALEWANDER – *Universidade Católica de Lublin (KUL)*

Franciszek ZIEJKA – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Jerzy MAZUREK – *Universidade de Varsóvia (UW)*

José Lucio GLOMB – *Presidente da Ordem dos Advogados do Brasil-PR*

Marcelo PAIVA de SOUZA – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Marcin KULA – *Universidade de Varsóvia (UW), Academia de Leon Kozminski em Varsóvia*

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – *Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)*

Regina PRZYBYCIEN – *Universidade Federal do Paraná (UFPR)*

Tadeusz PALE CZNY – *Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)*

Tito ZEGLIN – *Vereador da Câmara Municipal de Curitiba*

Tomasz LYCHOWSKI – *Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa – Rio de Janeiro*

Waldemiro GREMSKI – *Universidade Federal do Paraná (UFPR), PUC-PR*

Walter Carlos COSTA – *Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)*

Wojciech NECEL SChr – *Universidade de Card. S. Wyszyński de Varsóvia (UKSW)*

Endereço da Redação:

Caixa Postal 4148; 82501 - 970 Curitiba – PR. Brasil

tel (41) 3528 3223 ou (41) 8862 1226

e-mail: revista@polonicus.com.br www.polonicus.com.br

Coordenação editorial

Editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto

Tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Benedykt Grzymkowski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski

Claudio Boczon

Projeto gráfico

Arte Editora

www.arteeditora.com.br

Impressão / Acabamento

Gráfica Boa Vista

Fone: 41 3257-6590

CEP: 82620-030

contato@graficaboavista.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não,
não serão devolvidos.

Os artigos assinados são de inteira responsabilidade
de seus autores.

ISSN – 2177 – 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	11
-----------------------	-----------

<i>Wstęp.....</i>	<i>15</i>
-------------------	-----------

POLÔNIA

Polska

Józef RELL

O LAR ERA O FUNDAMENTO DO POLONISMO.....	19
---	-----------

Dom rodzinny był fundamentem polskości

COMEMORAÇÃO DO SESQUICENTENÁRIO

DO LEVANTE DE JANEIRO DE 1863

(janeiro 1863 – janeiro 2013).....	26
---	-----------

150 rocznica Powstania Styczniowego 1863

Mariano KAWKA

O QUARTO CENTENÁRIO DA MORTE

DO PE. PIOTR SKARGA (1536-1612)	31
--	-----------

400 lecie śmierci ks. Piotra Skargi

JANUSZ KORCZAK – HENRYK GOLDSZMIT

(1878-1942) – POLÔNIA	38
------------------------------------	-----------

Janusz Korczak – Henryk Goldszmit

Cláudia Regina KAWKA MARTINS

OS SETENTA ANOS DA MORTE DE JANUSZ KORCZAK	41
---	-----------

70 rocznica śmierci Janusza Korczaka

Magda SENDECKA
CINEMA POLONÊS. MARCADOS PELA HISTÒRIA 45
Polskie kino. Naznaczeni przez historię

Stanisław PAWLISZEWSKI
**ABERTURA DE EXPOSIÇÃO NO PARLAMENTO
DA POLÔNIA** 50
Otwarcie wystawy w Polskim Sejmie

ARTIGOS

Artykuły

**MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI
POR OCASIÃO DO VII CONGRESSO MUNDIAL
DA PASTORAL DO TURISMO**
(Cancún, 23-27 de Abril de 2012..... 54
*Przesłanie papieża Benedykta XVI z okazji VII światowego kongresu
duszpasterstwa turystów*

Wilson Carlos RODYCZ
A SZLACHTA E A PARTILHA DA POLÔNIA 57
Polska szlachta, a rozbiory Polski

Teresa SMOLIŃSKA
**A ATUAL ALDEIA SILESIANA E A SUA TRADIÇÃO
CULTURAL DO SÉCULO XIX** 65
Współczesna wioska śląska i jej tradycje kulturowe w XIX w.

Renata SIUDA-AMBROZIAK
**MUDANÇAS NA RELIGIOSIDADE E COSTUMES RELIGIOSOS DOS
DESCENDENTES DOS POLONESES EM ÁUREA**..... 83
*Przemiany w religijności i zwyczajach religijnych potomków polskich
osadników w Áurea*

Nazareno Dalsasso ANGULSKI PRESENÇA E CONTRIBUIÇÃO DOS POLONESES NA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA	96
<i>Obecność i wkład Polaków w południowym regionie Santa Catarina</i>	

Alberto STAWINSKI CEM ANOS DE UMA CONGREGAÇÃO FUNDADA NA RÚSSIA	112
<i>Stulecie zgromadzenia założonego w Rosji</i>	

Paulo FILIPAK A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA	126
<i>Zgromadzenie siostr franciszkanek Świętej Rodziny</i>	

POEMAS

Wiersze

Francisco José dos Santos BRAGA TÉCNICAS DE VISUALIZAÇÃO EM POEMAS INFANTIS DO POETA POLONÊS LUDWIK JERZY KERN	131
<i>Techniki wizualizacji w poezji dla dzieci polskiego poety Ludwika Jerzego Kerna</i>	

ENTREVISTAS

Wywiady

Antônio do AMARAL ROCHA IVAN GODOY "POLÔNIA"	144
<i>Ivan Godoy "Polska"</i>	

RESENHAS

Przegląd literacki

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr

DE SOUZA FARAH, Audrey Lilian. São Mateus do Sul

100 anos. Curitiba: Arte 2012, pp. 248. 152

CRÔNICAS

Wydarzenia

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

ENCONTRO MUNDIAL DOS REITORES DAS MCPS

NA CAPITAL DOS PRIMAZES DA POLÔNIA..... 154

*Światowe spotkanie rektorów Polskich Misji Katolickich
w stolicy prymasów Polski*

Isabela KUBINSKA

ENTREGA DE PRÊMIOS NO CONCURSO PLÁSTICO

“POLÔNIA E BRASIL – MAIS PRÓXIMOS DO QUE NOS PARECE”NO

MUSEU DA PEQUENA CIDADE EM BIEŻUŃ, VOIVODIA DA

MAZÓVIA 158

*Wręczenie nagród w konkursie plastycznym “Polska i Brazylia –
bliżej niż się wydaje” w muzeum w Bieżuniu, w woj. mazowieckim*

Salus LOCH

JUPEM CONQUISTA O BRASIL 160

“Jupem” podbija Brazylię

Zdzisław MALCZEWSKI SChr

AS RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II

PARA A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA 165

Relikwie bł. Jana Pawła II dla brazylijskiej wspólnoty polonijnej

Zdzislaw MALCZEWSKI SChr PEREGRINAÇÃO DAS RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II.....	168
<i>Pielgrzymowanie relikwii bł. Jana Pawła II</i>	

4º FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS de outubro 2012 a março de 2013 nos principais centros culturais do Brasil	170
<i>4 festiwal polskiego kina</i>	

EFEMÉRIDES

Diariusz

ANO DE 2012.....	180
-------------------------	------------

EDITORIAL

Com grande satisfação apresentamos aos nossos leitores mais um número de *Polonicus*. Esperamos que possam encontrar nele muitos textos que poderão familiarizá-los – ainda que de forma fragmentária – com a realidade da Polônia e da nossa comunidade polônica brasileira. Convidamos então à sua leitura, bem como a que os nossos leitores enviem à redação os seus textos, que poderão enriquecer-nos com notícias e informações.

Abaixo quero apresentar ao caro leitor o conteúdo deste número da nossa revista.

Na primeira parte, *POLÔNIA*, publicamos sete artigos relacionados com o país que para muitos é o país dos nossos antepassados e para outros, especialmente para os leitores brasileiros, talvez possa ser ainda um país pouco conhecido. Józef Rell (que durante a Segunda Guerra Mundial lutou pela libertação da Polônia do jugo da Alemanha nazista) apresenta a família como a verdadeira fonte e o fundamento do polonismo. Vale a pena voltar aos valores que não perdem importância apesar da passagem do tempo, da moda ou de novas correntes comportamentais no mundo contemporâneo e que diretamente se relacionam com a família – aquela comunidade mínima mas importante em que se molda a personalidade da nova geração. Em razão dos 150 anos do Levante de Janeiro de 1863 – no qual os poloneses assumiram uma luta desigual, tendo por objetivo a libertação da pátria do jugo das potências ocupantes – foi planejada uma conferência científica que se realizará na segunda quinzena de janeiro de 2013 em Gorzów Wielkopolski, com a seguinte temática: “O papel dos levantes pela independência, nos séculos XIX e XX, na História da Polônia e dos poloneses na Polônia e no exterior”. O atual ano de 2012 foi dedicado pelo Senado da Polônia a três eminentes personalidades: o Pe. Piotr Skarga SJ, Janusz Korczak e Józef Ignacy Kraszewski. No presente número, propomos ao leitor que se familiarize com a biografia do Pe. Piotr Skarga SJ, de autoria de Mariano Kawka, nosso fiel colaborador do periódico *Polonicus*. Uma outra personalidade, talvez ainda pouco conhecida no Brasil, é Janusz Korczak. Por isso publicamos uma breve biografia desse heroico pedagogo polonês de origem ju-

dia. Por sua vez Cláudia Regina Kawka Martins, por ocasião dos 70 anos da morte dessa ilustre personagem no campo de concentração de Treblinka, apresenta um texto dedicado a essa importante personalidade não apenas na História polono-judaica. Outra temática que queremos apresentar ao nosso leitor é a História do Cinema Polonês. Nos últimos anos, graças à iniciativa das representações diplomáticas polonesas no Brasil, têm sido apresentadas em diversas cidades mostras de filmes poloneses. É por isso que vale a pena ler o texto de Marta Sandecka, para melhor compreender o atual cinema polonês. O autor seguinte, Stanisław Pawliszewski, descreve a solene abertura da exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece” no Parlamento da Polônia. Essa exposição foi montada por ocasião dos 90 anos dos contatos diplomáticos entre os nossos países.

Na segunda seção do nosso periódico, *ARTIGOS*, publicamos alguns textos interessantes. Primeiramente o prezado leitor poderá familiarizar-se com a mensagem do Papa Bento XVI por ocasião do VII Congresso Mundial da Pastoral dos Turistas, que se realizou em Cancún, no México, em abril deste ano. A seguir Wilson Carlos Rodycz nos apresenta um texto muito interessante a respeito da nobreza polonesa no período das partilhas da Polônia. A temática abordada pelo autor é pouco conhecida no Brasil. Com certeza nem todos os interessados pela comunidade polônica brasileira sabem que o primeiro grupo de colonos poloneses que veio em 1869 à então província de Santa Catarina emigrou de Siołkowice, da região de Opole. Em seu texto, Teresa Smolińska apresenta a atual realidade dessa aldeia de Opole e a sua tradição no século XIX. Pesquisadora da História da nossa coletividade polônica, Renata Siuda-Ambroziak apresenta os resultados das suas pesquisas a respeito das mudanças na religiosidade e nos costumes religiosos dos descendentes dos colonos poloneses em Áurea, no estado do Rio Grande do Sul. O nosso fiel articulista e pesquisador da comunidade polônica no estado de Santa Catarina, Nazareno Dalsasso Angulski, escreve em seu artigo a respeito da presença e da contribuição dos poloneses estabelecidos na região sul do mencionado estado de Santa Catarina. Em seguida publicamos dois textos que de certa forma se complementam no que diz respeito à História da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família. O primeiro artigo é de autoria de Frei Alberto Stawinski, falecido há alguns anos, e surgiu em

meados dos anos 50 do século passado em forma de manuscrito. O segundo artigo é de autoria de Paulo Filipak, que em anos passados foi um líder polônico muito engajado em Curitiba. O autor relaciona o seu texto com a canonização (no dia 11.11.2009) do arcebispo Zygmunt Szczęsny Feliński – fundador da mencionada Congregação.

Na seção *POEMAS*, publicamos um texto que certamente será do interesse dos nossos leitores. O colaborador da nossa revista Francisco José dos Santos Braga, que é fascinado pela música de Chopin e pela atual literatura polonesa, apresenta em seu texto a figura de Ludwik Jerzy Kern e a sua poesia direcionada ao leitor jovem.

A seção seguinte da revista é *ENTREVISTAS*. Publicamos nela uma entrevista do escritor e jornalista da Rádio Senado Ivan Godoy, que foi apresentada na internet no portal da Editora Alfa-Ômega, pela qual foi publicado o mais recente livro do autor, intitulado Polônia. Expressamos aqui a nossa gratidão à Editora Alfa-Ômega por ter autorizado a publicação da entrevista na nossa publicação. Com certeza essa entrevista despertará o interesse dos nossos leitores pelo livro, que deve estar presente nas bibliotecas das pessoas de origem polonesa, bem como nas dos brasileiros que se interessam pela História da Polônia e pela sua situação atual.

Na seção seguinte do periódico, *RESENHAS*, o Pe. Benedito Grzymkowski apresenta ao caro leitor o livro-álbum de autoria de Audrey Lilian de Souza Farah – *São Mateus do Sul 100 anos*. Essa cidade, que atualmente se encontra em franco desenvolvimento, situada a cerca de 170 quilômetros ao sul de Curitiba, contou na sua origem e na sua rica História com a colaboração de colonos europeus, entre os quais não pode ser esquecida a significativa contribuição do trabalho dos emigrados poloneses e dos seus descendentes.

A última seção da revista é *CRÔNICAS*. Publicamos nela alguns textos que descrevem fatos importantes relacionados com a colônia polonesa no Brasil e com os nossos países. O redator da revista publica uma reportagem a respeito do encontro mundial dos reitores das Missões Católicas Polonesas que se realizou em Gniezno. Isabela Kubińska descreve a solenidade da en-

trega dos prêmios aos vencedores do concurso plástico intitulado “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece”. A mencionada solenidade realizou-se em Biezun, na voivodia da Mazóvia. Salus Loch escreve a respeito da vitória do “Jupem” – conjunto de folclore polonês de Erechim, que participou do festival de dança em Joinville, no estado de Santa Catarina (18-28 de julho de 2012), no qual ganhou o primeiro prêmio, encantando com a sua apresentação todo o Brasil. Em razão do próximo aniversário dos 60 anos de existência da Missão Católica Polonesa no Brasil, o seu atual reitor, quando se encontrava na Polônia, pediu a Sua Eminência o cardeal Stanisław Dziwisz relíquias do Beato João Paulo II para a comunidade polônica do Brasil. Essas relíquias já estão peregrinando por diversas comunidades, e não apenas polônicas, em diversos lugares do Brasil. Na reportagem seguinte, o mesmo autor descreve a peregrinação das relíquias do Beato João Paulo II – que entre os brasileiros e no seio da comunidade polônica local desfrutou de profundo amor e respeito. O texto seguinte nessa seção apresenta informações detalhadas a respeito do IV Festival do Cinema Polonês no Brasil, programada para o período de outubro de 2012 a março de 2013.

Para complementar essa seção publicamos ainda as *EFEMÉRIDES*, onde publicamos breves informações a respeito da vida da comunidade polônica brasileira ou de acontecimentos importantes nos contatos entre os nossos países amigos. Essa seção compreende o período de 23 de maio a 29 de novembro de 2012.

Tenho a esperança de que o prezado leitor fará bom uso dos materiais publicados no presente número da nossa revista Polonicus e de que assim conhecerá alguns fatos da História da Polônia e do Brasil, em especial da comunidade polonesa presente e ativa na Terra da Santa Cruz, à qual é dedicado o nosso periódico.

Desejo uma agradável e proveitosa leitura!

Zdzislaw Malczewski SChr – redator

WSTĘP

Z dużą satysfakcją oddajemy do rąk naszych Czytelników kolejny numer „Polonicusa”. Mamy nadzieję, że Czytelnik znajdzie wiele tekstów, które przybliżą mu – fragmentaryczną - rzeczywistość Polski i naszej wspólnoty polonijnej w Brazylii. Zapraszamy do lektury, jak również do przesyłania do redaktora swoich tekstów, które mogą nas ubogacić zawartymi w tekście faktami, informacjami.

Poniżej pragnę zaprezentować Drogiemu Czytelnikowi treść obecnego numeru naszego czasopisma.

W pierwszej części **POLSKA** publikujemy siedem artykułów związanych z naszym krajem; dla wielu czytelników krajem pochodzenia ich przodków, a dla innych, szczególnie czytelników Brazylijczyków – być – może krajem mało jeszcze znanym. Józef Rell (walczący podczas drugiej wojny światowej o niepodległość Polski spod jarzma hitlerowskich Niemiec) przedstawia rodzinę, jako prawdziwe źródło i fundament polskości. Warto powracać do wartości, które nie tracą na ważności pomimo upływu czasu, mody, czy też nowych trendów zachowawczych we współczesnym świecie, które bezpośrednio dotyczą rodzinę - tę najmniejszą, ale ważną wspólnotę, w której kształtuje się osobowość nowego pokolenia. Dla upamiętnienia tego krwawego wydarzenia - w którym Polacy podjęli nierówną walkę mając na celu wyzwolenie kraju spod jarzma zaborczych potencji - zaplanowano konferencję naukową, która odbędzie się w drugiej połowie stycznia 2013 r. w Gorzowie Wielkopolskim. Temat wspomnianej konferencji naukowej brzmi „Rola powstań o niepodległość, w kraju i poza granicami kraju, w XIX i XX wieku w historii Polski i Polaków. Obecny, 2012 rok Sejm Polski poświęcił trzem wybitnym postaciom: ks. Piotrowi Skardze TJ, Januszowi Korczakowi i Józefowi Ignacemu Kraszewskiemu. W obecnym numerze proponujemy Czytelnikowi zapoznanie się z biografią ks. Piotra Skargi SJ autorstwa naszego wiernego współtwórcy periodyku „Polonicus”. Inną postacią, szkoda, że mało znaną w Brazylii, jest Janusz Korczak. Stąd też zamieszczamy krótką notkę biograficzną tego bohaterskiego pedagoga polskiego żydowskiego pochodzenia. Z kolei Claudia Regina Kawka Martins

okazji 70. rocznicy jego śmierci w hitlerowskim obozie koncentracyjnym w Treblince, prezentuje tekst poświęcony tej ważnej postaci w dziejach nie tylko polsko-żydowskich. Inną tematyką, którą pragniemy przybliżyć naszemu Czytelnikowi to, historia polskiego kina. W ostatnich latach dzięki inicjatywie polskich przedstawicielstw dyplomatycznych w Brazylii odbywa się w różnych miastach tego kraju prezentacja najnowszych polskich filmów. Stąd też warto zapoznać się z tekstem Magdy Sendeckiej, aby lepiej zrozumieć współczesne polskie kino. Kolejny autor, Stanisław Pawliszewski opisuje uroczyste otwarcie wystawy „Polska i Brazylia bliżej niż się wydaje” w Sejmie RP. Wystawa została przygotowana z okazji 90. lecia kontaktów dyplomatycznych pomiędzy naszymi krajami.

W drugim dziale naszego periodyku *ARTYKUŁY* zamieściliśmy kilka ciekawych tekstów. W pierwszej kolejności Szanowny Czytelnik może zapoznać się z przesłaniem papieża Benedykta XVI z okazji VII Światowego Kongresu Duszpasterstwa Turystów, jakie odbywało się w Cancún (Meksyk) w kwietniu br. Z kolei Wilson Carlos Rodycz przygotował bardzo interesujący artykuł o polskiej szlachcie w okresie rozbiorów Polski. Poruszona w tekście tematyka jest mało znana w Brazylii. Z pewnością nie wszyscy zainteresowani Polonią brazylijską wiedzą, że pierwsza grupa polskich osadników, która przybyła w 1869 r. do ówczesnej prowincji Santa Catarina, wyemigrowała z Siołkowic, z opolskiego. Teresa Smolińska przedstawia w publikowanym tekście aktualną rzeczywistość tej opolskiej wioski i jej tradycje w XIX wieku. Badaczka dziejów naszej społeczności polonijnej Renata Siuda-Ambroziak przedstawia wyniki przeprowadzonych swoich badań terenowych na temat przemian religijności i zwyczajów religijnych potomków polskich osadników w Aurea, w stanie Rio Grande do Sul. Nasz wierny publicysta i badacz Polonii w stanie Santa Catarina Nazareno Dal-sasso Angulski w swoim artykule pisze o obecności i wkładzie Polaków osiadłych w południowym regionie wspomnianego stanu Santa Catarina. Z kolei zamieszczamy dwa teksty, które w pewien sposób się uzupełniają, jeśli chodzi o historię zgromadzenia sióstr franciszkanek Świętej Rodziny. Pierwszy artykuł jest dziełem, zmarłego przed kilkunastu laty, ojca Alberta Stawińskiego. Tekst powstał w latach 50-tych ubiegłego wieku w formie rękopisu. Drugi artykuł jest autorstwa Pawła Filipaka, który przed laty był

bardzo zaangażowanym liderem polonijnym w Kurytybie. Swój tekst rozpoczyna od kanonizacji (11.XI.2009 r.) arcybiskupa Zygmunta Szczęsnego Felińskiego - założyciela wspomnianego zgromadzenia.

W dziale **WIERSZE** publikujemy – z pewnością interesujący – tekst dla naszego Czytelnika. Właśnie współpracujący z naszym periodykiem Francisco Jose dos Santos Braga, który fascynuje się muzyką Fryderyka Chopina i współczesną literaturą, w publikowanym tekście przedstawia Ludwika Jerzego Kerna i jego poezję skierowaną do młodego czytelnika.

Kolejny dział czasopisma to **WYWIADY**. Publikujemy w nim wywiad pisarza i dziennikarza radia Senatu Brazylii - Ivana Godoya, który ukazał się w portalu internetowym wydawnictwa Alfa-Omega, które wydało jego najnowszą książkę zatytułowaną „Polonia”. Wypowiadamy słowa wdzięczności dla Wydawnictwa Alfa-Omega za wyrażenie zgody na publikację tego wywiadu w naszym czasopiśmie. Z pewnością ten wywiad zaciekawi naszych Czytelników książką, która winna być w bibliotekach osób polskiego pochodzenia, jak też Brazylijczyków interesujących się dziejami, jak też aktualną Polską.

W kolejnym dziale periodyku **PRZEGLĄD LITERACKI** ks. Benedykt Grzymkowski SChr prezentuje Drogiemu Czytelnikowi książkę-album autorstwa Audrey Lilian de Souza Farah „Sao Mateus do Sul 100 ano”. Współcześnie to rozwijające się miasteczko - położone około 170 km na południe od Kurytyby - swoje początki, a i bogatą historię europejskim osadnikom. Nie można przeoczyć znaczącego wkładu pracy, potu naszych wychodźców, jak i ich potomków.

Ostatni dział periodyku to **WYDARZENIA**. Zamieszczamy w nim kilka tekstów opisujących ważne fakty związane z Polonią brazylijską, jak też i naszymi krajami. Redaktor pisma zamieszcza reportaż ze światowego spotkania rektorów Polskich Misji Katolickich, jakie miało miejsce w Gnieźnie. Isabela Kubińska opisuje uroczystość wręczenia nagród dla zwycięzców konkursu plastycznego nt. „Polska i Brazylia – bardziej bliskie niż się wydaje”. Wspomniana uroczystość odbywała się w Bieżuniu, w województwie

mazowieckim. Salus Loch pisze o zwycięstwie „Jupem” - zespołu folkloru polskiego z Erechim, który brał udział w festiwalu tańca w Joinville, w stanie Santa Catarina (18-28 lipca 2012 r.), gdzie uzyskał pierwszą nagrodę, zachwycając swym występem całą Brazylię. W związku ze zbliżającą się 60. Rocznicą istnienia Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii, jej aktualny rektor, będąc w Polsce poprosił Jego Eminencję kardynała Stanisława Dziwisza o relikwie błogosławionego Jana Pawła II dla Polonii brazylijskiej. Relikwie już pielgrzymują po różnych wspólnotach, nie tylko polonijnych, w różnych miejscach Brazylii. Ten sam autor w kolejnym reportażu opisuje pielgrzymowanie relikwii błogosławionego Jana Pawła II - cieszącego się wśród Brazylijczyków i tutejszej społeczności polonijnej wielką miłością i szacunkiem. Kolejny tekst w tym dziale to szczegółowe informacje o 4 festiwalu filmów polskich w Brazylii, trwający od października 2012 r. do marca 2013 r. W ramach tego działu zamieszczamy także *DIARIUSZ*, gdzie zamieszczamy krótkie informacje z życia społeczności polonijnej, czy też ważniejsze wydarzenia w kontaktach naszych zaprzyjaźnionych krajów. Diariusz obejmuje okres od 23 maja do 29 listopada 2012 r.

Mam nadzieję, że Drogi Czytelnik skorzysta z materiałów zamieszczonych w niniejszym numerze naszego czasopisma „Polonicus” i dzięki nim pozna niektóre fakty z dziejów tak Polski, jak też i Brazylii, a w szczególności społeczności polskiej obecnej i aktywnej w Ziemi Krzyża Świętego, której poświęcony jest nasz periodyk.

Życzę miłej, przyjemnej i pożytecznej lektury!

Zdzisław Malczewski SChr - redaktor

O LAR ERA O FUNDAMENTO DO POLONISMO*

Józef RELL**

Ultimamente muito se fala da necessidade da educação política da jovem geração. Enfatiza-se que um modelo para isso pode ser a educação da geração de antes da guerra, concentrada no lema “Deus – Honra – Pátria”, que pela sua postura no período da guerra deu provas de amor à Pátria. Tentemos mostrar como o etos da juventude era moldado nos tempos de antes da guerra.

O importante é compreender o ideal do etos e mostrar a influência que ele teve na moldagem do patriotismo. Permito-me apresentar certos sentimentos que recorde de antes da guerra.

O patriotismo do polonês moldava-se na família, na escola, no ambiente em que vivia e na Igreja. Nós trouxemos de casa a fala polonesa. Eram principalmente a mãe, o pai e a família que nos ensinavam a língua polonesa. Essa era a primeira etapa da moldagem da nossa postura patriótica. Era o lar o fundamento do polonismo. A língua era bela, simples e pura. O verso de W. Bełza “Quem és tu? - Sou um pequeno polonês” era o nosso primeiro catecismo. Em muitas famílias, a leitura comum da “Trilogia” de Henryk Sienkiewicz servia ao aprofundamento da língua polonesa e era a primeira lição de patriotismo. A partir dessa leitura nós conhecíamos a história da nossa nação e o seu heroísmo.

As tarefas dos pais e da família não se restringiam unicamente ao ensino

**<http://www.naszdziennik.pl> (9.11.2012). Em nome dos nossos leitores, expressamos cordiais agradecimentos à Redação de “*Nasz Dziennik*” por ter autorizado a publicação do presente artigo na nossa revista.

** O autor foi soldado das Fileiras Cinzentas, lutou com o pseudônimo de “Klon” (Bordo) e é membro da Comissão para Assuntos de História, Publicações e Memória Nacional da Administração Geral da União Mundial de Soldados do Exército Nacional.

Polônia

da língua. Desde os primeiros anos de vida, era moldada em nós a emotividade, a fé e o respeito aos mais velhos e aos falecidos. Aludia-se ao passado da família e conscientizava-se do significado das lembranças familiares, regionais ou nacionais. Estimulava-se à estima e à cortesia não apenas diante dos familiares, mas também dos estranhos. Conscientizava-se de que o afastamento dos comportamentos que obrigavam na família podia ser algo de mau. Buscávamos o exemplo em nossos pais. Eram eles que moldavam em nós a ambição de não sermos piores que as outras crianças, e até que fôssemos melhores que elas. Essa eventual rivalidade não excluía a benevolência diante daqueles dos quais devíamos ser melhores.

Era importante moldar o hábito de ajudar aos pais, aos irmãos ou até às pessoas estranhas, com a convicção de que as boas ações nos proporcionam muita satisfação e alegria. Demonstrava-se que mais vale ser bom do que possuir algo, mesmo algo materialmente valioso. Evidentemente isso não reprimia o nosso respeito ao pesado trabalho da família para o seu sustento. Éramos conscientizados do significado da justiça e do grande valor que representa para a pessoa a sua honra e dignidade. Ensinavam-nos também a humildade, mas não a humildade servil, e mostravam-nos o valor da tolerância, mas não diante do mal. A determinação moldava o nosso caráter. Não éramos mimados, e tínhamos sempre obrigações de que devíamos prestar conta.

Tais comportamentos, inicialmente repetidos por recomendação, e depois com uma compreensão sempre mais profunda, penetravam no nosso inconsciente e se tornavam hábitos, normas morais. Edificavam o nosso etos.

Era essencial na nossa postura o devido valor dado aos vínculos de sangue, a fraternidade, o sentimento de comunidade, a benevolência e a nobreza e o chamado apego às pessoas e ao ambiente. Tais comportamentos desenvolviam-se num âmbito cada vez maior: família, vizinhos, amigos, colegas de classe, escola, aldeia, rua, cidade, região e toda a Polônia.

Dirá alguém que se trata de princípios normais de comportamento. Sim, esses eram antigamente princípios normais com que se guiava a maioria das famílias, e hoje assim justamente deveria ser educada a geração mais

| Polônia

jovem.

A etapa seguinte na moldagem da postura dos jovens, que merece reconhecimento, era a influência do ambiente. Os pais tinham influência na escolha dos nossos amigos e amigas. “Evite brincadeiras com este ou aquele” – eles nos advertiam. “Não o imite, porque é grosseiro nas palavras e no comportamento. Procure afastá-lo do mal. Defenda o mais fraco”. Essas advertências e recomendações eram por nós levadas a sério, e a sua inobservância podia acarretar a vergonha não apenas a nós, mas também à nossa família. A honra dos nossos semelhantes era para nós um valor precioso. Em casos especiais, estávamos prontos a sacrifícios, mesmo por aqueles a quem não apreciávamos, caso eles se defrontassem com alguma desgraça ou injustiça. Acima de tudo mantínhamos laços de solidariedade com o grupo, com os colegas de classe, com a região onde residíamos. O coleguismo não se expressava somente nas brincadeiras, nas quais eram obrigatórias normas de digna rivalidade, mas também na estima, na palavra dada e na dedicação.

Envolvíamos de respeito as nossas colegas, procurando ajudar-lhes. Era inimaginável utilizar na presença delas uma palavra feia ou grosseira, e reagíamos decididamente ao comportamento inadequado dos outros. Tal comportamento em nosso ambiente transformava-se num hábito nosso, “entrava no nosso sangue”.

A nossa geração recorda a verdadeira escola fundamental polonesa, para todos obrigatória e universal, assim como para muitos ainda a escola média. Os nossos professores eram verdadeiros mestres por vocação! Dedicados, solícitos, amigos, justos, apresentando uma elevada dignidade e cultura pessoal. Sentíamos que eles faziam questão que gostássemos deles. Eles eram para nós um modelo, desde o momento em que transpúnhamos o limiar da escola. Nós lhes devotávamos respeito.

A sala de aula impressionava pela ordem que nela reinava. Na parede frontal o crucifixo – símbolo da fé, e o brasão da Polônia – a ativa e cheia de nobreza águia polonesa coroada, tendo ao lado o retrato do presidente da República e Marechal Józef Piłsudski e, nos últimos anos antes da guerra, também o do herói nacional Marechal Edward Rydz-Śmigły. Essa ornamentação da sala de aula era obrigatória e nos lembrava quem éramos. Estimulava

Polônia

lava ao respeito à nossa Pátria. O início das aulas com uma oração promovia uma atmosfera de concentração. A essa escola demonstravam respeito também os nossos colegas judeus. Havia casos em que eles permaneciam até nas aulas de religião. Nós lhes retribuíamos demonstrando reconhecimento à sua fé. Nas solenidades escolares, o cântico do hino nacional ou de outras canções patrióticas produzia um ambiente solene, comovia os corações e enchia de orgulho.

A turma era geralmente um grupo de cerca de 40 alunos de faixa etária semelhante. Na medida do possível cuidadosamente trajados, usando uniformes que eram tratados como um símbolo de distinção e dignidade. A cor do distintivo significava a graduação escolar. E o escudo na manga, que identificava a escola, era apreciado como se fosse uma medalha conquistada. Essas formas exteriores de vida escolar congregavam. Sentíamos que havia entre nós um vínculo quase familiar. A honra da nossa sala era para nós um valor precioso, da mesma forma a da família. O coleguismo transformava-se em fraternidade. Sentíamos cada vez mais a necessidade de nos ajudarmos mutuamente, de preferência não facilitando a cola, mas fornecendo explicações ou recordando conteúdos de aulas por vezes difíceis. Os nossos educadores despertavam em nós a ambição de sermos os melhores no estudo e no esporte. Nem todos éramos igualmente dotados, algumas vezes cometíamos negligências, mas tínhamos muita, muita pena dos nossos pais entristecidos pelos resultados às vezes medíocres que alcançávamos nos estudos.

Os métodos de ensino nas aulas eram explicações objetivas, explanações racionais na área das ciências exatas e inflamadas aulas de língua polonesa, de história e até de geografia. Não havia a transferência do conhecimento autônomo da ciência ao aluno em casa. Os conteúdos dos manuais escolares eram por nós lidos com entusiasmo, porque eram escritos de forma interessante. A seleção das leituras das disciplinas humanísticas moldava o caráter, despertava a nossa sensibilidade e o sentimento de dignidade nacional, o orgulho de sermos poloneses.

Um grande papel na moldagem da postura moral cabia à literatura. O livro polonês! Nós analisávamos e vivenciávamos os destinos dos heróis que nos podiam servir de exemplo. O livro polonês ensinava o amor a Deus,

Polônia

à Pátria e às pessoas. Dele conhecíamos a história da nossa Nação, ele falava das lutas dos poloneses contra os inimigos nos períodos das guerras, do domínio estrangeiro e das partilhas. Após essas aulas “cresciam em nós asas de amor” à Polônia. As palavras da canção patriótica de Maria Konopnicka “Não abandonaremos a terra de onde provém a nossa estirpe...” causavam impressão até em meninos que bancavam os “durões”. Tal vivência dos conteúdos das canções patrióticas moldava o espírito nacional. Intensificava-se em nós também a convicção de que a nossa bandeira “branca e vermelha” era a mais bela e a mais digna de respeito.

A socialização é um elo importante da educação escolar. Pertencíamos ao escotismo, à Cruz Vermelha Polonesa, ao “Sodalício”, aos “Amigos da Natureza” ou ao coral escolar. Os ideais dessas organizações nos eram muito caros. Tudo isso nos tornava mais próxima a Polônia. Essa era a etapa seguinte do enriquecimento e fortalecimento do nosso etos. A escola polonesa de antes da guerra realmente moldava o patriotismo.

A fé nos era transmitida pelos pais. Primeiramente havia o estímulo, depois a orientação e o encaminhamento na obrigação da oração, na obrigação de participar da missa nos domingos e dias santificados. Na cabeceira das nossas camas encontrava-se o símbolo da fé, no pescoço – obrigatoriamente a medalha da Primeira Comunhão. Sentíamos a necessidade de tirar o boné diante da cruz ou de uma capelinha à beira da estrada. Com o padre, na qualidade de prefeito, tínhamos contato todos os dias na escola. Não somente nas aulas de religião, mas também em cordiais diálogos durante os recreios. Havia ocasiões em que ele até jogava bola conosco. As aulas de religião eram sempre interessantes, apoiadas por exemplos da vida e por frequentes alusões ao patriotismo. Acontecia às vezes que o padre, para nos interessar pelo destino dos heróis que eram para nós o modelo de um polonês, lia trechos literários. Nós gostávamos dos nossos prefeitos.

Igreja. Na medida em que nos tornávamos adultos, sentíamos a necessidade de participar das celebrações, e até de entrar na gruta para rezar uma “ave-maria”. A participação na vida religiosa tornava-se para nós uma necessidade espiritual. Para a missa, íamos organizados saindo da frente do prédio escolar. Impressionavam-nos de maneira especial as celebrações rela-

Polônia

cionadas com as festas e datas nacionais.

E para comer “doce de creme de leite” na confeitaria nós só íamos depois do exame de madureza... E nunca ouvíamos alguém nos dizer “façam o que quiserem”. Dessa forma, então, a família, o ambiente, a escola e a Igreja edificavam o etos e moldavam os nossos comportamentos, do que decorria o nosso patriotismo. Quando a Alemanha e a União Soviética invadiram a Polônia em 1939, antes de nos alistarmos em massa sob os estandartes do movimento de resistência do Exército Nacional nós já trazíamos em nossos corações o lema “Deus – Honra – Pátria”.

Milhares de nós deram o testemunho do seu patriotismo na luta contra os invasores. Quantos deles pereceram heroicamente no campo de batalha! Agora nós reverenciamos a sua memória...

Trata-se de reflexões que aos jovens talvez ajudem a compreender que o etos não é uma carga moral única que se recebe de certa forma mágica. Foi preciso dar árduos passos na moldagem e formação do etos para compreender como em nossa consciência surgiu aquele honroso e digno “costume” e obrigação do amor à Pátria.

Será possível e necessária hoje a moldagem de tal postura? Sim! Como poloneses, temos sempre a obrigação de nos preocuparmos com os compatriotas, com a nossa terra natal, com esse nosso patrimônio ou – falando de modo geral – com a nossa Pátria. Sempre vê-la livre e soberana, vê-la vivendo de acordo com os princípios divinos, alegrar-se com os seus sucessos e entristecer-se com os insucessos, defender a sua honra e dignidade, ser orgulhoso não apenas do passado mas também do presente, ter a vontade de defendê-la não apenas com palavras, mas – caso ocorra a necessidade – também com atos, querer trabalhar pelo seu bem e pela sua glória. De cada partícula do nosso etos, repetida pela juventude, brotará o patriotismo! E ele representa hoje para a Polônia a medida da sua razão de estado. A União Europeia não poderá ser uma substituta da nossa Pátria. Nesse organismo “unificado” da União, por exemplo, a Alemanha e a França possuem o seu sentimento nacional; portanto nós também temos o mesmo direito ao nosso polonismo.

Com esse texto eu gostaria de ajudar a compreender quais são os funda-

mentos, as fontes do nosso etos e do patriotismo dele resultante. Ao mesmo tempo presto uma homenagem aos nossos Pais, Mestres, Sacerdotes católicos e de outras religiões por tão zelosamente nos terem educado.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor artykułu przedstawia proces kształtowania się i podwaliny naszego etosu narodowego i wynikającego z niego patriotyzmu. Wskazuje na ogromną i podstawową rolę w tym procesie rodziny, następnie „środowiska koleżeńskie w szkole, wieś, ulica, region i cała Polska.” Odwoływanie się do przeszłości rodzinnej i narodowej stanowiło zasadniczy element wychowania i kształtowanie silnych osobowości i charakterów. Literatura polska uczyła miłości do Boga i Ojczyzny. Kościół stawał się miejscem i czynnikiem utwierdzania postaw altruizmu, a „Bóg, Honor i Ojczyzna” stawały się zawołaniem i gotowością do walki z tym wszystkim co zagrażało Ojczyźnie i dobru drugiego człowieka.

COMEMORAÇÃO DO SESQUICENTENÁRIO DO LEVANTE DE JANEIRO DE 1863 (janeiro 1863 – janeiro 2013)

A queda da República da Polônia, que pereceu em consequência de razões internas e internacionais, não pôde ser evitada pela Insurreição de Kościuszko (1794). No ano seguinte, a Polônia já não existia entre os Estados europeus.

O levante dos seus habitantes no ocaso do século XVIII terminou num desastre e deu início à emigração política de muitos dos seus participantes.

A Polónia só teria recuperado a sua independência se as três potências da época, que a partilharam entre si, fossem simultaneamente derrotadas numa guerra ou se dissolvessem por razões internas, perdendo a capacidade de exercer o domínio sobre os territórios anexados. O futuro demonstrou a justeza dessa hipótese, mas isso aconteceu somente 123 anos depois, no final de 1918.

Os poloneses não esperaram passivamente por circunstâncias que favorecessem a libertação, que durante todo o século XIX não podiam ser previstas. Rapidamente se esqueceram da derrota do exército de Napoleão, cujas fileiras eles reforçaram com milhares de voluntários, na guerra contra a Rússia (1812), insurgindo-se por duas vezes (1831, 1863) contra esse mais temível dos ocupantes, mesmo que as chances para vencê-lo fossem inexistentes. E, caso o destino tivesse favorecido os poloneses, será que as duas outras potências ocupantes teriam entregado voluntariamente os territórios poloneses anexados? Trata-se de uma pergunta que diz respeito à avaliação do conhecimento militar e estratégico dos líderes das revoltas (não apenas das de novembro de 1831 e janeiro de 1863, mas também das seguintes, até o ano de 1944).

O Levante de Janeiro influenciou profundamente os habitantes da Polónia que permaneceram nos territórios ocupados, bem como os emigrantes políticos posteriores (após esse Levante), e permaneceu consolidado na memória coletiva da nação e dos seus dirigentes (especialmente de Józef

Polônia

Piłsudski) graças à poesia, à literatura e à ciência histórica.

O levante da Grande Polônia (1918) e os três levantes da Silésia (1919, 1920, 1921) voltaram-se na direção ocidental, contra um outro vizinho (ocupante em retirada, sob a influência de derrotas militares e causas internas), ocorreram em estreita relação com acontecimentos internacionais, e a avaliação dos seus resultados não é negativa.

A Polônia e os seus habitantes foram tragicamente atingidos pela Segunda Guerra Mundial, pela ocupação alemã e soviética e pelos desastres dos dois levantes (1943, 1944) em Varsóvia.

A situação da Polônia no período da ocupação (1795-1918) foi semelhante àquela dos anos 1945-1989, caracterizada pela perda da soberania, na medida em que a libertação em ambos os casos ocorreu em consequência da dissolução dos opressores (o fim da URSS ocorreu na realidade no final de dezembro de 1991, mas desde 1985 a encaminhavam para isso as reformas políticas iniciadas pelo seu líder da época).

Se um outro levante tivesse ocorrido nesse segundo quinquênio, isto é, após 1985, talvez tivesse tido melhores chances do que as insurreições do século XIX. Por razões internacionais, com certeza não teria tido nenhuma chance um levante em que poderia ter-se transformado a grande mobilização da sociedade na segunda metade de 1981. O desastre foi então evitado por uma decisão estratégica dos dirigentes da época, o que atualmente é compreendido por uma pequena maioria dos poloneses que vivem na Polônia e no exterior.

Os mencionados acontecimentos da história da Polônia, que em seus efeitos têm geralmente resultado em desastres (com a exceção do levante da Grande Polônia e do terceiro da Silésia) são englobados por eventos históricos de resultados bastante diversos. O primeiro deles é a Constituição de 3 de maio de 1791, que na realidade não entrou em vigor, mas que, em razão de uma nova ordem sociopolítica então anunciada, atingiu nos anos seguintes a graduação de uma festa nacional, comemorada pelos habitantes da Polônia e pelos seus emigrados.

O evento triunfante foi o entendimento dos dois lados contrários em 1989, que deu início a uma evolução do regime político. Isso ocorreu sem o

| Polônia

tinido de espadas e o estrondo de canhões, sem vítimas nem destruições, e culminou numa vitória singular. Talvez seja justamente por isso que dividiu os poloneses, de maneira especial as elites políticas.

* * *

O próximo aniversário dos 150 anos do Levante de Janeiro não deve ser uma ocasião para a reabertura de feridas, de lamentações contra o destino desfavorável à Polônia e aos poloneses (como se para os outros ele tivesse sido melhor), contra as desgraças, pelas quais somos propensos a culpar os outros mais que a nós mesmos. As comemorações desse aniversário não podem estimular os preconceitos contra os nossos vizinhos, que há muito tempo deixaram de ser nossos inimigos e convivem conosco em amizade. O futuro da Polônia e dos poloneses na Polônia e no exterior não está na indiscriminada preservação de reivindicações históricas, mas no racional e vivificante estreitamento da integração europeia e da cooperação internacional.

Para a comemoração desse evento histórico, será organizada na Polônia uma conferência científica sobre o tema **“O papel dos levantes pela independência nos séculos XIX e XX na história da Polônia e dos poloneses, dentro e fora das fronteiras do país”**. A conferência está programada para os dias 21-22 de janeiro de 2013 e será realizada no Departamento de Cultura Física em Gorzów Wielkopolski, em colaboração com diversas instituições científicas polonesas.

Os objetivos da conferência serão atingidos caso seja possível analisar nas apresentações e discussões os seguintes problemas:

- as causas e os resultados dos levantes poloneses pela independência para o Estado e a nação, com ênfase especial à emigração posterior aos levantes;
- as reações, dentro e fora da Europa, aos movimentos poloneses pela

Polônia

independência;

- a organização das comemorações dos aniversários desses levantes pelos poloneses dentro e fora do país;
- o papel da tradição dos levantes na literatura, na poesia, na cultura física, na educação e instrução da juventude nos séculos XX e XXI;
- a participação e o papel, na história das aspirações polonesas pela independência, do trabalho orgânico e do etos da contribuição dos poloneses para a edificação de um Estado moderno;
- a superavaliação e a mitização dos acontecimentos históricos.

Para a participação na conferência, os organizadores convidam historiadores, politólogos e representantes de outras ciências da Polônia e do exterior.

A participação deve ser confirmada na secretaria da conferência até o dia 30 de novembro de 2012, e o prazo final para a apresentação das comunicações é 21 de janeiro de 2013. As comunicações apresentadas pelos participantes da conferência ou enviadas serão publicadas no n. 4 da revista semestral *Przeгляд Polsko-Polonijny*, que será publicado até o final de fevereiro de 2013.

A comunicação deve ser de 14-17 páginas normatizadas, incluindo notas e bibliografia, bem como um resumo em língua polonesa (eventualmente inglesa).

O programa da conferência e as informações necessárias serão enviados aos participantes da conferência até 10 de janeiro de 2013.

Stowarzyszenie Naukowe “Polska w Świecie”

Sekretariat

Dr Krzysztof Wasilewski

e-mail: krzys.wasilewski@gmail.com

tel.: (+48) 608 674 784

ZWKF w Gorzowie Wielkopolskim

Sekretariat

Mgr Sylwia Łopato

e-mail: sylwialopato@o2.pl

tel.: (+48) 792 378 988

RESUMO – STRESZCZENIE

W powyższym tekście autor przedstawia nam zarys historyczny okresu historii Polski, gdzie podział kraju przez państwa ościenne wywoływał bunty i powstania przeciwko pozbawieniu ojczyzny wolności i niepodległości. Autor pisze również o odpowiedzialności pewnej grupy w narodzie, która pomogła rozbiorem. Zrywy walki z najeźdźcą o niepodległość kończyły się zwykle klęską nieraz tragiczną, jak miało to miejsce w czasie Powstania Styczniowego, którego 150 rocznica będzie obchodzona w roku 2013 (1863 – 2013).

O QUARTO CENTENÁRIO DA MORTE DO PE. PIOTR SKARGA (1536-1612)

Mariano KAWKA*

Introdução

No final de 2011, o Parlamento da República da Polônia instituiu o ano de 2012 como o Ano do padre Piotr Skarga (1536-1612), bem como do escritor Józef Ignacy Kraszewski (1812-1887) e do pedagogo Janusz Korczak (1878-1942). Trata-se de três personalidades que viveram em épocas distintas e que em áreas diferentes da atividade humana deixaram sua marca indelével na história e na cultura polonesa. Neste ano comemora-se o quarto centenário da morte de Skarga, o segundo centenário do nascimento de Kraszewski e o 70º aniversário da morte de Korczak, o que justifica uma rememoração da obra deles e uma justa homenagem a esses três grandes poloneses. No presente artigo vamos deter-nos na figura do primeiro dos vultos acima mencionados, padre Piotr Skarga, analisando alguns aspectos da sua vida e obra.

O momento histórico

Durante a Contrarreforma, um dos mais proeminentes jesuítas na Polônia foi Piotr Skarga. Seu nome original era Piotr Pawęski. “Skarga” (que em polonês significa “queixa” ou “acusação”) se deve à sua atuação de reformador e crítico. Uma tradução livre para o seu nome poderia ser então “Pedro, o Acusador”. Zeloso sacerdote polonês, instituidor de obras beneficentes, eminente pregador, grande patriota, inquestionável mestre da língua polonesa – são alguns dos predicados a ele atribuídos. Embora durante

* Professor e tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

Polônia

a sua vida ele tivesse granjeado popularidade graças à obra *Żywoty świętych* (Vidas dos santos, 1579), tornou-se conhecido para a posteridade como o autor de um tratado político elaborado em forma de sermões e intitulado *Kazania sejmowe* (Sermões parlamentares, 1597), no qual estigmatizava os principais defeitos visíveis na política e na vida social polonesa.

Na época de Skarga, a República polonesa dos nobres, a chamada Comunidade das Duas Nações (Polônia e Lituânia), já era poderosa, mas possuía também os seus defeitos. A nobreza havia conquistado mui rapidamente a liberdade política, mas não era ainda suficientemente culta e pouco se importava com os demais segmentos da população. Aproveitavam-se disso pessoas poderosas, que atingiram uma excessiva preponderância dentro do Estado. O governo, por sua vez, era frágil, e os reis tinham o poder muito limitado. Dessa forma o Estado polonês começou a enfraquecer e nem sempre tinha condições de enfrentar os perigos que o ameaçavam da parte de poderosos inimigos.

As pessoas sensatas e que verdadeiramente amavam a pátria refletiam sobre isso, previam o futuro ameaçador e trabalhavam pela mudança da postura dos seus concidadãos. Entre essas pessoas, destaca-se um dos maiores patriotas poloneses, mestre da nação e profeta – o padre Piotr Skarga. Os contemporâneos chamaram-no de “tirano das almas humanas”, o que significa que com as suas potentes palavras ele era capaz de convencer os seus ouvintes com tanta facilidade que parecia reinar sobre as suas almas. Mais tarde foi também chamado de “artífice da língua polonesa e seu prepotente senhor”, porque contribuiu muito para moldar e enriquecer a língua polonesa.

Vida e obra

Skarga nasceu em Grójec, perto de Varsóvia. Seus pais (Michał e Anna) eram membros da nobreza empobrecida, que por conta própria se dedicava ao cultivo da terra. Tinham o sobrenome Powęski, que se originava do nome da aldeia Powązki. Pedro foi o filho mais jovem (ele teve três irmãos e duas irmãs). A família Skarga-Powęski só ganhou o seu brasão do rei Sigismundo

Polônia

III quando o padre Skarga já se encontrava na corte do monarca. Ele estudou na escola local e, nos anos 1552-1555, na Academia de Cracóvia, onde obteve o título de mestre em filosofia. Permaneceu por algum tempo em Viena, como educador do filho de uma poderosa família polonesa (Andrzej Tęczyński, castelão de Cracóvia). Tendo voltado ao seu país, em 1564 foi ordenado sacerdote em Lvov (hoje Lviv, na Ucrânia), onde iniciou a sua atividade de pregador na catedral local. Em 1569, em Roma, ingressou na ordem dos jesuítas. Na volta da Itália, foi orador bem-sucedido em Pułtusk, Jarosław e Płock, sob a poderosa proteção da rainha Anna Jagiellonka. Envolveu-se também na fundação de colégios jesuítas (em Połock, Riga, Dorpat) e na atividade filantrópica. O padre Skarga estabeleceu-se então em Vilna, onde, além de dedicar-se a obras de caridade cristã, tornou-se famoso pela sua eloquência. Multidões incontáveis se reuniam para ouvir o inspirado orador. Ele converteu muitas pessoas à religião católica, inclusive a poderosa família Radziwiłł e diversos pastores.

Na Polônia já havia passado a primeira onda das revoluções religiosas de forma relativamente pacífica, graças a muitos bispos sensatos, ao tato do rei Sigismundo Augusto e, em boa medida, graças ao fato de que a nação polonesa se caracterizava por um grande apego à Igreja católica. Entretanto as disputas religiosas ainda persistiam, e muitos dentre a nobreza e os senhores davam atento ouvido às “novidades” que vinham do Ocidente.

Skarga quis ser um apóstolo, fortalecer a sua nação na fé dos antepassados e recuperar para ela os apóstatas. Com esse objetivo renunciou às dignidades que lhe eram oferecidas e ingressou no noviciado na ordem dos jesuítas, na chamada Companhia de Jesus, ordem religiosa que poucos anos antes tinha sido fundada por Santo Inácio de Loyola (1540), justamente com o objetivo de preservar a unidade da fé. Essa ordem religiosa estava presente na Polônia desde 1564, tendo desempenhado um importante papel na educação da juventude, especialmente da pertencente à nobreza.

O rei Stefan Batory imediatamente percebeu os valores de Skarga. No colégio jesuíta de Vilna (escola média), que o rei elevou ao nível de Academia (escola superior), Skarga tornou-se o primeiro reitor, de 1579 a 1584. Ao mesmo tempo, atendendo a um pedido do rei, ele fundava e

Polônia

organizava escolas jesuítas nas terras recentemente recuperadas de Połock (atual Bielorrússia) e Inflanty ou Livônia (atual Estônia e Letônia). Agora não apenas a Lituânia, mas também a Livônia ressoava com a fama do seu nome. Os mais empedernidos descrentes não podiam opor-se a ele, embora lutasse apenas com a palavra e o exemplo de uma vida piedosa e verdadeiramente cristã.

Após onze anos de permanência na Lituânia, em 1584 os superiores chamaram-no a Cracóvia, onde Skarga fundou a “Irmandade da Misericórdia” e o “Banco Pio”, isto é, uma instituição financeira que tinha por objetivo livrar as pessoas das garras dos agiotas.

Conselheiro real e profeta

O rei Sigismundo III Waza, logo após subir ao trono polonês, convocou o padre Skarga para ser o pregador da corte, tarefa que, a partir de 1588, ele exerceu por 23 anos, até 1611, permanecendo primeiramente na corte em Cracóvia e depois em Varsóvia.

Ele havia atingido então o ápice da fama: “Iluminou com os seus sermões dezoito assembleias gerais do Parlamento”.

Skarga apareceu na sala do parlamento, segundo a sua própria expressão, “como deputado, mas não de um distrito”, porque possuindo uma legação de Deus diante da nação, a fim de convocá-la à emenda, ainda que ele próprio dissesse que não se atribuía o santo dom da revelação. Ele pronunciava sermões nas celebrações religiosas do parlamento, nos dias da abertura e do encerramento dos debates, bem como nos domingos e dias santificados, durante o período dos debates. Pronunciava esses sermões diante do rei, da sua família e da corte, na presença dos deputados e dos senadores. Sem se importar com a graça ou a desgraça da parte dos poderosos, com inaudita coragem expunha à nação as palavras da verdade, conclamando-a à emenda e, em palavras repletas de terror, predizia a queda da Polônia caso não se corrigisse. São conhecidos oito desses seus sermões parlamentares.

Tudo com que pecava a Polônia no século XVI, tudo que lhe censuravam as pessoas melhores e mais sábias mereceu o severo mas justo julgamento de

| Polônia

Skarga. Revelam-se nisso com força extraordinária os seus sentimentos de amor à pátria, indignação contra os seus maus filhos, temor pelo seu futuro e esperança na misericórdia divina.

Eis, por exemplo, o que ele fala a respeito da concórdia doméstica (isto é, no interior do país): “Não tão depressa e tão deploravelmente podeis perecer pela guerra e pela invasão de inimigos de fora quanto pela vossa discórdia. Uma maçã, quando começa a estragar-se de fora, a podridão pode ser recortada, e ela se conservará; mas quando começa a apodrecer e estragar-se por dentro, tudo logo tens de lançar fora e jogar por terra”.

Piotr Skarga foi na História da Polônia o que na História dos israelitas foram os profetas. Como pregador real, ele censurava com especial ênfase e sincera inquietação sobretudo os pecados políticos e sociais. Exigia que o amor à pátria fosse desinteressado, corajosamente repreendia os magnatas, dizendo que eles não estavam preocupados com a felicidade da Polônia mas com o poderio das suas casas e famílias, que estavam lançando a pátria num precipício; tinha a coragem de lhes dizer sem rodeios que os corações deles eram corações de ladrões. Ele advogava o fortalecimento dos poderes do monarca, em detrimento do Sejm (Parlamento), dos magnatas e da nobreza.

Toda a vida de Skarga foi assinalada pelo serviço a Deus e à Pátria, com uma abnegação total de si mesmo. Ele considerava a propagação do catolicismo como uma missão da Polônia e desejava que ela anexasse as terras orientais não apenas sob as asas da sua coroa e cultura, mas também da sua fé. Por isso ele foi a alma do Sínodo de Brześć (Brest), no qual foi aprovada a união da Igreja oriental na Polônia com a Igreja católica. Mas entendia que, se a Polônia devia ser a defensora da fé, ela devia renascer moralmente. Por isso não se cansava de lutar pela moralização do seu país, sem deixar de fora ninguém: censurava a cinzenta multidão dos soldados, dos dignitários, dos senadores, dos deputados, o rei e a sua família – com a sua palavra inflamada voltando as almas deles para Deus.

Sendo já um ancião de 75 anos de idade, afastou-se da corte real e encerrou a sua vida numa cela religiosa em Cracóvia. Foi sepultado nessa cidade, na igreja de S. Pedro e S. Paulo.

Observações finais

Em relação à morte e ao sepultamento de Skarga, um fato curioso foi descoberto quando uma análise dos seus restos mortais, realizada por uma comissão com objetivos de beatificação, demonstrou que ele pode ter sido sepultado vivo, em estado de morte clínica ou letargia, detalhe comprovado por uma danificação nos ossos dos dedos. Essas lesões podem ter sido provocadas por ele mesmo ao voltar a si no túmulo.

Como um registro adicional, observe-se que, como um religioso de assinalada atuação na vida social e política do seu país, Piotr Skarga precede cronologicamente e ombreia com outros eminentes vultos nessa área em outros países, principalmente com dois deles: o luso-brasileiro padre Antônio Vieira (Lisboa 1608 – Bahia BA 1697), orador sacro e missionário português, o maior escritor da língua portuguesa no século XVII, e o francês Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704), escritor e prelado célebre pelas suas pregações, que sustentou a política religiosa de Luís XIV, combatendo os protestantes.

Referências bibliográficas

KLIMASZEWSKI, Bolesław (ed.). *An Outline History of Polish Culture*. Trad. Krystyna Mroczek. Kraków: Jagiellonian University – Interpress, 1984, p. 108.

KRÓL, Kazimierz (red.). *Historia Stu*. Warszawa: Instytucja Wydawnicza „Odrodzenie Polski” Karola Merkerta, 1925, p. 29-30.

http://en-wikipedia.org/wiki/Piotr_Skarga

http://pl-wikipedia.org/wiki/Piotr_Skarga

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku obchodzi się 400-tą rocznicę śmierci ks. Piotra Skargi. Artykuł omawia życie i dzieło tego wybitnego zakonnika polskiego, jednego z największych kaznodziei, patriotów, nauczycieli narodu i proroków w Polsce, który całe życie swoje poświęcił na służbę Bogu i Ojczyźnie, z zupełnym

| Polônia

zaparcie siebie samego. Eksponuje go również jako poprzednika osobistości odznaczających się w innych krajach podobnym rodzajem działalności, szczególnie ks. Antônio Vieira (1608-1697), który urodził się w Portugalii, ale większą część życia spędził w Brazylii, oraz francuskiego pisarza i kaznodziei Jacques Bénigne Bossuet (1627-1704).

JANUSZ KORCZAK – HENRYK GOLDSZMIT (1878-1942) - POLÔNIA*

Henryk Goldszmit, nasceu em Varsóvia - Polônia em 22/07/1878.

Usou pela primeira vez o pseudônimo **Janusz Korczak** em 1898, para participar de um concurso literário.

Teórico e prático da educação, desde sua juventude unia esses dois aspectos.

Formado em medicina na Polônia, aprimorou os seus conhecimentos na Suíça, Berlim, Paris e Londres. Grande ativista social, educador e, por fim, diretor do Orfanato Lar das Crianças e co-fundador do Centro Nosso Lar.

Nestes dois orfanatos Korczak implementou os princípios de respeito aos direitos das crianças, que para a época eram muito inovadores como:

- eliminação da violência;
- regras bem definidas, tanto para os educandos como para os educadores;
- direitos e deveres da criança resultantes da responsabilidade conjunta pelo processo educativo.

Os aspectos mais importantes do conceito de Korczak sobre a educação:

- eliminação da violência, física ou mental, resultante da idade ou da função desempenhada;
- idéia de interação educativa entre adultos e crianças que amplia a definição da pedagogia clássica;
- convicção de que uma criança é o ser humano da mesma forma como o é uma pessoa adulta;
- princípio de que o processo educativo deveria levar em consideração a individualidade que todas as crianças representam;
- fé de que as próprias crianças, por conhecerem melhor as suas

*Texto recebido do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba.

| Polônia

necessidades, aspirações e emoções, deveriam ter o direito de que suas opiniões fossem respeitadas pelos adultos;

- atribuição à criança do direito ao respeito, à ignorância e ao insucesso, à privacidade, à opinião própria e à propriedade;

- reconhecimento do processo de desenvolvimento da crianças como um trabalho difícil.

Os princípios inovadores do funcionamento do orfanato Lar das Crianças e do Centro Nosso Lar resultavam das ideias revolucionárias de Janusz Korczak sobre a psicologia e educação de crianças. Seus trabalhos pioneiros fazem parte do movimento

Educação Nova, surgido no final do século XIX, cujos representantes eram, entre outros, John Dewey, Maria Montessori, Rudolf Steiner e Ellen Key. Korczak, assim como eles, enfatizava a necessidade de dialogar com a criança como com um parceiro igual

Korczak era representante de um considerável grupo de ativistas, nomeadamente pedagogos, médicos e juristas, que enxergavam uma necessidade urgente de mudanças sociais e que lutavam pelos direitos políticos e sociais de grupos excluídos, sobretudo de operários, mulheres, crianças e minorias nacionais (incluindo os judeus). Korczak – ativista social, escritor, publicista e médico no hospital infantil judaico e nos hospitais militares – era muito sensível ao sofrimento das crianças, sobretudo pobres e órfãs, mas também afetadas por relações familiares perturbadas.

Korczak lutava pelos direitos da criança também como escritor e autor de publicações pedagógicas. O seu talento literário fazia com que as difíceis verdades que transmitia chegassem a um público numeroso. As suas ideias, atuais até os dias de hoje, expostas principalmente nos livros “Como amar uma criança” e “O direito da criança ao respeito”, foram implementadas nas iniciativas legislativas a favor das crianças, tomadas depois da II Guerra Mundial. A Polônia teve um papel significativo na realização dessas

| Polônia

iniciativas – tanto preparando a “Declaração dos Direitos da Criança”, de 1959, como também iniciando a criação da “Convenção sobre os Direitos da Criança”, aprovada pela Assembleia Geral das Nações Unidas em 1989.

O romance mais conhecido de Janusz Korczak, “Rei Mateusinho Primeiro”, mostra como a sensibilidade de uma criança, a sua espontaneidade e a imaginação podem mudar a realidade, e como as crianças conseguem se opor ao mundo integrado pelos adultos. A história de um menino que, como o soberano-reformador do mundo, tenta igualar as crianças e os adultos perante a lei, é, na verdade, a história do próprio Janusz Korczak. O livro foi traduzido para mais de 20 idiomas.

Em Varsóvia, Korczak testemunhou a invasão do exército alemão e, quando os nazistas criaram o Gueto de Varsóvia, seu orfanato foi obrigado a se mudar para dentro do gueto. Korczak foi junto, por sua própria vontade para não abandonar suas crianças.

Em agosto de 1942, os nazistas levaram cerca de 200 crianças do orfanato, seus funcionários e Janusz Korczak para o campo de concentração em Treblinka.

RESUMO – STRESZCZENIE

Janusz Korczak to pseudonim wielkiego wychowawcy i pedagoga Henryka Goldszmita. W prowadzonych przez niego instytucjach, zastosował nowe metody wychowania, opracowane z początkiem ubiegłego stulecia, które okazały się rewolucyjne wobec tego co w pedagogice było uważane za tradycyjne. Był nie tylko teoretykiem w wychowaniu, ale praktykiem, który w obronie swoich podopiecznych razem z nim oddał swoje życie w czasie II wojny światowej.

OS SETENTA ANOS DA MORTE DE JANUSZ KORCZAK

Cláudia Regina KAWKA MARTINS*

Neste ano completam-se setenta anos da morte de Janusz Korczak, conhecido escritor, médico e educador polonês que foi assassinado num campo de concentração nazista, provavelmente em Treblinka, no mês de agosto de 1942.

Janusz Korczak nasceu no dia 22 de julho de 1878, em Varsóvia, filho de judeus. Seu verdadeiro nome era Henryk Goldszmit, mas foi sob o pseudônimo de *Janusz Korczak* que ele escreveu várias obras sobre as crianças. Dentre elas, podemos destacar: *Por onde?*, de 1899; *Crianças da rua*, de 1901; *Criança de salão*, de 1906; *Fama*, de 1913; *Momentos educativos*, de 1919; *Como amar uma criança*, de 1919; *A sós com Deus*, de 1922; *O direito da criança ao respeito*, de 1929; *Normas da vida*, de 1930; *Reflexões*, de 1933; *Memórias*, de 1942.

Janusz Korczak publicou mais de 250 artigos, entre peças satíricas e humorísticas, livros sobre pediatria, educação, contos e histórias para crianças. O seu livro *O direito da criança ao respeito* foi a base adotada pela ONU, anos depois, para a formulação da Declaração dos Direitos das Crianças, como parâmetro de atuação mundial para a infância.

O sonho de Korczak era ser escritor, mas, por insistência de seu pai, acabou cursando medicina na Universidade de Varsóvia, onde se formou em 1905. Com a morte do pai e as dificuldades econômicas que a sua família veio a enfrentar, ele começou a dar aulas particulares e participar de concursos literários. Em 1899, conseguiu obter uma menção honrosa com um drama assinado com o pseudônimo de Janusz Korczak, herói de um romance histórico polonês daquele século. Desde que se formou em Medicina, o interesse de Janusz Korczak se voltou para a criança. Atendeu em diversos

* Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

| Polônia

hospitais, foi diretor de um orfanato onde trabalhava sem remuneração e ajudou a criar organizações de auxílio às crianças vítimas da guerra.

Em 1901, Korczak foi para a Suíça aprofundar seus estudos sobre a obra de Johan Heinrich Pestalozzi. Ali passou a fazer faculdade de Pedagogia, entrando em contato com os pensadores da Escola Nova, como John Dewey. O escolanovismo, movimento muito em voga na Europa da época, criticava a escola tradicional e a forma de tratar as crianças como “pequenos adultos”. Era a descoberta da psicologia infantil e da valorização da infância.

Anos depois, Korczak voltou para a Polônia, onde concluiu o curso de Medicina e trabalhou como pediatra. Fez estágios de pediatria na França, Inglaterra e Suíça. Concomitantemente, escreveu artigos em que criticava a escola tradicional e também escreveu seu primeiro romance, *A criança do salão*, que o tornou um famoso escritor, além de médico e educador.

Foi convidado para trabalhar como médico em um orfanato de Varsóvia que abrigava crianças judias carentes, chamado Lar das Crianças. Esse orfanato estava organizado sob os princípios da justiça, fraternidade, igualdade de direitos e obrigações.

Essas crianças traziam consigo medos, ansiedade, desconfianças e um sistema de valores baseados na derrota. Estavam contagiadas pelo ambiente sórdido de onde provinham. A criança de rua não conhecia a vida de família, não tinha rotina ou tradições relacionadas com festas e nunca soube o que era influência paterna, no dia a dia. Korczak procurou ensinar-lhes novos valores e, apesar de não provir de uma família judaica praticante, seguia com as crianças as tradições e festas judaicas. Korczak não era religioso, mas achava que as crianças precisavam acreditar em Deus e rezar. (NOVINSKY, 2002)

Com a crise econômica de 1929 e o aparecimento dos regimes nazi-fascistas na Europa, a situação dos judeus foi tornando-se cada vez mais difícil. Com a invasão nazista na Polônia, em setembro de 1939, e o início da Segunda Guerra Mundial, Korczak abandonou suas funções no Lar das Crianças e foi trabalhar em um hospital militar. Em 1942, os alemães obrigaram que o orfanato fosse transferido para um gueto de Varsóvia. Apesar de todas as dificuldades, Korczak usou sua influência para conseguir

| Polônia

alimentos e medicamentos para as crianças. Teve oportunidade de escapar do gueto, devido ao seu prestígio, porém nunca aceitou abandonar as crianças e o orfanato.

Quando, em agosto de 1942, as crianças foram caminhando para os trens que as levariam ao campo de concentração e à morte na câmara de gás, Korczak foi à frente delas.

A esse respeito torna-se difícil estabelecer uma data exata, mas o fato indiscutível é que no dia 5 de agosto daquele ano Korczak foi levado, juntamente com as crianças e os funcionários da Casa dos Órfãos, da estação ferroviária de Varsóvia. O destino desses infundáveis comboios podia ser apenas um – o campo de morte Treblinka II. Infelizmente, não temos nenhuma notícia a respeito da forma como ele pereceu. Provavelmente o Dr. Korczak morreu na câmara de gás, juntamente com as crianças, mas em que dia – não se sabe. (...) Os corpos de Janusz Korczak e das crianças que com ele pereceram foram queimados. (KISIEL-KIŚLAŃSKI, 1979)

Hoje, setenta anos depois da morte trágica de Korczak e das suas crianças que ele tanto amou e protegeu, fica para nós o exemplo do grande homem, médico, escritor e educador que ele foi. Do homem que abriu mão da sua própria vida, para acompanhar suas crianças até o fim. E, mais do que isso, resgatar e divulgar a história de Korczak e cultuar sua memória é manter vivo o repúdio ao Holocausto e ao nazismo, regime que exterminou um milhão e meio de crianças nos campos de concentração, como se algum regime político ou alguma pessoa pudesse ter o poder de decidir quem pode e quem não pode viver.

Referências Bibliográficas

KISIEL-KIŚLAŃSKI, MIKOŁAJ. Janusz Korczak – Cichy bohater. *Lud*, 21.08.1979, n. 3.641, p. 2.

LEWOWICKI, Tadeusz; SINGER, Helena; MURAHOVSKI, Jayme. *Janusz Korczak*.

São Paulo: Edusp, 1998.

NOVINSKY, Anita. *Janusz Korczak e a esperança perdida*. Apresentação feita no Curso “Janusz Korczak: Ontem-Hoje” no Centro Universitário Maria Antonia – CEUMA/ USP Maio/2002.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autorka przedstawia życiorys Janusza Korczaka, podkreślając jego wszechstronne wykształcenie. Ta wszechstronność pozwoliła Korczakowi dokonać reformy nauczania i wychowania, przede wszystkim w Domach Dziecka, którymi sam kierował. Pozostawił swoim potomnym przykład ofiary i oddania dla najbardziej bezbronnych i potrzebujących.

CINEMA POLONÊS MARCADOS PELA HISTÓRIA*

*Magda SENDECKA***

Como é o cinema polonês contemporâneo? É difícil dar uma única resposta a esta pergunta. A nova Lei da Cinematografia que resultou na criação, em 2005, do Instituto Polonês de Cinema e na mudança da forma de financiamento dos filmes fez com que, na Polônia, fossem lançados anualmente dezenas de filmes, somando cerca de 60 longa-metragens de ficção, incluindo coproduções internacionais. Será possível encontrar nesses filmes alguma regularidade, correntes comuns ou tendências? Sem dúvida, porém é sua diversidade, multiplicidade de temas, de abordagens, bem como de poéticas e estratégias autorais que se destacam acima de tudo.

No entanto, no conjunto dos filmes poloneses selecionados para efeitos deste Festival do acervo dos últimos quatro anos, dominam os que tratam da história moderna e, também, da história mais recente. Na verdade, fora o “Zero” do estreante Pawel Borowski – que pinta um quadro sombrio da moderna metrópole que devora seus próprios filhos – todos os outros artistas tentam descrever um fragmento da história polonesa ou europeia. Mas fazem isso de diferentes maneiras, através de histórias sobre pessoas que observam de perto. Páginas dos livros de história transformam-se, em suas mãos, em particulares histórias de dramas humanos, emoções, derrotas e vitórias.

Quem vai mais longe nesta estratégia é Lech Majewski. Um criador completo, que rompe os limites de estilos e gêneros: diretor de filmes e óperas, roteirista, produtor, escritor, poeta, pintor e *performer* cujas videoartes são

* Texto recebemos do Consulado Geral da Polônia em Curitiba.

** Crítico de cinema.

| Polônia

admiradas em galerias ao redor do mundo.

No seu filme “O Moinho e a Cruz”, Majewski conseguiu algo aparentemente impossível: a renovação da obra de Peter Bruegel, “O Caminho do Calvário”. A ação do filme desenrola-se exatamente no momento em que Bruegel pintou esse famoso quadro, isto é, em 1594, na Flandres ocupada pelas tropas espanholas. Por um lado vemos o artista em seu trabalho, por outro entramos no espaço da obra, habitado por centenas de personagens. A câmera seleciona uma dúzia deles, cujo destino vamos seguir por um único dia, todo o tempo permanecendo dentro deste extraordinário espaço pictórico. O tema da Paixão presente na pintura entrelaça-se com o tema político. O sofrimento do jovem flamengo, torturado pelos soldados espanhóis, personaliza o suplício de Cristo crucificado.

Este filme é um exemplo do excelente uso de tecnologias de filmagem modernas (3D, FX) na realização de uma obra profundamente imersa no tecido cultural, que não apenas aproveita a tradição, mas sim, literalmente, a renova e reinterpreta.

Uma outra obra-prima desse conjunto, premiada nos festivais de Veneza e Gdynia, é “Essential Killing”, de Jerzy Skolimowski. É um exemplo de coprodução internacional, um filme bastante visto e comentado, assim como “O Moinho e a Cruz”, porém não se refere à Idade Média, mas sim a uma das mais difíceis páginas da história recente. Pode-se classificá-lo como um “filme histórico”, embora o tempo e o local da ação sejam tanto próximos como indefinidos. Passa-se nos anos 2000 em algum país ao norte da Europa, talvez na Polônia. Skolimowski – um dos grandes mestres do cinema polonês – não está interessado no concreto, senão no universal. Ele fala sobre um indivíduo em situação extrema que o leva a se transformar em animal de caça. A própria história e a atuação carismática do ator principal, Vincent Gallo, foram premiadas pelo júri do Festival de Cinema de Veneza e de Mar del Plata.

A Segunda Guerra Mundial está presente em muitos filmes poloneses. Basta mencionar os mais marcantes realizadores da escola polonesa de cinema: Wajda, Munk e Różewicz. Não é por acaso que esta temática tem atraído vários diretores ao longo dos últimos anos, que lhe tentam atribuir

Polônia

um tom novo, muitas vezes pessoal.

Um deles é Jan Jakub Kolski – diretor que ocupa um lugar distinto e exclusivo no cinema polonês. Este poeta da província, criador de sua própria versão do realismo mágico, recorreu à criação literária de Włodzimierz Odojewski para descrever no filme “Veneza” a realidade vivida pela aristocracia rural polonesa durante a Segunda Guerra. Criou uma imagem pessoal e poética do desaparecimento de um determinado mundo, do apocalipse visto através dos olhos de um menino no limiar da adolescência, a quem a guerra impediu a realização de uma prometida viagem a Veneza – um ritual de iniciação na tradição de sua família. “Veneza”, através da encantadora fotografia de Arthur Reinhart, é como uma borboleta afogada em âmbar – convida à nostalgia, que aqui é uma fuga do desespero.

Sobre as ruínas do mundo descrito por Kolski em “Veneza” constitui-se a realidade da Polônia Comunista. Jan Kidawa-Błoński no filme “Rosinha” mostra este mundo em estado de crise. Em 1968, os conflitos entre as facções dentro do partido comunista levaram a uma grande provocação. Manifestações acadêmicas em defesa da liberdade de expressão foram usadas pelas autoridades comunistas para desencadear uma campanha antisemita. O filme desenvolve-se num minucioso pano de fundo, magistralmente composto por filmagens e materiais históricos, contando a história do trágico triângulo amoroso que envolve um eminente escritor associado à oposição, uma bela mulher e um agente dos serviços de segurança comunista.

O filme “Tudo Que Amo”, de Jacek Borcuch, apresenta um estado de espírito completamente diferente e uma história bem mais recente, na qual o primeiro amor, doce e amargo, nasce ao lado de dois acontecimentos marcantes na história da Polônia: o surgimento do “Solidariedade” e a introdução da lei marcial pelo governo comunista, em 13 de dezembro de 1981. O título do filme é ao mesmo tempo o nome de uma banda de punk-rock fundada por Janek, estudante do ensino médio, com o irmão mais novo e um colega. O amor juvenil, as primeiras experiências eróticas, o sabor da amizade, liberdade e rebeldia dão ao filme um ar de nostalgia.

A realidade contemporânea, no entanto, é frequentemente interpretada pelos diretores poloneses de maneira pessimista, em cores escuras, o

| Polônia

que se manifesta no filme “Zero”, de Pawel Borowski. A frieza do azul predominante na fotografia corresponde ao diagnóstico do diretor que rastreia os piores instintos humanos, observando as personagens com uma atenção entomológica. O roteiro, construído com a precisão de um relógio suíço, leva-nos aos círculos mais profundos do inferno, para onde descem os protagonistas inconscientes de serem apenas brinquedos nas mãos de ... de quem? Um demiurgo maligno? Um acaso? O filme não dá a resposta.

Como, então, é o cinema polonês?

Uma coisa é certa: é um cinema que quer ser importante. Os cineastas poloneses têm acompanhado o público nacional ao longo dos anos, tentando descrever e interpretar o mundo ao redor, bem como falar em nome deste público. Antigamente era principalmente o mundo da política, aliás, o mundo da opressão oriunda da presença do poder indesejado. Após a virada democrática o cinema pareceu perder, por um momento, a sua voz. Os criadores procuravam seu lugar não somente na nova realidade de mercado livre. A decadência atingiu também a própria ideia de fazer cinema - para quem e por quê? Eis as perguntas mais notórias depois de 1989, embora nem sempre explicitamente formuladas.

O cinema polonês de hoje já recuperou a voz perdida. Ou melhor, as vozes, porque são muitas. Os velhos mestres estão buscando novos meios de expressão, como Andrzej Wajda, premiado pela inovação na Berlinale em 2009 ou Jerzy Skolimowski, cujo filme apresentamos neste Festival. Os jovens e os mais velhos estão à procura de novas formas e novos temas, recorrendo a histórias íntimas de natureza psicológica (Jan Komasa, Leszek Dawid, Marek Lechki, Bartosz Konopka, Greg Zgliński, para citar apenas alguns), bem como filmes de época, como Adrian Panek no espetacular filme de estreia “Daas”. Também não evitam problemas sociais (“Dia das Mulheres” de Maria Sadowska, “O Linchamento” de Krzysztof Łukaszewicz). E, novamente, voltam aos fatos históricos: o período imediatamente anterior à lei marcial retratada por Waldemar Krzystek em seu filme extraordinário “80 milhões”; o massacre dos operários que protestavam contra a arrogância do poder, em dezembro de 1970 – retratado por Antoni Krauze em “Quinta-feira negra”; o ano de 1945, na região dos lagos poloneses, logo após a ocupação

do território polonês pelo Exército Vermelho representado por Wojciech Smarzowski num dos melhores filmes dos últimos anos, o chocante, “A Rosa”. Sem esquecermos a comédia de humor negro que se passa no período stalinista - “O Reverso” de Boris Lankosz, nem o mais recente filme dessa tendência - “O cerco” de Marcin Krzyształowicz. Além disso, em breve veremos “Wałęsa”, de Andrzej Wajda, que está em fase de finalização.

Esta é apenas uma parte do espaço ocupado pelo cinema polonês. Existem também criadores distintos como Dorota Kędzierzawska, Andrzej Jakimowski ou Joanna e Krzysztof Krauze. Estes últimos também se dedicaram a uma personagem histórica, mas, com certeza, não é sobre “a grande” história que querem tratar quando se debruçam sobre a biografia da poetisa cigana Papusza. De qualquer maneira, acertar contas com o passado não deixou de ser a nossa especialidade. Aparentemente, a “escola da vida” continua a inspirar cineastas.

RESUMO – STRESZCZENIE

Jaki jest dzisiaj film polski? Cechuje go na pierwszym miejscu różnorodność tematów. Praktycznie wszystko co dotyczy rzeczywistości, przeżyć ludzkich we wszystkich dziedzinach bytowania stwarza obraz bogactwa artystycznego. Są w nim wątki historyczne, ma miejsce polska literatura i poezja, a problemy ogólnoludzkie nie są mu obce. Autorka wymienia całą plejadę polskich twórców filmowych, reżyserów i artystów. Różnorodność poglądów, ideologii, stwarza bogaty kalejdoskop kina polskiego.

ABERTURA DE EXPOSIÇÃO NO PARLAMENTO DA POLÔNIA

*Stanislaw PAWLISZEWSKI**

No dia 12 de setembro de 2012, no Parlamento da República da Polônia, foi aberta a exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece”, preparada por ocasião das comemorações dos 90 anos das relações diplomáticas entre os dois países. O convite para a abertura da exposição foi enviado pela presidente do Parlamento da República da Polónia, Ewa Kopacz, e pelo presidente do Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro do Parlamento da República da Polónia, deputado Tomasz Piotr Nowak. Foram coorganizadores da exposição: a Embaixada da República Federativa do Brasil, a Associação Wspólnota Polska, o Museu da História do Movimento Popular Polonês e a Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia.

Da abertura da exposição participaram: o vice-presidente do Parlamento, Cezary Grabarczyk; o presidente do Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro do Parlamento, deputado Tomasz P. Nowak; o embaixador do Brasil, Sua Excelência Jorge Geraldo Kadri; o diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, dr. Janusz Gmitruk, bem como o presidente da Sociedade Polono-Brasileira. Todos eles fizeram pronunciamentos, nos quais – em palavras calorosas – foi enfatizado o significado das estreitas relações históricas entre ambos os países e nações. Por exemplo, o vice-presidente do Parlamento, Cezary Grabarczyk, ao falar dos laços históricos que unem ambos os países, afirmou que, quando a Polónia se encontrava sob a ocupação de potências estrangeiras, para muitos poloneses o Brasil se tornou uma segunda pátria. O presidente do Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro do Parlamento, deputado Tomasz Nowak, falou dos estreitos contatos entre os parlamentos de ambos os países e da necessidade da intensificação desses

* Presidente da Sociedade Polono-Brasileira de Varsóvia.

Polônia

contatos. O embaixador do Brasil, Jorge Geraldo Kadri, disse que os dois países são duas importantes democracias que professam o mesmo sistema de valores. Ele expressou a sua satisfação por ambos os países se pronunciarrem a favor de um amplo desenvolvimento das relações mútuas. O diretor do Museu da História do Movimento Popular Polonês, dr. Janusz Gmitruk, falou da atividade do Museu no âmbito de popularização da cultura brasileira e das obras de autores de origem polonesa. O autor da exposição e presidente da Sociedade Polono-Brasileira, Stanisław Pawliszewski, apresentou a temática da exposição, aludindo a uma série de fatos pouco conhecidos, como o apoio dos círculos intelectuais brasileiros à luta dos poloneses pela independência na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX. Foi muito elogiada a exposição que mostra os ricos laços que unem ambos os países e nações e foi manifestado o reconhecimento à Sociedade Polono-Brasileira pela sua atividade em prol da divulgação do conhecimento a respeito do Brasil e das relações entre os dois estados e nações.

Uma grande parte da exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece” é dedicada à história da imigração polonesa no Brasil, à contribuição de brasileiros de origem polonesa para o desenvolvimento de diversas áreas no seu país, ao seu cultivo da cultura, da língua e da religião dos antepassados. A exposição apresenta, por exemplo, o Parque João Paulo II de Curitiba, a atividade científica e editorial do pe. Zdzisław Malczewski SChr, a atividade social e cultural de organizações polônicas como a Representação Central da Comunidade Brasileiro Polonesa – Braspol, a Sociedade Beneficente Polônia e a Associação dos Combatentes Poloneses no Rio de Janeiro. Mostra igualmente a atividade pastoral do clero polonês no Brasil.

Após a parte oficial, o presidente do Parlamento, Cezary Grabarczyk, o presidente do Grupo Parlamentar Polono-Brasileiro, deputado Tomasz Piotr Nowak, e o embaixador do Brasil, Jorge Geraldo Kadri, visitaram a exposição em companhia do seu autor.

Na abertura da exposição estiveram presentes deputados, senadores, representantes do Ministério das Relações Exteriores com o subsecretário de Estado Maciej Szpunar, representantes do Ministério da Economia, da Câmara Comercial Polonesa, da Universidade de Varsóvia, de organizações

Polônia

da administração local e culturais. Também estiveram presentes chefes de representações diplomáticas de países da América Latina acreditados em Varsóvia, membros da Sociedade Polono-Brasileira e simpatizantes do Brasil.

O autor da exposição agradeceu às instituições polonesas e brasileiras, aos arquivos, museus, a outras organizações e a pessoas particulares pela cessão de materiais iconográficos, reproduções de documentos e outros materiais, bem como pela ajuda na preparação da exposição.

A apresentação da exposição no Parlamento permitiu aos deputados e senadores conhecer mais de perto as relações historicamente muito estreitas entre a Polônia e o Brasil e entre ambas as nações.

A exposição se tornou possível graças ao fornecimento de recursos financeiros pela Embaixada do Brasil e pela Chancelaria do Senado, no âmbito das tarefas na área da assistência aos polônicos e poloneses no exterior.

Outras notícias

No dia 4 de outubro, a exposição “Os poloneses no Brasil” foi aberta no Museu Regional em Sieradz, voivodia de Łódź. Os coorganizadores da exposição foram: o Museu Regional em Sieradz, o Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia e a Sociedade Polono-Brasileira. A exposição foi acompanhada por um conjunto de cartazes promovendo a beleza das paisagens brasileiras, de filmes sobre o Brasil e os poloneses no Brasil, bem como de música brasileira.

No dia 19 de outubro realizou-se o lançamento dos livros *Os polono-brasileiros e algumas reflexões a eles próximas e Cartas de emigrantes do Brasil e dos Estados Unidos*, de autoria do prof. dr. Marcin Kula, da Universidade de Varsóvia, bem como a abertura da exposição “A Polônia e o Brasil – mais próximos do que parece”. O lançamento dos livros e a abertura da exposição ocorreram no Museu da História do Movimento Popular Polonês em Varsóvia. Os coorganizadores do encontro foram: o Museu da História do Movimento Popular Polonês, a Embaixada da República Federativa do

Brasil, o Instituto de Estudos Ibéricos da Universidade de Varsóvia e a Sociedade Polono-Brasileira.

RESUMO – STRESZCZENIE

“Polska i Brazylia bliżej niż się wydaje”, to tytuł wystawy zorganizowanej w Sejmie, z okazji 90 rocznicy nawiązania stosunków dyplomatycznych między Polską i Brazylią. W inauguracji wystawy uczestniczyli politycy, przedstawiciele świata dyplomacji, liczni profesorowie, sympatycy i znawcy Brazylii. Odczyty i dyskusje towarzyszyły temu ważnemu wydarzeniu. Opis uroczystości dostarczył Stanisław Pawliszewski, wieloletni ambasador Polski w Brazylii, prezes Towarzystwa Polsko Brazylijskiego, wielki krzewiciel przyjaźni między obu narodami.

**MENSAGEM DO PAPA BENTO XVI
POR OCASIÃO DO VII CONGRESSO
MUNDIAL DA PASTORAL DO TURISMO**

(Cancún, 23-27 de Abril de 2012)

*Aos Venerados Irmãos,
Cardeal António Maria Vegliò,
Presidente do Pontifício Conselho para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes,
e D. Pedro Pablo Elizondo Cárdenas,
Bispo Prelado de Cancún-Chetumal*

Por ocasião do VII Congresso Mundial da Pastoral do Turismo, que se vai realizar em Cancún (México), de 23 a 27 de Abril, desejo dirigir-vos a minha cordial saudação, que estendo aos venerados Irmãos no Episcopado e aos participantes neste importante encontro. No início destas jornadas de reflexão sobre a ação pastoral que a Igreja realiza no âmbito do turismo, quero fazer chegar aos congressistas a minha solidariedade espiritual e também a minha deferente saudação às autoridades civis e aos representantes de organizações internacionais que quiseram estar presentes neste evento.

O turismo é, sem dúvida, um fenómeno característico do nosso tempo, quer pelas significativas dimensões atingidas quer pelas perspectivas de crescimento previstas. Como toda a realidade humana, também ele deve ser iluminado e transformado pela Palavra de Deus. Com esta convicção, a Igreja, na sua solicitude pastoral e ciente do importante influxo que este fenómeno tem sobre o ser humano, acompanha-o desde os seus primeiros passos, sustenta e promove as suas potencialidades e, ao mesmo tempo, assinala os seus riscos e desvios e empenha-se por corrigi-los.

O turismo, juntamente com as férias e o tempo livre, apresenta-se como um espaço privilegiado para o restabelecimento físico e espiritual, facilita o encontro entre pessoas de culturas diversas e torna-se ocasião de contacto com a natureza, favorecendo assim a escuta e a contemplação, a tolerância e a paz, o diálogo e a harmonia no meio da diversidade.

Artigos

O viajar é manifestação do nosso ser *homo viator*, enquanto reflete aquele outro itinerário, mais profundo e significativo, que somos chamados a percorrer: o caminho que nos leva ao encontro de Deus. A possibilidade de admirar a beleza das nações, das culturas e da natureza, que as viagens nos oferecem, pode conduzir-nos a Deus, favorecendo a experiência da fé, «pois na grandeza e na beleza das criaturas se contempla, por analogia, o seu Criador» (Sab 13, 5). Por outro lado, o turismo, como toda a realidade humana, não está isento de perigos nem de elementos negativos. Trata-se de males que temos de enfrentar urgentemente, porque lesam os direitos e a dignidade de milhões de homens e mulheres, especialmente pobres, menores e deficientes. O turismo sexual é uma das formas mais abjetas destes desvios que devastam, do ponto de vista moral, psicológico e clínico, a vida das pessoas, de muitas famílias e às vezes de comunidades inteiras. O tráfico de seres humanos por motivos sexuais ou para transplante de órgãos, bem como a exploração de menores, o seu abandono em mãos de pessoas sem escrúpulos, o abuso, a tortura verificam-se, infelizmente, em muitos contextos turísticos. Tudo isto deve induzir aqueles que, pastoralmente ou por motivos de trabalho, se consagram ao mundo do turismo e toda a comunidade internacional a aumentar a vigilância para prevenir e contrastar estas aberrações.

Na encíclica *Caritas in veritate*, quis destacar o fenómeno do turismo internacional no contexto do desenvolvimento humano integral. «É preciso pensar num turismo diverso, capaz de promover verdadeiro conhecimento recíproco, sem tirar espaço ao repouso e ao sã divertimento» (n. 61). Convido-vos a fazer com que o vosso Congresso – reunido precisamente sob o lema *O turismo que faz a diferença* – contribua para desenvolver uma pastoral que nos conduza gradualmente a este «turismo diverso».

Desejo indicar três âmbitos nos quais a pastoral do turismo deve centrar a sua atenção. Em primeiro lugar, iluminar este fenómeno com a doutrina social da Igreja, promovendo uma cultura do turismo ético e responsável tal que chegue a ser respeitador da dignidade das pessoas e dos povos, acessível a todos, justo, sustentável e ecológico. O gozo do tempo livre e das férias periódicas é uma oportunidade e também um direito. A Igreja, no âmbito que lhe é próprio, deseja continuar a oferecer a sua colaboração sincera para

Artigos

fazer com que este direito se torne uma realidade para todos os seres humanos, especialmente para os grupos mais desfavorecidos.

Em segundo lugar, a ação pastoral nunca deve esquecer a *via pulchritudinis*, o «caminho da beleza». Muitas das manifestações do património histórico-cultural religioso «constituem verdadeiros caminhos para Deus, a Beleza suprema; mais ainda, são uma ajuda para crescer na relação com Ele, na oração. Trata-se das obras que nascem da fé e que expressam a fé» (*Audiência Geral*, 31/VIII/2011). É importante cuidar do acolhimento e organizar as visitas turística sempre dentro do respeito devido ao lugar sagrado e à função litúrgica que foi, e continua a ser, o destino principal para que nasceram muitas destas obras.

E, em terceiro lugar, a pastoral do turismo deve acompanhar os cristãos no gozo das suas férias e tempo livre a fim de que seja proveitoso para o seu crescimento humano e espiritual. Trata-se certamente de «um tempo oportuno para relaxar o corpo e também para nutrir o espírito com períodos mais amplos de oração e de meditação, a fim de crescer na relação pessoal com Cristo e se conformar cada vez mais aos seus ensinamentos» (*Angelus*, 15/VII/2007).

A nova evangelização, para a qual todos estamos convocados, exige que tenhamos presente e aproveitemos as numerosas ocasiões que o fenómeno do turismo nos oferece para apresentar Cristo como resposta suprema às questões do homem atual.

Por isso, exorto a fim de que a pastoral do turismo faça parte, de pleno direito, da pastoral orgânica e ordinária da Igreja, de modo que, coordenando os projetos e os esforços, correspondamos com maior fidelidade ao mandato missionário do Senhor.

Com estes sentimentos, confio os frutos deste Congresso à poderosa intercessão de Maria Santíssima, Nossa Senhora de Guadalupe, enquanto de bom grado concedo a todos os congressistas, como penhor de abundantes favores divinos, a implorada Bênção Apostólica.

Vaticano, 18 de Abril de 2012.

Benedictus PP. XVI

A SZLACHTA E A PARTILHA DA POLÔNIA

Wilson Carlos RODYCZ¹

“Apesar de tantas e tão abalizadas advertências, entre as elites da nação, entre os nobres e os magnatas, continuaria predominando a concepção de que somente elas constituíam a nação, somente a elas competia a suprema autoridade nacional, inclusive a de delimitar a autoridade real ao âmbito que lhes conviesse, e por esse caminho, não só confirmaram a sua ascendência na direção e na solução dos problemas nacionais, como também transformaram os reis em meras figuras decorativas, desempenhando teatralmente um poder que efetivamente não exerciam.” Tempski, p. 279.

Entre os brasileiros interessados nas coisas polonesas, mas leigos em história, corre a ideia de que a Polônia foi injustiçada pelo Destino, que permitiu que o País servisse de pasto para os vizinhos gulosos e agressivos. Dessa forma, a perda da Independência teria sido obra dos outros, não tendo havido responsabilidade própria pelo sucedido. O fato é que a Polônia desapareceu do mapa em 1795, depois de duas partilhas parciais anteriores, em 1772 e 1792, tendo sido repartida entre a Rússia, a Áustria e a Prússia. Por que esse desastre aconteceu? Os pesquisadores acentuam que as razões desse sucedido ainda não foram definitivamente identificadas. Todavia, a análise do papel exercido pela elite nacional, a nobreza corporificada na *szlachta*, talvez seja um enfoque válido para entender o problema. Segundo esse enfoque, a *szlachta*, perseguindo seus interesses, não promoveu nem permitiu o estabelecimento de um Estado nacional forte o bastante para enfrentar os desafios do futuro. Neste texto, abordamos essa questão,

¹ Desembargador aposentado do TJRS, pesquisador, autor de *Os imigrantes poloneses da Colônia Lucena – Itaiópolis*, editado por R. & O. Editores Ltda., Porto Alegre, 2011, 222 p.

Artigos

introduzindo e sintetizando a sua discussão ².

Após a morte do rei Casimiro III (1370), deram-se os fatos que resultaram no apogeu polaco, mas que também foram a semente da sua destruição: a União com a Lituânia e a instauração da dinastia Jagiellônica (1386). Nessa ocasião, a *szlachta* conseguiu impor o princípio da eletividade da monarquia. Pelos dois séculos seguintes, a União prosperou econômica e militarmente, tendo vencido os Cavaleiros Teutônicos, a Prússia, Moscou, etc. Entretanto, isso foi feito mediante novas concessões à nobreza, tais como isenções tributárias e prerrogativas jurídicas e políticas. Estas consistiram na outorga de poderes assembleares à nobreza (privilégio de Nieszawa, 1454), pelos quais ela realizava as *conventiones particulares* nas suas regiões, em que passaram a ser decididos assuntos importantes, bem como, o que foi ruim, bloquear e até inviabilizar as ações do rei, por exemplo, especialmente, impedindo a criação de impostos e o ajuntamento de tropas. Em seguida, essas convenções evoluíram para as *sejmiki*, surgindo, no nível nacional, o *Sejm*, que acumulou crescentes poderes, inclusive de exclusividade legislativa (Constituição de Radom, 1505). ³

Esse regime embasava a prosperidade da *szlachta*: concentração de poder político, limitação e supressão do poder real, acumulação de terras,

² Baseamo-nos na análise do historiador inglês Perry Anderson, que se utiliza dos estudos de Boguslaw Lesnodarski, S. Kieniewicz, R. F. Leslie e outros, constantes do livro *Linhagens do Estado absolutista*, p. 279 a 298.

³ No período, foi instituído o regime de **servidão do campesinato**: os Estatutos de Piotrkow (1496) proibiram o deslocamento de mão de obra das aldeias, à exceção de um único camponês da cada comunidade por ano. Seguiram-se outras medidas contra os aldeões, dentre as quais uma de 1520, estabelecendo *corveias* de até seis dias por semana; outra, de 1574, outorgou à classe proprietária o *jus vitae et necis* sobre os servos, que lhe permitia o direito de matar arbitrariamente os camponeses adstritos à gleba. Nesse sentido, R. F. Leslie, *The Polish Question*, p 4-5, *apud* Anderson, *op. cit.*, p. 283.

Artigos

⁴exploração dos camponeses e produção de trigo destinado à exportação. Os lucros eram tão grandes que fizeram negligenciar o aprimoramento das técnicas agrícolas; políticas deliberadas ocasionaram a estagnação das cidades, com o garroteamento do comércio e da indústria. A Polônia consolidou-se como uma monocultura agrária quando a Europa caminhava para a Revolução Industrial.

Numa época em que a Rússia não representava uma ameaça, os estados germânicos ainda não se tinham acordado, a Suécia ainda era um perigo menor e o império austríaco servia de anteparo para os turcos, muito embora fosse o *infernus rusticorum*,⁵ a União Polono-Lituana gozava de relativa paz e prosperidade, não tendo sido despertada para a necessidade da instalação de um Estado central forte porque não era visível ainda a necessidade de dispor de uma máquina militar de defesa contra inimigos externos.

Em 1572, com a morte de Segismundo, seguiu-se um leilão pelo trono polonês. O francês Henrique de Anjou, eleito, foi obrigado a conceder mais privilégios à nobreza, que se tornaram vinculantes para os reis que vieram depois. Frisava o caráter não hereditário da monarquia e despojava o monarca

⁴ Deve-se ressaltar que as possessões agrárias não eram iguais na nobreza. Imensas extensões, entre um milhão e quatro milhões de hectares, eram privilégio de poucos, como os Zamoyski (800 mil ha e umas 80 cidades e 800 aldeias na Pequena Polônia), Wisnowiecki (230 mil súditos na Ucrânia oriental), Potocki (1 milhão e 200 mil ha na Ucrânia), Radziwill (4 milhões de ha). Outros, a imensa maioria, possuíam diminutas áreas de terras, de quatro a oito hectares, equivalentes a um camponês médio. Havia ainda os pequenos cavaleiros, possuidores também de pequenas propriedades, não mais do que uma ou duas aldeias. Ocorria, portanto, uma grande desigualdade econômica no seio da própria nobreza. Nesse sentido, Anderson, *op. cit.*, p. 285.

⁵ Segundo Montesquieu, “A Polônia (...) não tem praticamente nenhuma das coisas a que chamamos bens móveis do universo, à parte o trigo nas suas terras. Uns poucos senhores possuem províncias inteiras; eles oprimem os camponeses para obter uma quantidade maior de trigo a ser vendido no exterior, a fim de granjearem a si próprios os objetos requeridos por seu luxo. Se a Polônia não comerciasse com outras nações, o seu povo seria mais feliz.” In: O espírito das leis, apud Anderson, *op. cit.*, p. 296, nota 29.

Artigos

de quase todos os poderes relevantes, especialmente de aumentar o efetivo militar, fixado em três mil homens. Todas as questões financeiras ou políticas de importância dependiam do consentimento do *Sejm*. O desatendimento dessas restrições legitimava a rebelião contra o monarca. Desde então, os nobres eleitores sempre preferiram eleger um rei estrangeiro “com o intuito deliberado de assegurar a debilidade do Estado central.”⁶

Embora nos anos seguintes a União ainda tenha experimentado importantes vitórias bélicas e expansivas contra a Rússia, atingindo a sua maior extensão territorial em 1618, uma questão decidida equivocadamente se consolidou: o problema da Prússia oriental. Depois de reduzir os Cavaleiros Teutônicos a vassallos da União, no início do século XVI foi aceita a sua secularização, com o nome de Ducado da Prússia, sob a suserania polaca; em 1563, foi aceito o partilhamento dessa autoridade com o soberano de Brandenburgo, a troca de recursos para financiar a guerra contra a Rússia, a qual lhe foi repassada integralmente em 1578, mediante pagamento. Em 1618, houve a unificação dinástica da Prússia com Brandenburgo. Assim é que ao perder a oportunidade de anexar a Prússia oriental, a Polônia desperdiçou a chance de controlar o litoral do Báltico, o que a tornou vulnerável a invasões vindas do norte, omissão debitável à *szlachta*, que não permitiu a inversão de investimentos militares e de engenharia na zona, que somente poderiam ocorrer através de um governo central forte e determinado, o que não lhe interessava: a sorte do Báltico lhe era indiferente; seus interesses estavam nas áreas novas do mar Negro. As consequências foram desastrosas.

Começaram com a Revolução da Ucrânia e o Dilúvio Sueco. Em 1648, sob a chefia de Khmeltnitsky, os camponeses ucranianos e os cossacos se revoltaram, resultando na perda de vasto território oriental para a Rússia. Em 1655, aliados a Brandenburgo, os suecos lançaram um devastador ataque do norte; Varsóvia e Cracóvia foram tomadas. A *szlachta* se dividiu: os grandes proprietários lituanos apoiaram o invasor. A expulsão sueca somente ocorreu em 1660 após a intervenção de forças internacionais, restando enormes perdas: o território foi reduzido de um quinto, a população, de um terço, as

⁶ Anderson, op. cit., p. 287.

exportações de trigo, de oitenta por cento.

Na crise que se seguiu, a situação dos camponeses piorou, com novos impostoseinflação;noplanocultural,acentuaram-seoapegoaosarmatianismo, pela *szlachta*, e o provincianismo religioso, insuflado pela Contrarreforma, por todos. Entretanto, a lógica política da *szlachta* permaneceu, tendo imposto ainda novas debilidades à formação de um Estado central forte. A partir de meados do século XVII, foi instituída a norma da unanimidade parlamentar: o *liberum veto*.⁷ Por esse dispositivo, qualquer parlamentar podia dissolver o *Sejm* ou as *sejmiki* apenas manifestando discordância.⁸ Assim, diretamente ou por deputados coligados, os proprietários podiam agora também paralisar os parlamentos.⁹ O reverso do veto era a “confederação”, pela qual as facções se autoproclamavam em “estado de insurreição armada” contra o governo. O Estado polonês se endereçava para o colapso ante o

⁷ Liberdade dourada, Liberdades douradas, Democracia dos nobres ou Comunidade dos nobres, do latim *Aurea libertas*, em polonês *Złota Wolność*, *Rzeczpospolita Szlachecka*, sistema político-aristocrático que vigorou na Polônia por mais de dois séculos. Estava baseado na suposição de igualdade política entre todos os “cavalheiros”, em que era exigido sempre o consentimento unânime para todas as medidas tomadas. Uma simples desconfiança de qualquer dos pares – de que a medida fosse prejudicial para o seu distrito eleitoral (normalmente simplesmente a sua própria propriedade), mesmo após o ato já ter sido aprovado pela maioria – era o suficiente para anular o ato.

⁸ O anacronismo do *liberum veto* foi responsável pelo encaminhamento do país para o caos. Era o direito que cabia a cada deputado do *Sejm* (Dieta) de anular qualquer decisão da maioria parlamentar. Por ele, qualquer minoria paralisava as iniciativas da maioria. Com isso, as minorias acumularam cada vez mais poder. Esse sistema político tornou a Polônia conhecida como expoente das liberdades minoritárias. Nesse sentido, Ruy C. Wachowicz, p. 12.

⁹ Os grandes senhores (Czartoryski, Sapieha, Potocki, Radziwill e outros) foram os que com mais frequência lançaram mão do *liberum veto*. O deputado Sicinski, que inaugurou o seu uso em 1652, era um instrumento de Boguslaw Radziwill. Conforme estudos estatísticos de Konopczynski, citado por Anderson, o apelo ao veto tinha caráter marcadamente regional. Oitenta por cento dos deputados que o exerceram eram originários da Lituânia ou da Pequena Polônia; a família Potocki detinha o recorde de recursos ao veto entre os grandes senhores. *Op. cit.*, p. 292-293, nota 23.

estado de anarquia que o regime jurídico-político permitia.

O último grande êxito polonês ocorreu em 1683, quando o exército do rei Sobieski foi decisivo na libertação de Viena frente aos turcos. Apesar disso, internamente, ele viu frustrarem-se as suas propostas de fortalecimento do Estado e o recrudescimento do uso do veto. Para sucedê-lo, foi eleito Augusto da Saxônia, apoiado pela Rússia. Suas tentativas de dinamizar o reino foram vetadas pela *szlachta*, que em 1699 lhe impuseram a retirada do seu exército particular. Manobrando, o rei atacou a Livônia sueca, que contraatacou, surgindo nova e devastadora guerra no norte, um Segundo Dilúvio, que levou à sua temporária deposição. Vencidos os suecos por uma coalizão polono-saxo-russa, o rei Augusto foi reabilitado, prosseguiram, entretanto, os conflitos em torno dos efetivos militares. A *szlachta* atuava para impedir o fortalecimento da monarquia e a capacidade defensiva do País, a partir de então cada vez mais sob o protetorado da Rússia.

Em nova eleição real em 1733, Augusto III da Saxônia foi coroado com o apoio da Rússia e da Áustria, que, embora sem maiores conflitos, e com certa recuperação econômica e da população, governou frouxamente, favorecendo a corrupção e as perseguições religiosas.

Em 1764 foi eleito Poniatowski por escolha russa. Todavia, a sua tentativa de promover reformas foi vetada pela própria Rússia a pretexto de que suprimiria direitos dos súditos ortodoxos e protestantes. Seguiu-se a invasão do exército russo em 1767, que foi combatida pela *szlachta* no que ficou conhecido como a Confederação de Bar, defendendo o exclusivismo católico. Simultaneamente, houve levante dos camponeses ucranianos. Embora com a ajuda da França e da Turquia, após quatro anos de luta, os Confederados foram derrotados pelo Czar. Dessa disputa resultou a Primeira Partilha da Polônia em 1772: a Áustria tomou a Galícia; a Rússia, a maior parte da Bielorrússia; a Prússia (Brandenburgo) ficou com a Prússia oriental e o controle do sul do Báltico. A Polônia perdeu 30% do território e 35% por cento da população. Embora ainda tivesse restado uma grande extensão territorial, ficara evidenciada a sua impotência.

Essa situação provocou a tardia iniciativa de uma maioria da *szlachta* de rever a estrutura do Estado. Em 1788-91, foi estabelecido um novo

Artigos

arranjo constitucional: o *Sejm* aboliu o *liberum veto*, suprimiu o direito de confederação, estabeleceu a monarquia hereditária e um exército de cem mil homens, instituiu um imposto territorial, além de outras medidas. Isso contrariou os interesses da Rússia, que invadiu o País em 1792 e promoveu a Segunda Partilha: a Rússia ficou com todo o resto da Ucrânia, enquanto a Prússia absorveu a Posnânia. A Polônia perdeu três quintos dos territórios que lhe restavam.

Em 1794 houve uma insurreição chefiada por Kosciuszko, que contou com as forças nacionais até então inconciliáveis: nobres, servos e massas urbanas, em que pontificavam reivindicações liberais propagadas pela Revolução Francesa, inclusive o fim do regime servil.¹⁰ Foi uma reação precária e confusa, logo sufocada pelas tropas russas, ensejando que as potências vizinhas, em 1795, sob alegação de contrarrevolução, efetivassem a Terceira Partilha, fazendo o País desaparecer por completo,¹¹ decretando o fim da Independência da Polônia, que somente foi recobrada em 1918, após o fim da Primeira Guerra Mundial.

À guisa de consideração final, fazemos eco às conclusões de Anderson: a fragilidade do Estado polonês foi a causa da sua derrocada e a sua classe nobre foi a responsável por esse sucesso. A razão de a Polônia não ter evoluído para um Estado Absoluto ao fim da Idade Média, necessário para a contenção da nobreza, está relacionado à dimensão paradoxal da *szlachta* como a caricatura de um sistema propriamente representativo, grotescamente demonstrada

¹⁰O regime de servidão da gleba foi extinto em 1807 na Prússia (efetivado ao longo de 15 anos), em 1848 na Áustria, e em 1861 da Rússia.

¹¹Nas palavras de Colin McEvedy: “Os polacos não haviam aprendido a lição de 1774. Se quisessem libertar-se do protetorado russo teriam de conseguir o apoio da Prússia ou da Áustria, provavelmente dos dois. Foram, no entanto, suficientemente insensatos para recusar o preço moderado dos prussianos (os enclaves de Dantzig e Thorn), antes de proclamarem uma nova constituição, que representava um manifesto antirrusso (1791-92). Os russos e os prussianos ocuparam imediatamente o país e obrigaram os polacos a ceder metade do território (1793). Estes revoltaram-se e foram vencidos; em 1795 russos, prussianos e austríacos concordaram no desmembramento final do reino. Calmamente, a Polônia desapareceu do mapa político da Europa.” In: *Atlas da História Moderna*, p. 76.

Artigos

pelo *liberum veto*. Esse sistema era incompatível com o princípio de unidade, ensejando a anarquia e a impotência, de que o desmembramento do país foi a consequência inevitável.

Referências bibliográficas:

ANDERSON, Perry. *Linhas do Estado absolutista*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1998, 3ª ed., 1ª reimpressão, 548 p.

McVEDY, Colin. *Atlas da História Moderna*, vol. 3. São Paulo: Ed. Verbo, 1990, 2ª ed., 94 p.

RUTKOWSKI, Tadeusz, e outros. *Polônia - Panorama Histórico*. Varsóvia: Ed. Wydawnictwo Interpress, 1983, 169p.

SCHILING, Voltaire. *Polônia: A luta pela liberdade*. Cadernos de História; Memorial do Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Gráfica do Governo do Estado do Rio Grande do Sul, [s.d.], 31 p.

TEMPSKI, Edwino Donato. *Quem é o polonês*. In: *Boletim especial do Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense Comemorativo ao Centenário da Imigração Polonesa para o Paraná*, p. 1/500, Curitiba: 1971.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. *Conjuntura Emigratória Polonesa no século XIX*. In: *Anais da Comunidade Brasileiro Polonesa*, vol. I, pág. 9/27, Ed. da Superintendência das Comemorações do Centenário da Imigração Polonesa ao Paraná, Curitiba: 1970.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor, w poszukiwaniu przyczyn upadku Polski, dokonuje przeglądu wydarzeń, począwszy od XIV wieku, za panowania Kazimierza III, Unii z Litwą i początku dynastii Jagiellońskiej. Wskazuje na pogarszającą się sytuację polityczną kraju, która z czasem doprowadziła do totalnej klęski poprzez rozbiory Polski. Złota wolność szlachty, jej przywileje, liberum veto, oraz inne poczynania tych, którzy uważali się za narodową elitę doprowadziły do upadku suwerenności i wolności Polski. Nie pomogła Konstytucja 3 maja, ani Powstanie Kościuszkowskie. Konfederacje posłuszne sąsiadom Polski uniemożliwiły powrót do dawnej świetności i niepodległości.

A ATUAL ALDEIA SILESIANA E A SUA TRADIÇÃO CULTURAL DO SÉCULO XIX

Teresa SMOLIŃSKA*

*Tu, querido neto, lembra-te
de quem foram teus antepassados, de quem foram teus pais [...]
Jakub Kania, Poema para um neto*

1. Introdução

Apesar das grandes influências da cultura de massa, as pesquisas sobre o funcionamento da tradição folclórica na Alta Silésia fornecem constantemente novos exemplos que testemunham a sua vitalidade. As condições sociopolíticas e étnico-culturais mutantes nessa região da Polónia possibilitam atualmente ao pesquisador a observação e o registro de muitos fenômenos culturais interessantes, fazendo com que o folclorista se encontre exatamente no seu centro. Como uma região de fronteira étnico-cultural, por muitos séculos a Alta Silésia tem mudado as suas opções políticas e nacionais, em consequência do que a população local, de forma diversificada, tem-se assimilado com o Estado como sua nova pátria. Com efeito, outrora os silesianos parecem ter vivido nas periferias da Alemanha, distinguindo-se dela pela língua, pelos rituais, pelos trajes, etc., ao passo que após a II Guerra Mundial encontraram-se novamente na orla da Polónia, carregando ainda a herança prejudicial do nazismo.

Nesse contexto, interessa ao folclorista a função da tradição popular na moldagem das antigas, atuais e futuras gerações, bem como o seu significado no atual processo das mudanças na consciência nacional da população autóctone dessa região da Polónia. Como a “pequena pátria” desse grupo étnico, a Alta

* Professora doutora da Universidade de Opole, Cátedra de Estudos Culturais e Folclore, Instituto de Filologia Polonesa da Universidade de Opole.

Silésia de forma alguma pode ser uma região percebida unicamente pelo prisma do período do entreguerras e da atualidade, e principalmente das suas atuais condições de existência. De fato, torna-se igualmente importante o conhecimento do seu passado histórico e da cultura tradicional local ou regional. À luz das pesquisas mais recentes, na grande maioria das famílias da Alta Silésia os relatos memorialistas “concentram-se nos anos da II Guerra Mundial e nos tempos mais recentes. Apenas em poucas famílias – como apontam os resultados dos trabalhos – a memória familiar envolve o tempo anterior à guerra mundial, os anos da guerra e o período do entreguerras”¹. Donde importa que eu repita a pergunta já feita anteriormente: “De onde e para onde “caminham” os atuais silesianos?” Essa pergunta é certamente desconfortável para certa parte dos membros desse grupo étnico, porquanto para muitos silesianos, manipulados pelos políticos, o mais importante é o presente. A respeito do que para eles é embaraçoso eles se calam, ou seja, a respeito de temas segundo eles sensíveis, simplesmente não querem conversar, afirmando que desejam apenas “ficar em paz”². Como se sabe, em 1990 surgiu a Sociedade Sociocultural da Minoria Alemã na Silésia de Opole, registrada em 1993 com o nome de Sociedade Sociocultural dos Alemães na Silésia de Opole.

Esse “fenômeno da opção alemã” – como escrevem os historiadores poloneses – que envolve as terras habitadas pela população autóctone, que os líderes da organização da minoria nacional reconhecem como alemã, força-os a revisar os resultados das pesquisas até aqui apresentados³. Uma

¹ T. SOLDRA-GWIŹDŹ. Więzy regionalne w świetle historii rodzinnych i ich przekazywanie. In: *Więzy społeczne w regionie (Studium socjologiczne młodzieży Śląska Opolskiego)*, por red. K. Fryszackiego i T. Söldry-Gwizdź. Opole, 1993, p. 51; cf. também: T. SMOLIŃSKA. *Rodzina o sobie. Folklorystyczny aspekt rodzinnej tradycji kulturowej*. Opole, 1992.

² Cf. T. SMOLIŃSKA. Obrazy przeszłości w społecznościach pograniczy etnicznych. *Zeszyty Naukowe Uniwersytetu Opolskiego*, Filologia Polska 36, Folklorystyka 1. Opole, 1995, p. 83; idem. Folklor w procesie zmian tożsamości narodowej (na przykładzie Górnego Śląska). In: *Pogranicze jako problem kultury. Materiały konferencji naukowej*, red. T. Smolińska. Opole, 1993, p. 113.

³ Cf. M. LIS. *Ludność rodzima na Śląsku po II wojnie światowej (1945-1993)*. Opole, 1993, p. 7 e ss.

Artigos

questão que já de início desperta muitas controvérsias do lado polonês e da chamada minoria alemã na região de Opole é o próprio número das pessoas que se declaram pertencentes à nação alemã. Geralmente os dados alemães são mais altos, oscilando nos limites de 300-400 mil pessoas ⁴, ao passo que os poloneses calculam-nos entre 180 e 270 mil ⁵. A imprensa local escreve a respeito de muitas situações embaraçosas ligadas com os alemães nessa região, p. ex. a respeito de monumentos erguidos sem a autorização das autoridades polonesas aos silesianos mortos no período da II Guerra Mundial, a respeito de mudanças na nomenclatura de localidades, etc. ⁶ Jan Szczepański explica com a diversidade da situação do final do século XX e as perspectivas do século seguinte as mudanças na personalidade da atual população nativa da Alta Silésia, reconhecendo que “os modelos morais dos comportamentos que permitiram a sobrevivência do povo [silesiano – T. S.] durante séculos perdem as sua força dentro de uma civilização consumista e técnica” ⁷. Ainda no início do século XX a tradição cultural silesiana, aliás da mesma forma que a cassubiana, com a qual a sociedade local – como reconhecem os pesquisadores – plenamente se identificava, constituía um

⁴ Cf. p. ex. D. BINGEN. Mniejszości na Górnym Śląsku z niemieckiego punktu widzenia. In: *Mniejszości na Górnym Śląsku. Pomost czy przeszkoda w stosunkach polsko-niemieckich? Materiały polsko-niemieckiego sympozjum*, pod red. W. Leśniewskiego, Opole, 1994, p. 110.

⁵ Cf. p. ex. D. BERLIŃSKA. Mniejszość niemiecka na Śląsku Opolskim. In: *Mniejszości na Górnym Śląsku. Pomost...*, p. 68; D. SIMONIDES. Wstęp. In: *Kultura ludowa śląskiej ludności rodzimej*, red. D. Simonides przy udziale P. Kowalskiego. Wrocław-Warszawa, 1991, p. 6; K. HEFFNER. Górny Śląsk jako pomost między Polską a Niemcami. Oczekiwania w dniu 9 maja 1990 roku z polskiego punktu widzenia. In: *Mniejszości na Górnym Śląsku. Pomost...*, p. 21.

⁶ Cf. também o pronunciamento de D. BERLIŃSKA. Zwracając uwagę na “drobne” przeszkody. In: *Mniejszości na Górnym Śląsku. Pomost...*, p. 138.

⁷ J. SZCZEPAŃSKI. Wspominając Wilhelma Szewczyka. O aktualnych problemach Śląska. *Zaranie Śląskie*, 1991, n. 1-2, p. 7. Os sociólogos percebem, além disso, as fontes do levante da minoria alemã na Silésia em fatores estereotipogênicos, nos estereótipos do alemão e do polonês, que num período de condições econômicas em deterioração encontraram solo fértil. Cf. mais amplamente a respeito desse tema: *Integracja społeczna ludności rodzimej Śląska po 1945 roku*, pod red. W. Jachera. Opole, 1994, p. 25 e ss.

“sistema compacto e harmônico, que apontava para a estreita integração dos moradores da aldeia com o patrimônio herdado, com os grupos aparentados e vizinhos e com a tradição histórica local”⁸. A população nativa da Silésia de Opole caracterizava-se por um forte vínculo regional, permanente, que tinha os seus fundamentos na secular tradição cultural (religião, língua, costumes e ritos, etc.). Como escrevia nos anos 30 do século XX Jakub Kania, um poeta natural de Siołkowice: “Aqui os Kania estiveram, antes que o velho Fritz e os seus antepassados estivessem em Berlim”⁹. Daí porque não apenas o historiador, mas também o folclorista se sente intrigado pela pergunta básica: “Como foi que aconteceu que por essas mesmas pessoas a terra natal começou a ser definida como a sua *Heimat*?”¹⁰.

Como avaliam os pesquisadores, a minoria alemã na Alta Silésia “por obra da História é aquela população da zona fronteiriça que, preservando todos os traços característicos de tais grupos étnicos, perdeu o mais importante deles, a saber, deixou de habitar uma região de caráter fronteiriço. A esse respeito, esse deve ser o único caso na Europa”¹¹.

Com base em pesquisas realizadas nos últimos anos, os sociólogos sustentam que “a coletividade dos silesianos deixou de ser uma comunidade fronteiriça no sentido geográfico, mas não deixou de sê-lo no sentido sociológico e cultural”¹².

2. A tradição popular no processo das mudanças da identidade nacional

Os materiais por mim coletados comprovam um peculiar conservantismo da tradição popular diante das transformações sociopolíticas, nacionais,

⁸ J. KUCHARSKA. Poszukiwania tożsamości kulturowej ludności kaszubskiej w Polsce i Kanadzie. *Łódzkie Studia Etnograficzne*. Łódź, 1993, t. 22, p. 8.

⁹ Cf. Słowo Polskie. Opole, 1936, n. 6. Apud: Z. BEDNORZ. *Ludowe źniwo literackie. Pisarstwo ludowe współczesnej Opolszczyzny*. Oprac. i wybór tekstów... Wrocław-Warszawa-Kraków, 1966, p. 67.

¹⁰ M. Lis. *Ludność rodzima...*, p. 14.

¹¹ K. HEFFNER. *Górny Śląsk...*, p. 19.

¹² D. BERLIŃSKA. *Przeszłość, terażniejszość...*, p. 116.

Artigos

estatais, etc. e fornecem mais uma prova de que tratar a Alta Silésia como a fonte do folclore eslavo ¹³ tem uma sólida fundamentação. As canções polonesas e silesianas obtidas da América do Sul, mais exatamente do Brasil, para lá levadas nos anos 70 do século XIX por emigrantes de Siołkowice, perto de Opole, em comparação com a atual situação social, nacional, cultural e política, com a chamada opção da minoria dos habitantes dessa aldeia, são dignas de registro, exposição e interpretação. Com efeito, o folclorista é testemunha de um específico desconhecimento, pela coletividade local da região de Opole, da sua própria genealogia eslava e de uma tentativa de varrer da memória as suas raízes étnicas naturais.

À luz da emotiva discussão que se trava atualmente, no limiar do século XXI, a respeito da Alta Silésia como uma área da zona fronteira eslavo-germânica, esses materiais do Brasil possuem um valor simplesmente inestimável. Eles constituem um documento, desprovido de especulações políticas e nacionalistas, que comprova na área pesquisada o elemento eslavo ou – numa abordagem mais ampla do problema – também a eficácia da posterior ação germanizadora nessa região. Vale a pena observar aqui que desde um momento muito primitivo do desenvolvimento da sua consciência histórica, os silesianos, independentemente da sua vontade, foram impelidos à aceitação de uma nacionalidade mutante, sendo forçados a definir-se como cidadãos de um novo Estado. Até os resultados das últimas pesquisas, realizadas nos anos 1990-1993, continuam a apontar para a persistência dos acordos políticos e para o caráter ambíguo quanto à consciência nacional da população nativa da Silésia de Opole ¹⁴. Os antigos silesianos sentiam-se unidos por laços ideológicos com a nação polonesa, embora esses laços não fossem sempre plenamente conscientizados.

¹³ Esse termo foi proposto por D. Simonides, reconhecendo que “pela lei do paradoxo, as áreas mais germanizadas constituem para os eslavos a fonte do folclore”. Cf. D. SIMONIDES. Folklor jako kryterium tożsamości narodowej wśród Słowian Zachodnich w pierwszej połowie XIX stulecia. In: *Z polskich studiów slawistycznych*, VII. Warszawa, 1988, p. 477. Cf. também: idem. Miecznik. Spory z folklorem. *Tak i Nie Śląsk*, 1986, n. 1, p. 28-29.

¹⁴ Cf. M. LIS. *Ludność rodzima...*, p. 140. O autor alude às pesquisas sociológicas de D. Berlińska relacionadas com o gênero de identificação da população local: po-

Artigos

O laço costumeiro característico desse grupo étnico com o Estado alemão, que tem revivido nos últimos anos na Alta Silésia, está se transformando nitidamente num laço ideológico. Proponho que esse fenômeno, que testemunha a pequena e pouco desenvolvida consciência nacional da atual coletividade aldeã, ou o seu peculiar menosprezo da própria tradição cultural, seja analisado com base no exemplo de Stare e Nowe Siołkowice, aldeias típicas da região noroeste de Opole, situadas entre os rios Mała Panwia e Stobrawa. À luz de trabalhos alemães e poloneses, aquelas área da Alta Silésia nas margens do Odra há muito tempo têm sido chamadas de polonesas. Como observam os pesquisadores, “ali não apenas se falava em polonês, mas também se vivia em polonês”¹⁵. Nessa aldeia desde 1884 funcionou uma biblioteca polonesa, muitos camponeses assinavam então a *Gazeta Opolska* (Jornal de Opole), e muitos também participaram ativamente dos levantes da Silésia. No que diz respeito aos antepassados dos atuais habitantes de Siołkowice, é preciso enfatizar que muitos deles possuíam uma desenvolvida consciência nacional polonesa. Decididas declarações nacionais pró-polonesas dos moradores de Siołkowice e dos seus compatriotas do Brasil – Jakub Kania, Andrzej Stampka, Edmund Sebastian Woś-Saporski, Paweł Nikodem e Filip Skóra – são comprovadas por antigos documentos, cartas, crônicas e memórias originários dessa aldeia¹⁶. Como menciona Jakub Kania

lonês, silesiano mais que polonês, silesiano, silesiano mais que alemão, alemão (cf. Tabela 25).

¹⁵ M. GŁADYSZ. Wstęp. In: *Stare i Nowe Siołkowice*, cz. 2, pod kier. M. Gładysza. Wrocław-Warszawa-Kraków, 1966, p. 10. Cf. também: F. A. ZIMMERMANN. *Beyträge zur Schlesien*, t. 1. Brieg., 1783, parte 5, p. 48 e ss.

¹⁶ Cf. J. KANIA. *Moje wspomnienia. Fragmenty pamiętników*. Red. e introd. T. Bednarczuk. Opole, 1968; A. STAMPKA. *Moje Siołkowice. Obrazki z przeszłości*. Introd. Z. Bednorz. Opole, 1970; E. S. WOŚ-SAPORSKI. *Pamiętnik*. Warszawa, 1939; idem. *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*. Red., introd., notas e anexos R. Hajduk. Katowice, 1974; cartas de J. GRENADEIR. *Katolik*, 1891, n. 12 e 13; cartas do correspondente de *Gazeta Opolska* (Piotr Fila de Siołkowice Stare) de Tomás Coelho, Paraná, à redação do jornal (1897, n. 64, p. 1; 1898, n. 57, p. 3); *Korespondencja z Ameryki w prasie polskiej na Śląsku (1868-1900)*. Wybór i oprac. D. Piątkowska, wstęp A. Brożek. Wrocław, 1890, p. 171-175; carta do Sr. Nikodem de 1960. *Kalendarz Opolski 1961* [Opole, 1960]; carta de F. Skóra de 1995 em posse da autora.

Artigos

(1872-1957)¹⁷, poeta popular polonês, colaborador e correspondente nos anos 90 do século XIX do jornal *Gazeta Opolska*, membro da Sociedade Polono-Católica “Cultura”¹⁸, conhecido animador de casamentos que cultivou os costumes tradicionais dos casamentos poloneses no ambiente local, diversas vezes detido pelas autoridades prussianas, ele teve problemas na escola com o domínio da língua alemã¹⁹. Em seu lar encontravam-se os retratos de Adam Mickiewicz, a respeito dos quais escrevia: “Quando nós ganhamos essas gravuras, mandamos emoldurá-las e lhes dedicávamos grande respeito – como se fosse algo sagrado”²⁰. Em 1898 Kania, juntamente com Bartłomiej Kampa, também morador de Siołkowice, participou em Varsóvia do descerramento do monumento a Mickiewicz. Ele conheceu então Henryk Sienkiewicz, que lhe enviou a sua Trilogia. As Memórias de Kania, escritas no ocaso da sua vida, são – como foi observado – uma obra “impregnada de fervor patriótico”²¹, na qual o autor faz declarações inequívocas do tipo: “E uma nação eslava somos nós, os poloneses”²².

A genealogia polonesa dos habitantes da aldeia foi documentada nas “Imagens do passado” por um contemporâneo de Kania, igualmente

¹⁷ Cf. também: Z. ZIELONKA. *Jakub Kania*. Katowice, 1961; idem. *Jakub Kania*. In: *Pisarze śląscy XIX i XX wieku*, pod red. Z. Hierowskiego. Wrocław-Warszawa-Kraków, 1963, p. 476-488; Z. BEDNORZ. *Ludowe źniwo...*, p. 65-83, 203-212; J. KUCIANKA. *Śląscy pisarze ludowi (1800-1914)*. *Antologia poezji i prozy*. Wrocław-Warszawa-Kraków, 1968, p. 363-389.

¹⁸ Essa sociedade surgiu em Siołkowice em 1893. Cf. A. TARG. *Bronisław Koraszewski (1864-1924)*. Opole, 1965, p. 24.

¹⁹ Ele escrevia o seguinte: “Quanto eu tive de me incomodar com essa língua alemã. Quando se lia, não se sabia o que era isso” (p. 32). Cita também muitos “casos patrióticos”, p. ex. a respeito do menino que batia com o chicote quando dizia “Vater unser”, e em polonês rezava de cabeça descoberta e de mãos postas, ajoelhado (p. 32); a respeito dos habitantes de Siołkowice que, de acordo com a propaganda alemã, eram “descendentes dos macacos”, visto que “não querem estudar em alemão” (p. 41); a respeito do soldado Janek (Joãozinho), que voltou como Johann do exército prussiano (p. 84). Cf. J. KANIA. *Moje wspomnienia*.

²⁰ J. KORASZEWSKI; M. SUCHOCKI. *Rola twórczości Adama Mickiewicza w rozbudzeniu i utrzymywaniu polskości na Śląsku*. Poznań, 1957, p. 277.

²¹ T. BEDNARCZUK. WstŁp. In: J. KANIA. *Moje wspomnienia...*, p. 50.

²² J. KANIA. *Moje wspomnienia...*, p. 50.

Artigos

filho de um rico camponês, Andrzej Stampka (1889-1970). Conforme ele mesmo enfatiza, “o amor à terra pátria fez com que eu me propusesse escrever um livro sobre a minha aldeia natal”²³. Embora os conhecedores do valor do cronista de Siołkowice situem a sua obra antes “nas categorias socionacionais e culturais, e não estritamente científicas”²⁴, justamente – como sonhava Stampka, o historiador amador – a sua monografia da aldeia “será preservada para as futuras gerações”²⁵. O seu autor impressiona pelas informações históricas, relacionadas com os nomes dos campos da aldeia e da redondeza, das florestas, dos prados, dos rios, das aldeiazinhas, etc., com as mais antigas famílias camponesas, a vida social e costumeira dos antigos moradores, as calamidades naturais (incêndios, enchentes), a história da paróquia e também com as partidas “em busca do pão”. Essas informações documentam “o polonismo e o caráter polonês”, e foram coletadas – como observa Zbyszko Bednorz – “não para o testemunho da cultura alemã, mas da polonesa, não para a fama de Schalkendorf – como os alemães batizaram a aldeia no período nazista – mas para a glória de Siołkowice”²⁶.

Em Stare e Nowe Siołkowice um grupo de especialistas do Instituto de Etnografia da Academia de Ciências de Cracóvia iniciou em 1954 pesquisas planejadas em grande escala, visando à elaboração de uma monografia etnográfica da Alta Silésia nas suas fronteiras da primeira metade do século XVIII²⁷. Como se verificou então durante pesquisas de campo, entre os informantes “foram encontradas várias pessoas que reuniam documentos para a história da aldeia ou que preservavam valiosas provas de atividade social e cultural, ou que até tentavam registrar os mais importantes

²³ A. STAMPKA. *Moje Siołkowice...*, p. 20.

²⁴ Z. BEDNORZ. Przedmowa. In: A. STAMPKA. *Moje Siołkowice...*, p. 17.

²⁵ A. STAMPKA. *Moje Siołkowice...*, p. 20.

²⁶ Z. BEDNORZ. Przedmowa. In: A. STAMPKA. *Moje Siołkowice...*, p. 17-18. Z. Bednorz complementa dizendo que “a mudança do nome da aldeia para Schalkendorf era considerada pelos habitantes de Siołkowice simplesmente como uma ofensa. Diziam eles: ‘Para os alemães, somos uma aldeia de palhaços’ – (*der Schalk* significa algo como palhaço, patife)”.

²⁷Cf. também a respeito das pesquisas então realizadas: M. GŁADYSZ. Prace nad etnograficzną monografią Górnego Śląska. In: *Siołkowice Stare*. A partir das pes-

acontecimentos locais, ou seja, escrever uma crônica”²⁸.

2.1. A tradição cultural dos habitantes de Siołkowice

A aldeia de Stare Siołkowice surgiu numa ampla área de alagamento do Odra não regulado, acima do seu curso natural, formado por dunas de areia pouco fértil. Na segunda metade do século a aldeia constituía uma das propriedades do duque de Opole. “Essa situação – como sustentam os pesquisadores – propriamente não sofreu mudança após a incorporação da Silésia à Prússia no século XVIII. O fato de a aldeia fazer parte do patrimônio do governo e a falta de herdades nos tempos feudais influenciaram a sua estrutura socioeconômica²⁹. Dos antigos materiais das fontes preservaram-se documentos do século XVI (anos 1566, 1588) contendo informações a respeito da área das propriedades, das obrigações dos camponeses diante do duque, da estrutura social da aldeia, etc.³⁰ Como estabeleceram os especialistas, alguns dos nomes fornecidos dos proprietários de terras daquela época persistiram até o período posterior à II Guerra Mundial, p. ex. Kulig, Kret, Wolny³¹.

Siołkowice Stare, da mesma forma que as aldeias vizinhas Chrościce e Popielów, possuía uma colônia, ou seja, Siołkowice Nowe (fundada nos anos 1787-1788), separada da aldeia velha pelo rio Brynica. Segundo conclusões de linguistas especializados em onomasiologia, o nome da aldeia é um

quisas etnográficas grupais realizadas na Alta Silésia sob a direção de M. Gładysz, Wrocław, 1958, p. 5 e ss, pode-se complementar que nos anos 1946-1953 em outras localidades da Alta Silésia foram levadas adiante os trabalhos iniciados pelos pesquisadores de Cracóvia em 1939. Participaram dessas pesquisas instituições como o Instituto Silesiano de Katowice, o Museu da Alta Silésia de Bytom e o Instituto Nacional da Arte de Varsóvia.

²⁸ M. GŁADYSZ. WstŁp. In: *Stare i Nowe Siołkowice*, parte I, red. M. Gładysz. Wrocław-Warszawa-Kraków, p. 23.

²⁹ Ibidem, p. 16.

³⁰ Cf. *Urbarze dóbr zamkowych opolsko-raciborskich z lat 1566 i 1567*. Red. R. Heck e J. Leszczyński. Wrocław, 1956, p. 66-69; J. LESZCZYŃSKI. Opole w świetle urbarzy z XVI w. *Kwartalnik Opolski*, 1955, n. 3-4.

³¹ Ibidem, p. 27.

nome patronímico, ou seja, foi formado a partir do nome ou do apelido do pai, e nesse caso a primitiva Siodłkowice provém do apelido Siodłek (cf. Siodłek, 1136). As primeiras informações relacionadas com os mais antigos vestígios do nome Siołkowice remontam ao início do século XIII: Scacouici [!] (1223), Siodlkowitz (1532)³². O estado atual das pesquisas sobre as fontes toponímicas dessa localidade apresenta-se da seguinte forma: Scacouici (1223), Siodlkowitz (1532), Dorf Schiodlkowicz (1564), in pago Sielkowitz, Silkowitz (1887/88), Schalckowitz (1743), Schialkowitz, Sialkowice (1845), Alt Schalkowitz (1864, 1886, 1920, 1939, 1941), Stare Siołkowice (1939). Nos anos 1934-1938 do século XX as autoridades nazistas deram início a um processo de maciça germanização de todos os nomes de localidades na Alta Silésia. Stare Siołkowice teve então o nome mudado para Alt Schalkendorf (10 de agosto de 1936).

Como foi mencionado, a colônia dessa aldeia, ou seja, Nowe Siołkowice, foi fundada nos anos 1787-1788, no tempo da chamada colonização fredericiana. À luz das conclusões dos pesquisadores, a aldeia era habitada quase que exclusivamente por artesãos domésticos e pela população sem terra³³. À luz dos materiais arquivísticos, o nome da localidade tem sido registrado de formas diferentes: Neu Schalkowitz, Kolonija Siałkowska oder Nowe Siałkowice (1845), Siołkowice Nowe, Kolonie Schalkowitz (1920), Neu Schalkendorf (1936, 1939, 1945), Neu Schalkowitz (1939), Nowe Siołkowice, al. Neu Schalkowitz (1939)³⁴.

2.2. A emigração econômica dos moradores de Siołkowice ao Brasil no século XIX

Os pesquisadores que após a II Guerra Mundial realizaram estudos investigativos em Siołkowice chamam a atenção à moldagem, no século

³² Cf. H. BOREK. *Opolszczyzna w świetle nazw miejscowych*. Opole, 1972, p. 77.

³³ Cf. D. DOBROWOLSKA; D. MARCIK-MARKOWSKA. Zróżnicowanie klasowe i zawodowe wsi Siołkowice Stare i Nowe od połowy XIX w. do 1955 r. In: *Siołkowice Stare...*, p. 49.

³⁴ Dados exatos a respeito dos nomes das aldeias foram por mim conseguidos graças

Artigos

XIX, entre os habitantes da aldeia, do sentimento da sua pertinência. Eles reconhecem a preservação da diversidade cultural dos habitantes de Siołkowice como um traço característico da população local, que habitava áreas administradas por um elemento que lhe era estranho. “Nem os numerosos contatos estabelecidos e as relações aprofundadas entre a população nativa e a população afluyente alemã, que colonizou decididamente essas áreas pelo menos desde os tempos fredericianos, foram capazes de apagar aquela primitiva diversidade, preservada incessantemente por um conjunto de formas de cultura tradicional moldado no decorrer dos séculos”³⁵. Nesse contexto destacam eles o crescente fenômeno da migração sazonal da coletividade local. Já em meados do século XIX, tanto os artesãos domésticos, os pequenos proprietários como os filhos dos camponeses ricos começaram a emigrar com o objetivo de buscar fontes de renda adicionais. Admira que no decorrer dos vários anos de amplas pesquisas realizadas os pesquisadores não tenham conseguido obter maiores informações a respeito dos moradores da aldeia que na segunda metade do século XIX viajaram para além do oceano, ao estado do Paraná, no Brasil. No período de entreguerras foi publicado na Polônia o trabalho de Kazimierz Głuchowski, o primeiro cônsul polonês em Curitiba após a I Guerra Mundial, a respeito de emigrantes das diversas zonas de ocupação que se dirigiram ao Brasil³⁶, bem como as Memórias de Edmund Sebastian Woś-Saporski, um “Silesiano de Opole”, que “foi o primeiro dentre os poloneses a chegar à província do Paraná em 1867”³⁷. As conclusões da época dizem respeito principalmente a viagens sazonais ou permanentes a “países agrícolas genuinamente alemães”. “No início principalmente como operários agrícolas – enfatizava-se – eles se congregavam nas áreas da Saxônia e depois, na medida em que se desenvolvia a indústria, vamos encontrá-los em diversas áreas do Reich

à gentileza da Profa. Łucja Jarczak, do Departamento de Língua Polonesa do Instituto Silesiano de Opole.

³⁵ M. GŁADYSZ. Uwagi wstłpne. In: *Stare i Nowe Siołkowice*, parte 2, p. 15.

³⁶ Cf. K. GŁUCHOWSKI. *Wśród pionierów polskich na antypodach. Materiały do problemu osadnictwa polskiego w Brazylii*. Warszawa, 1927.

³⁷ Cf. E. S. WOŚ-SAPORSKI. *Pamiętnik*.

Artigos

Alemão, especialmente nas suas zonas ocidentais e setentrionais”³⁸. À luz das conclusões então estabelecidas, as migrações econômicas sazonais para o oeste tiveram início já após o ano 1870, tendo assumido um caráter maciço somente no final do século XIX³⁹. Menciona-se apenas de forma muito genérica que a emigração à América iniciou-se antes ainda de 1891 e envolveu cerca de 400 famílias locais, principalmente proprietárias de minifúndios, completando-se que no final do século XIX mudaram-se para a Grande Polônia e, no início do século XX, para a região de Gliwice⁴⁰. Pode-se adicionar que foi estabelecido então que na passagem do século XIX para o XX havia na região cerca de cem balseiros. Muitos deles, que se dedicavam continuamente à navegação fluvial, “viajavam à Polônia, onde conduziam jangadas nos rios Vístula, Bug, Narew e Pilica. Para realizar esse trabalho eles iam, como contam seus netos, a pé através de Herby, levando consigo os filhos, os genros e as filhas”⁴¹.

Os historiadores que pesquisam o fenômeno migratório da população da zona de ocupação prussiana no século XIX já se pronunciaram a respeito das suas causas, apresentando os determinantes econômicos dos “movimentos de migração”⁴². A emigração dos habitantes de Siołkowice ao Brasil, que aqui nos interessa, cujo início ocorre nos anos 70 do século XIX, envolveu diversos grupos de camponeses da aldeia, embora – como enfatizam os pesquisadores – os primeiros a abandonar a aldeia foram os camponeses, os donos de pequenas propriedades e os artesãos domésticos, ou seja, os representantes dos grupos sociais que “das operações de concessão de terras saíram-se relativamente fortes quanto ao aspecto econômico”, porquanto “já

³⁸ Ibidem.

³⁹ Cf. D. DOBROWOLSKA; D. MARKIK-MARKOWSKA. *Zróźnicowanie klasowe...*, p. 44.

⁴⁰ Ibidem, p. 50.

⁴¹ M. MISIŃSKA. Tradycyjny spław drewna Górną Odrą w drugiej połowie XIX i w XX wieku. In: *Stare i Nowe Siołkowice*, parte 2, p. 277. Cf. também da mesma autora: *Z badań nad flisem i łodźiarstwem północno-wschodniej Opolszczyzny*. In: *Siołkowice Stare...*, p. 119.

⁴² Cf. p. ex.: A. BROŻEK. Ruchy migracyjne z ziem polskich pod panowaniem pruskim w latach 1850-1918. In: *Emigracja z ziem polskich w czasach nowożytnych*

Artigos

o próprio custo da viagem à América exigia uma boa provisão de recursos financeiros”⁴³. Os camponeses que emigravam buscavam a melhoria da sua situação material, bem como possuíam “a conscientização em grande (ou talvez até exagerada) escala do sentimento da independência que ali lhes seria garantida das dificuldades sociais resultantes da política do Estado prussiano (em grande medida, das suas implicações militares)”⁴⁴.

Os moradores de Siołkowice começaram a emigrar seguindo os passos do seu compatriota Woś-Saporski, que “para evitar o serviço no exército prussiano” deixou a aldeia e, tendo obtido em 1869 uma concessão para a colonização polonesa no Paraná, fundou no Brasil a primeira colônia polonesa – Pilarzinho⁴⁵. Woś-Saporski, da mesma forma que o frade franciscano Leopold Bonawentua Moczygęba, originário de Płużnica Wielka, perto de Strzelce Opolskie, que estimulava seus parentes e compatriotas a emigrar ao Texas⁴⁶, deu início à emigração dos habitantes de Siołkowice para além do oceano. Como afirmam os historiadores, justamente no início dos anos 70 “o ministro prussiano do interior ficou alarmado com a notícia a respeito do projeto de transferir da Silésia ao Brasil 40 a 50 mil pessoas; na realidade, esse movimento envolveu algumas centenas de emigrados”⁴⁷. Os silesianos que se estabeleciam no Paraná possuíam uma profunda consciência nacional, assinavam o “Jornal de Opole”, publicado naquela cidade, bem como mantinham contato epistolar com a Sociedade Cultura de Siołkowice Stare. “... na realidade a colônia é grande – escrevia Piotr Fila do Brasil em 1897 – e conta mais de 900 a 1.000 famílias, mas nós do

i najnowszych (XVIII-XX w.), red. A. Pilch. Warszawa, 1984, p. 150 e ss.

⁴³ Ibidem, p. 159.

⁴⁴ Ibidem.

⁴⁵ Cf. M. LEPECKI. Przedmowa. In: E. S. WOŚ-SAPORSKI. *Pamiętnik*, p. 5; Przedmowa. In: E. S. WOŚ-SAPORSKI. *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*, p. 5 e ss.

⁴⁶ Cf. S. WOŁOSZEWSKI. *Polonia amerykańska. Szkice historyczne i socjologiczne*. Warszawa, 1971, p. 43 e ss.; A. BROŻEK. *Polonia amerykańska 1854-1939*. Warszawa, 1977.

⁴⁷ Ibidem, p. 169. Cf. também K. GRONIOWSKI. *Polska emigracja zarobkowa w Brazylii 1871-1914*. Warszawa, 1972, p. 7-15.

distrito de Opole somos apenas cerca de 35 famílias, que somos capazes de ler e assinamos 17 exemplares do nosso jornal, e o restante são galicianos da ocupação austríaca, que não são capazes de ler nem usando óculos”⁴⁸. Provavelmente esse mesmo correspondente brasileiro, ou antes silesiano, do “Jornal de Opole”, repreendendo os compatriotas da aldeia de Opole, segundo ele uma “aldeia polonesa”, “confusos quanto à sua nacionalidade”, apelava em 1898: “Observemos a lei, mas respeitemos o idioma dos nossos pais se não quisermos transformar-nos em escárnio das nações! Será uma honra o fato de vocês serem capazes de falar uma língua estrangeira? Tal procedimento cobre-nos aos olhos do mundo inteiro de vergonha, todos se riem de nós porque não nos mantemos unidos, mas apresentamo-nos diante de estranhos como mendigos. Olhem para os alemães. Será que vocês já viram algum alemão numa sociedade polonesa ou lendo um jornal polonês? Aqui no Brasil, na cidade de Curitiba, vivem diversas nações – além dos poloneses e alemães, italianos, espanhóis, franceses, ingleses, e cada nação possui as suas próprias sociedades a respeito a sua língua pátria”⁴⁹.

2.2.1. A vitalidade do folclore tradicional da Silésia em Curitiba

As canções registradas por Filipe Skóra, um morador de 71 anos de idade de Curitiba, descendente de habitantes da Siołkowice de Opole, constituem um exemplo inquestionável de uma coleção de canções populares tradicionais, conhecidas “há séculos”, desde tempos imemoriais em diversos ambientes, principalmente nas aldeias, e cantadas em diversas ocasiões na Alta Silésia – como hoje é moda tipificar – “na língua do coração”. Elas constituem um valioso material de fonte, não apenas para etnomusicólogos e folcloristas, mas também para outros pesquisadores. Dorota Simonides, ao apresentar o significado da tradição folclórica na Alta Silésia como um fator fundamental que define a consciência nacional dos seus portadores,

⁴⁸ Piotr Fila z Thomas Coelho, Parana, do Towarzystwa “Oświata” w Siołkowicach Starych. *Gazeta Opolska*, 1897, n. 64, p. 1, apud: *Korespondencja z Ameryki...*, p. 172.

⁴⁹ Nieznany korespondent..., apud: *ibidem*, p. 174.

Artigos

reconhece que o folclore tem cumprido nessa região um papel excepcional, que – como ela enfatiza – “não tem sido apreciado devidamente até o dia de hoje”, ainda que “ele deva o seu desenvolvimento e a sua vitalidade no presente principalmente à sua função histórica”⁵⁰. Como escreve Filipe Skóra, “essas canções têm sido preservadas na memória por 120 anos. Somente agora, neste ano de 1995, decidi coletar algumas dessas cantigas, datilografá-las e gravá-las provisoriamente numa fita cassete, para salvar o que resta da tradição polonesa em Santa Cândida, porque são muito poucas as pessoas (talvez não mais de 20) que ainda falam em polonês, no dialeto da Silésia misturado com palavras portuguesas. A presente gravação talvez seja como o último sopro do polonismo em Santa Cândida”. Ainda em 1960 Paweł Nikodem, residente em Campo Largo (Paraná), cujos antepassado também eram originários de Siołkowice, escrevendo a respeito das “colônias fundadas por silesianos de Siołkowice” nos arredores de Curitiba (Santa Cândida, Zacarias, Cristina), reconhecia que os descendentes dos emigrantes de Siołkowice ainda falavam em polonês: “Os netos e os bisnetos dessas colônias suburbanas falam até o dia de hoje mais ou menos em polonês, mas já não escrevem, porque as escolas polonesas foram fechadas em 1937. Em geral sabem que são originários da Silésia, mas duvido que se tenha preservado entre eles o nome para eles já legendário de Siołkowice”⁵¹. Esse “último sopro do polonismo em Santa Cândida” teve uma grande força para se manter por mais de um século num formato tão ideal. Essas cantigas foram recriadas não em fragmentos, mas na sua totalidade, comprovando que deviam antes, por algumas centenas de anos, ter funcionado numa circulação ativa, conforme estabeleceu Skóra, “até o ano de 1950”.

“Essas cantigas eram cantadas nas festas de casamento na colônia Santa Cândida, perto (10 quilômetros) de Curitiba, capital do Paraná, Brasil, aparentemente até o ano de 1950. Desde essa época até os dias de hoje, têm

⁵⁰ Cf. D. SIMONIDES. Folklor śląski jako oręż w walce o polskość. In: *Kultura ludowa sercem Śląska. Materiały z konferencji etnograficznej...*, red. B. Bazieliłchowa. Wrocław, 1988, p. 30.

⁵¹ Aneksy. IV. List Pawła Nikodema. In: E. S. WOŚ-SAPORSKI. *Pamiętnik z brazylijskiej puszczy*, p. 207.

Artigos

sido preservadas na memória de algumas pessoas mais idosas”.

Nos anos 90 do século XX, e principalmente em 1995, Skóra registrou 38 cantigas populares, entre as quais uma oração solene cantada “no aniversário do Padre Félix” (isto é, no aniversário do Padre Félix Stefanowicz). Essa cantiga é um exemplo da permanente autoridade de que na coletividade dos emigrados poloneses têm gozado os padres, que continuam a ser “os elos com a velha vida” na Polônia⁵². À luz dos materiais das fontes, provenientes do final dos anos 60 do século passado, na América do Sul havia 113 padres poloneses, principalmente religiosos, dos quais 92 no Brasil. Em 1969 foi instituída a província autônoma dos padres vicentinos em Curitiba⁵³. Em geral as cantigas que predominam na antologia de Skóra, inclusive as rituais e profissionais, eram executadas pelos descendentes dos habitantes de Siołkowice no Brasil no dialeto da Silésia, e apenas algumas delas apresentam influências nítidas do polonês literário. Elas comprovam que antes das decididas ações germanizadoras do Estado prussiano (*Kulturkampf* – introdução da língua alemã na escola e na Igreja) a “língua do coração” dos habitantes de Siołkowice era a língua polonesa.

Essas “antiguidades” representadas pelas cantigas são um documento simplesmente extraordinário da tradição popular polonesa que, em estado não contaminado pelas posteriores influências da germanização, cento e sessenta e oito habitantes levaram consigo da sua aldeia natal. Esse repertório de cantigas, preservado por gerações de descendentes dos antigos habitantes de Siołkowice, ensina a humildade diante da tradição e do seu

⁵² A respeito do papel dos padres e da Igreja no exterior, cf.: H. KUBIAK. *Polski Narodowy Kościół Katolicki w Stanach Zjednoczonych Ameryki w latach 1897-1965*. Wrocław, 1970; M. FUDALI. Wstęp. In: S. WŁOSZCZEWSKI. *Polonia amerykańska...*, p. 36 e ss., p. 138 e ss.; A. BROŻEK. *Polonia amerykańska...* (p. Ex. O capítulo III – Parafia polska – jej rola w społeczności polonijnej USA); idem. *Problemy badawcze Polonii północnoamerykańskiej w drugiej połowie XIX wieku (do 1914 roku)*. In: *Problemy dziejów Polonii*, red. M. M. Drozdowski. Warszawa, 1979, p. 58 e ss.; W. DRZEWIECKI. *Polonijna działalność kulturowo-społeczna w Buffalo (New York)*. In: *ibidem*, p. 118 e ss.

⁵³ Cf. K. GRONIEWSKI. *Główne etapy rozwoju Polonii południowoamerykańskiej*. In: *Problemy dziejów Polonii...*, p. 133.

Artigos

conservantismo. Skóra tem a consciência de que atualmente elas estão se perdendo irremediavelmente, porquanto, como observa ele, têm sido preservadas unicamente na memória de alguns dos mais idosos portadores. Por isso, como um colecionador educado, leva em conta não apenas os próprios textos, mas também as circunstâncias da execução dessas – como escreve ele – “modestas gravações”.

“Algumas [das cantigas] foram gravadas durante o almoço, quando o nosso bairro de Santa Cândida estava comemorando os 120 anos da vinda dos primeiros colonos. Outras foram gravadas em diversas ocasiões por mulheres e homens idosos (de cerca de 70 anos). Quando eles cantavam, faltava-lhes o fôlego (cantigas n. 18 a 21)”.

Os textos registrados por Skóra devem ser percebidos como sinais objetivos da identidade nacional e cultural polonesa dos habitantes de Siołkowice na segunda metade do século XIX. Além dessas cantigas silesianas e polonesas, a desenvolvida consciência polonesa é testemunhada por informações do remetente da carta, o qual escreve que as gravou “para salvar os restos da tradição polonesa em Santa Cândida”, ou “o último sopro do polonismo em Santa Cândida”. Ele define as composições como “cantigas silesianas”, que – na sua definição – “os meus avós trouxeram da aldeia de Szałkowice (ou Siołkowice), de Opole, no ano de 1875”. Skóra, como o herdeiro da tradição cultural que tem sido “trazida” ao Brasil pelos seus antepassados, em 1995 escreve uma carta à Polônia utilizando-se de uma escorreita língua polonesa. Ele está à procura da aldeia familiar, da qual em meados do século XIX emigraram os seus antepassados. “Eu gostaria de receber informações sobre a vida de hoje nessa aldeia de Szałkowice (ou Siołkowice): se ela existe, qual é a cidade mais próxima, se a população dessa aldeia conhece alguma dessas cantigas [...], qual é o dialeto utilizado, por que razão no final do século XIX as pessoas saíram da Polônia para países distantes, etc. [...] eu pretendo escrever uma história da nossa ex-colônia”. Confessa nessa carta também que “em casa, até os 10 anos de idade, nós falávamos em silesiano”, sendo que, para Skóra, “em silesiano” significa simultaneamente no dialeto polonês. A justeza dessa tese é comprovada em primeiro lugar pelas suas observações, inseridas entre parênteses junto a

Artigos

cada uma das canções silesianas (20 textos) que se preservaram na memória dos mais idosos descendentes dos colonos de Siołkowice numa linguagem que ele descreve como “dialeto”; em segundo lugar, ele tem a consciência de que “falar em silesiano” significa pronunciar-se em dialeto polonês. Ele se justifica e pede desculpas pelos erros cometidos: “Paço que me perdoem os erros, porque eu frequentei a escola polonesa apenas por 3 anos (1931-1934)”.

3. A título de conclusão

Trato essa tentativa de análise do material coletado na categoria de um reconhecimento. Como interessante para subseqüentes pesquisas, apresenta-se um conjunto de questões relacionadas com o conhecimento da tradição popular silesiana e com o estado do autoconhecimento genealógico dos atuais habitantes da aldeia de Opole a respeito dos seus antepassados, inclusive a respeito daqueles que no século XIX viajaram ao Brasil, porquanto atualmente quase todos os habitantes da aldeia consideram-se alemães e pertencem à Sociedade Sociocultural dos Alemães na Silésia de Opole.

RESUMO – STRESZCZENIE

Troska o poszukiwanie tożsamości Górnego Śląska wybija się pierwszy plan w powyższej pracy. Autorka opierając się na dokumentach dokonuje głębokiej analizy środowiska, szczególnie Śląska Opolskiego. Przycząca również dokumenty zebrane w Brazylii, świadczące o tym, że emigranci z Siołkowic i okolic mieli silną świadomość polskości. Ta polskość wyrażająca się w języku, folklorze, pieśniach, religijności, jest świadectwem, że ta część mieszkańców Śląska miała świadomość przynależności do narodu polskiego. Późniejsze manipulacje polityczne spowodowały, odcięcie się od swoich korzeni.

MUDANÇAS NA RELIGIOSIDADE E COSTUMES RELIGIOSOS DOS DESCENDENTES DOS POLONESES EM ÁUREA

*Renata SIUDA-AMBROZIAK**

Áurea é um pequeno município no estado do Rio Grande do Sul, que não se distingue dos municípios vizinhos em nada além do fato de que mais de 90% dos seus habitantes são de origem polonesa. Parece que é uma das mais homogêneas comunidades do ponto de vista étnico no estado (o que resultou em Áurea ser oficialmente denominada Capital Polonesa dos Brasileiros) e um paraíso para pesquisadores: etnógrafos, sociólogos, antropólogos e linguistas. No entanto, até hoje, as informações sobre a religiosidade, as suas mudanças e evolução nas gerações de descendentes dos poloneses são pouco estudadas e pouco registradas. Também os costumes, as tradições culturais e a religiosidade do povo tornam-se cada vez mais híbridos, absorvendo as práticas religiosas características do Brasil. Este trabalho, resultado de uma investigação de campo, baseia-se nos relatos históricos, livros de memórias, livros-tombo da paróquia e entrevistas feitas com os habitantes durante a pesquisa.

O objetivo do presente é uma breve interpretação dos resultados de pesquisas de campo realizadas na localidade de Áurea¹, com a ajuda de

* Professora assistente no Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Varsóvia.

¹ Áurea possui uma área de 152,3 km² e 4.053 habitantes. Encontra-se a 380 km da capital do Rio Grande do Sul. Limita-se com os municípios de Gaurama, Getúlio Vargas, Centenário, Viadutos, Carlos Gomes e Erechim. Trata-se de um município de economia agrícola, baseada principalmente em pequenas propriedades rurais de até 20 ha de área, que constituem 71% de todas as propriedades. Os principais produtos agrícolas do município são a erva-mate, a soja e o milho. Áurea conta com um banco, um correio, 7 indústrias de erva-mate, curtume, olaria, serraria, hospital,

Artigos

entrevistas e observações feitas em 1999 em cooperação com a Província Sul-Americana da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, com sede em Curitiba, com a inestimável ajuda e benevolência do seu então provincial, pe. dr. Zdzislaw Malczewski.

Áurea é um pequeno município no Sul do Brasil, no estado do Rio Grande do Sul, na região do Alto Uruguai, que se distingue das localidades da redondeza por uma porcentagem muito elevada de população de origem polonesa, onde sem dificuldades é possível comunicar-se em língua polonesa, os nomes das lojas soam familiares a um polonês, e a grande maioria dos habitantes tem sobrenomes de ressonância polonesa.

De fato, como demonstram as estatísticas municipais, mais de 90% da população de Áurea (exatamente 92%) são de origem polonesa, o que faz com que Áurea seja, sob o ponto de vista da origem étnica, uma das localidades mais homogêneas do Rio Grande do Sul. Em razão disso, com o objetivo de promover o turismo no município, em 1997 foi oficialmente atribuído a Áurea o título de Capital Polonesa dos Brasileiros ² – legalmente reservado em razão da rivalidade então existente com outros centros de cultura polônica no Rio Grande do Sul: Dom Feliciano e Guarani das Missões.

Segundo dados municipais, o início da colonização de Áurea remonta ao ano de 1906 ³, quando vieram à região os primeiros poloneses, atraídos pela perspectiva de adquirir terras (o que era, como sabemos, um dos impulsos

escola agrícola, três escolas estaduais e diversos estabelecimentos comerciais. O município de Áurea foi criado no dia 24 de novembro de 1987.

² O movimento em prol da instituição da Capital Polonesa dos Brasileiros surgiu no dia 15 de agosto de 1997, num encontro dos líderes do município sob a presidência do então prefeito – Alberto Roque Omizzolo, da Secretária da Cultura e Educação – Carolina Poplavski e de Maria Vanda Krepinski-Groch, Consulesa Honorária da Polônia na Região do Alto Uruguai. A ideia original surgiu num encontro do ENCOTUR (Encontro de Setores Ligados ao Turismo do Alto Uruguai), que se realizou no dia 18 de julho de 1987 em Marcelino Ramos.

³ Outras fontes divergem no fornecimento dessa data: Numa edição especial do jornal *A Região*, do dia 15 de agosto de 1997, na primeira página é apresentada uma outra data da vinda dos poloneses: “Os primeiros imigrantes poloneses chegaram a Rio Marcelino, hoje Áurea, no dia de Natal do ano de 1911, a maioria vieram da

Artigos

básicos que expeliam os poloneses para fora das fronteiras da Polônia então dominada por potências estrangeiras). Naquela época a localidade tinha o nome de Rio Marcelino. Por volta de 1918 mudou seu nome para Treze de Maio, em 1938 tornou-se Princesa Isabel e somente a partir de 1944 traz o nome atual de Áurea ⁴.

Apesar das difíceis condições de vida e falta de qualquer ajuda de fora, já em 1912 os imigrantes decidiram construir uma capela, e as fontes paroquiais, as entrevistas com os moradores mais velhos e os documentos das coleções do Museu Municipal são unânimes em confirmar que todos os membros da comunidade solidariamente coletaram dinheiro para a aquisição do terreno, e cada família participava dos custos da construção, da compra de materiais, etc. De que forma se pode explicar o fato de que os colonos constroem uma capela muito antes de surgir entre eles o primeiro padre, antes de concluírem a construção de suas próprias casas, de uma escola para as crianças, e antes que uma estrada de terra batida os ligasse com o mundo? Além da milenar tradição da Igreja em terras polonesas, que evidentemente devia estar fortemente enraizada na mentalidade dos camponeses que emigravam em busca de pão, que muitas vezes vinham ao Brasil unicamente com a imagem de Nossa Senhora na bagagem, vale a

região de Lublin e Siedlce da Polônia, sob o domínio russo”. No primeiro livro paroquial aparece ainda outra data da vinda dos primeiros colonos: “por volta de 1909”.

⁴ O nome Rio Marcelino foi dado pelos primeiros imigrantes, que lá se estabeleceram, tendo vindo da região de São Marcos. Conforme relata uma lenda, esse nome provém do único morador daquela área nesse período, que residiria solitário nas margens de um rio. Por volta de 1918 a localidade recebeu o nome de Treze de Maio, para homenagear a data da abolição da escravatura no Brasil. Em 1938 o nome da localidade sofreu uma nova alteração para Princesa Isabel, em honra da princesa que libertou os escravos, mas também daquela que teria ajudado as famílias dos imigrantes durante uma grande epidemia no Rio Grande do Sul em 1890 (aliás já não sendo princesa, visto que o Império havia sido abolido um ano antes). O nome definitivo foi dado pelos poloneses que vieram da colônia Conde d’Eu e provenientes de Zlotoryja, na Polônia, os quais, como afirmam alguns, quiseram dar à localidade um nome associado com a sua cidade natal ou, como dizem outros, com a imagem dourada de Nossa Senhora do Monte Claro (Czestochowa), ou ainda com o nome da lei que aboliu a escravidão no Brasil – Lei Áurea.

Artigos

pena recordar também os sucessivos choques e situações de estresse pelas quais os imigrantes poloneses tiveram de passar para poderem adaptar-se à vida no outro hemisfério: a fome, o frio (no estado do Rio Grande do Sul o inverno costuma ser muito rigoroso, com suas baixas temperaturas e sua umidade), a falta de moradias, as epidemias que muitas vezes dizimavam a população dos imigrantes, os animais selvagens, a língua desconhecida, as diferentes condições climáticas e geográficas, outros costumes, religiões e cultos que coexistiam no território da nova Pátria. Evidentemente agregava-se a isso o fator relacionado com a decepção com as condições oferecidas aos imigrantes na sua recepção, especialmente na região de Áurea, onde o governo brasileiro em princípio não lhes assegurou nenhuma ajuda material. Nessa situação, não é de admirar que os imigrantes pudessem contar apenas com a Providência e com a sua própria solidariedade étnica.

No que diz respeito aos potenciais vizinhos na nova Pátria, os poloneses trouxeram consigo da Europa uma aversão profundamente arraigada aos inimigos históricos da Polônia: alemães, ucranianos, austríacos e russos, evitando a sua vizinhança, que do ponto de vista prático poderia ter-se mostrado interessante (os poloneses dispunham de passaportes alemães, russos e austríacos, poderiam então ter feito uso das condições bem mais vantajosas de estabelecimento negociadas para os cidadãos desses países e com isso ocupar terras mais férteis e melhor localizadas, ou ainda contar com a ajuda material do governo brasileiro na fase inicial da colonização). Essa peculiar tendência ao isolamento étnico era também provocada pelo fato de que os poloneses haviam saído de um país em que a sua identidade por longo tempo havia sido sufocada e ameaçada. Com isso poderia ser explicado o fato (além, naturalmente, do complexo de inferioridade diante de outras etnias europeias, relacionado como estado de posse, estado de instrução, etc.), de que os imigrantes da Polônia preservaram tão zelosamente os costumes, a língua (mesmo atualmente as pessoas em idade avançada utilizam-se bem mais habilmente da língua polonesa que da portuguesa, apesar do fato de que, segundo os estatutos nacionalizantes de Getúlio Vargas, era justamente essa a geração que devia ter sido a primeira geração de cidadãos conscientes do Brasil, utilizando-se da língua portuguesa como da língua básica e

Artigos

identificando-se com a nova Pátria), a fé dos antepassados e os ritos com ela relacionados, e evitaram por longo tempo os matrimônios etnicamente mistos (a única etnia aceita com relativa rapidez nos relacionamentos foram os italianos), não se integrando e não se identificando com o novo país e com a sua população. Fechados numa fortaleza étnica composta geralmente de famílias numerosas, vizinhos e conhecidos provenientes da mesma localidade na Polônia ou de uma localidade vizinha, eles criaram dessa forma um sucedâneo da Pátria e de uma “singular normalidade”. Ao mesmo tempo, foi justamente o isolamento em que viviam os imigrantes e seus descendentes que fez com que – independentemente da vontade deles – fossem preservados por muitas gerações a língua dos antepassados e os costumes trazidos da Polônia, um forte sentimento de ligação, identidade e “limpeza” étnica, que era percebido como uma espécie de “obrigação patriótica” diante da Pátria perdida.

Mudanças sensíveis nos costumes religiosos dos descendentes dos poloneses no Brasil podem ser observadas somente na segunda metade do século XX (isto é, na terceira ou quarta geração, já nascida no Brasil), no que tiveram influência, naturalmente, tanto as mudanças pós-conciliares na própria Igreja brasileira e latino-americana como o caráter específico da Igreja brasileira, bem como do próprio trabalho pastoral entre os imigrantes. Atualmente, as informações a respeito da vida religiosa e das mudanças nos rituais religiosos dos descendentes dos poloneses apresentam-se fragilmente pesquisadas. Se aparecem alguns trabalhos a respeito dessa temática, eles abordam em regra a preservação da fé dos antepassados de forma imutável, a promoção do tradicionalismo religioso e dos costumes. Aliás a própria pesquisa dessa temática não é fácil: as perguntas a respeito da fé ou da religiosidade são consideradas como difíceis e são respondidas de forma evasiva ou com frases estereotipadas. Uma tentativa de diálogo a respeito das igrejas e das seitas que atualmente coexistem na área do município geralmente não resulta na obtenção de informações fidedignas ou desprovidas de preconceito; igualmente a passagem para uma outra religião continua sendo em princípio equivalente a uma “alienação” da comunidade dos descendentes de origem polonesa, sendo considerada como uma

Artigos

traição às raízes e à cultura, uma renegação. Ser descendente de poloneses, especialmente para as pessoas de idade mais avançada, equivale a ser católico (fazer parte de uma seita é visto como uma forma de “caboclisto”). Com frequência encontram-se pessoas segundo as quais “Deus na realidade só entende o polonês”. Essas pessoas continuam a confessar-se e a participar dos outros sacramentos em língua polonesa, com a convicção de que somente dessa forma eles assumem o seu significado apropriado e produzem o efeito desejado, apesar de no dia a dia não se utilizarem dessa língua ou de possuírem dela um conhecimento frágil, mas ela continua a ser para eles uma língua litúrgica e mágica.

Como já mencionamos, as primeiras levas de imigrantes estavam privadas da presença e da proteção de sacerdotes. Na realidade eram algumas vezes visitados por padres italianos ou alemães, mas questões linguísticas determinavam que essas visitas se restringissem a conferir os sacramentos indispensáveis. Por isso, desde os primeiros dias da colonização os poloneses acostumaram-se com encontros comunitários na capela, onde, na ausência do sacerdote, liam a Bíblia, recitavam conjuntamente o rosário e criavam uma espécie de liturgia substituta, considerando a falta de possibilidade de celebrar-se a missa. Isso era favorecido pelo sentimento de interdependência e solidariedade, lembrado muitas vezes pelos moradores mais velhos do município (em caso de doença ou morte, a família contava com a ajuda dos demais membros da comunidade).

O primeiro padre polonês que apareceu na localidade em estudo foi o pe. Jacinto Miesopust, ajudado mais tarde por dois padres vicentinos de Cracóvia. A paróquia surgiu em 1915, após a construção da igreja, e trechos do livro tomo daquele período testemunham as difíceis condições do trabalho pastoral dos sacerdotes desprovidos de luz, água encanada e meios de comunicação.

O padre polonês, antes ainda de ter aparecido em Áurea, despertou esperanças de uma integração da comunidade no sentido religioso, de obtenção de ajuda material da parte da Pátria (a primeira escola foi realmente construída graças à ajuda da congregação religiosa que para lá havia enviado seus padres), mas ao mesmo tempo a comunidade, já suficientemente

Artigos

integrada sob o aspecto social e solidária, esperava que a Igreja conhecida da Polônia mudaria de acordo com as expectativas dos paroquianos, dando-lhes a possibilidade de participar mais ativamente da vida da paróquia, que não haveria padres “autocratas”. Naturalmente, desde o início o padre polonês tinha em certo sentido uma situação privilegiada, resultante do seu papel de intermediário entre o povo e Deus, entre os imigrantes e a sua Pátria. Os colonos não queriam reduzir o seu papel apenas à missão evangelizadora, mas ao mesmo tempo exigiam dele a plena participação na tomada de decisões relacionadas com a comunidade – o que talvez fosse uma espécie de reação à situação de total dependência e subordinação dos fiéis ao pároco, característica da Igreja na Polônia no período precedente à emigração deles. Aqui, no Novo Mundo, eles achavam que deviam obrigar novas leis e novos princípios.

Desde o início da organização comunitária, percebe-se uma excepcional providência e diligência das pessoas leigas no desvelo pela vida religiosa da comunidade: eles mesmos edificam a capela, eles mesmos rezam, realizam celebrações e cantam. Absolutamente eles já não são os paroquianos passivos de uma pequena paróquia de aldeia, vivendo em total dependência das elites locais, das quais o pároco era também um membro. A Igreja católica na Europa, nos tempos da migração, era uma Igreja tradicional, “ortodoxa” em seus conceitos, não permitindo qualquer iniciativa dos fiéis, além, evidentemente, da contribuição material em forma de dízimos. Além disso, devemos lembrar-nos de que a Igreja era também uma grande proprietária de terras, explorando a força de trabalho dos camponeses da redondeza em igualdade de condições com os proprietários leigos de herdades. Resumindo, pode-se dizer que na Polônia não se discutia com o padre; cumpriam-se as suas ordens.

Desde o momento da vinda de padres poloneses à região da atual Áurea, tem ocorrido diversos tipos de conflitos e problemas entre eles e os leigos. Em breve, ao lado da escola surgiu a Sociedade Polonesa, que instituiu um conselho, segundo o formato dos conselhos paroquiais hoje existentes, a fim de participar de forma ativa da administração da paróquia e da sua atividade. Com a atividade desse conselho de forma alguma queria concordar o pároco,

Artigos

não acostumado a qualquer tipo de consultas com os fiéis a respeito do seu trabalho pastoral. Nas crônicas paroquiais podem ser encontradas descrições dos desentendimentos provocados, segundo o seu redator, pelos líderes leigos da comunidade – pelos “maçons”, que levaram à impossibilidade de continuar o trabalho pastoral.

No entanto, de entrevistas realizadas com os moradores mais velhos delineia-se a descrição de um aberto conflito entre os paroquianos e os padres autoritários e que não suportavam a oposição. São acusados de não saberem interpretar a nova situação social e cultural, de não serem capazes de aceitar que os poloneses não queriam transportar ao Brasil o modelo polonês do trabalho da Igreja, que para eles muitas vezes se associava com a exploração autoritária. O conflito terminou com a decisão dos padres de se afastarem da paróquia e de voltarem à Polônia após somente três anos de trabalho.

É interessante que nos anos seguintes os padres que trabalharam em Áurea não eram poloneses. Até 1942 surgiram ali mais três padres poloneses (pe. Stroka, pe. Misiaczek, pe. Szulc), que igualmente desistiram do cumprimento da sua missão em razão de falta de entendimento com o povo. Quando em 1942 apareceu aí o pe. Albino Stawinski, deixou nas crônicas paroquiais perturbadoras descrições das condições do trabalho pastoral: más condições de vida, os paroquianos não queriam contribuir para as despesas do padre, que devia ele mesmo preocupar-se com o seu sustento, eram desconfiados e revoltosos, exigiam celebrações em língua polonesa e não em latim, o que acarretava problemas adicionais na época dos decretos de nacionalização promovidos por Vargas. O pe. Stawinski permaneceu aí como pároco até 1950, tendo desistido depois da função exercida.

O pe. José Kuminski, que assumiu a paróquia em 1953 e permaneceu ali até 1983, foi o primeiro capaz de não provocar qualquer tipo de desentendimento e de desenvolver o trabalho pastoral na paróquia – mas ele já era filho dessa comunidade, um brasileiro de origem polonesa, educado e formado no Brasil. Durante os muitos anos do seu ministério, conseguiu fazer pela comunidade muita coisa: construiu a nova igreja de alvenaria e a casa paroquial (tendo aberto com esse objetivo até uma olaria especial). Quando surgiu a necessidade de construir uma nova escola, sem relutância entregou

Artigos

para esse fim um terreno da paróquia. Foi uma pessoa muito respeitada na comunidade, um verdadeiro líder. Todos que dele se lembram enfatizam que era merecedor de profunda consideração. Por ocasião do cinquentenário do seu sacerdócio, os paroquianos convidaram o seu antigo pároco, já em idade avançada, para comemorar todos os anos que ele havia passado com a comunidade e o aniversário da sua ordenação sacerdotal.

Refletindo a respeito das causas dos mencionados conflitos, chegamos à conclusão de que um espírito peculiar de renovação manifestou-se já nos anos iniciais da colonização da área do futuro município pelos poloneses, quando surgiram as capelas espontânea e solidariamente edificadas como verdadeiros centros comunitários, onde era possível encontrar-se, cantar e rezar em conjunto. O seu caráter excepcional consistia justamente no fato de que pertenciam a toda a comunidade, não eram propriedade do seu membro mais rico, porque ninguém tinha condições de edificar uma capela, e não eram também propriedade da Igreja (não era uma paróquia no estilo europeu), não havia um pároco. Desde o início, primeiramente a capela, depois a igreja e posteriormente a paróquia eram, na convicção dos seus membros, uma expressão da vontade comunitária e uma criação deles mesmos. Essas primeiras capelas – fruto do trabalho e do esforço de todos os colonos, resultado da sua solidariedade e cooperação, foram as primeiras escolas bem utilizadas de autogestão e democracia.

Nessa situação, o padre autoritário e de postura paternalista da Polônia, que vinha aí trabalhar muitos anos após o término dos esforços locais e dos fundamentos postos para a construção da futura paróquia pelos próprios membros da comunidade, no momento em que tentava restabelecer a única ordem de coisas que lhe era conhecida e possível de aceitar, roubando o sentimento já fortemente arraigado de cooperação e coadministração da paróquia, provocava rapidamente o surgimento de uma oposição leiga. Essa situação só mudou nos anos 80, quando a paróquia foi assumida pela Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados.

Entre 1981 e 1989 trabalhou em Áurea o primeiro padre da Sociedade de Cristo, o pe. José Wojnar, um polonês que, entretanto, graças a uma excepcional percepção da situação, ao seu tino e à sua habilidade, conseguiu

Artigos

fazer muita coisa pela paróquia, pela comunidade e pela localidade. Durante o seu mandato foi construído o hospital, foi trazido um médico, foi renovado o cemitério e tornou-se possível a instituição do município, o que aconteceu não apenas com o seu consentimento, mas com o grande apoio da sua parte (ele foi aliás o idealizador da maioria dessas iniciativas). Foi também criado o conjunto de canto e dança Auresóvia, foi construída uma escola agrícola e foram introduzidas nas escolas aulas obrigatórias de língua polonesa. Todos os interlocutores enfatizam que ele era capaz de conversar e negociar de forma afável e tranquila, evitando o surgimento de antagonismos dentro da comunidade.

Depois do pe. Wojnar, a paróquia foi dirigida com sucesso por outros padres da Sociedade de Cristo, inclusive por um brasileiro de origem polonesa, pe. Anderson Spiegiorin, que se envolveu ativamente na promoção do município através da cooperação com líderes leigos organizando festas e comemorações polonesas tradicionais (p. ex. a Festa da Czarnina).

Das conversas com os moradores esboça-se uma grande diferença na percepção do padre e do seu papel no passado e atualmente: embora para a comunidade tenha um significado cada vez menor a origem étnica do padre e seja cada vez mais importante a sua capacidade de agir no âmbito da Igreja brasileira e de acordo com as diretrizes do bispo local, continua sendo importante o conhecimento da cultura e da língua polonesa, ou pelo menos a capacidade de adotá-la na área religiosa, onde a participação dos fiéis, especialmente das gerações mais velhas, é visível e significativa. Um traço muito importante do padre é a sua capacidade de cooperação com os líderes leigos da paróquia e com as elites locais. Espera-se dele a capacidade de harmonização, de conciliação, de não se pronunciar por nenhuma das partes, de não ultrapassar os limites da atuação da paróquia, de não se envolver na política.

As mudanças surgem aos poucos também na esfera da religiosidade dos descendentes dos poloneses. Outrora apenas católicos, hoje eles têm de conviver com outras Igrejas, religiões, seitas. Algumas vezes acontece que são os descendentes de poloneses que mudam de religião, afastando-se da Igreja católica, e entre os representantes mais jovens da comunidade desaparece

Artigos

o conhecimento da língua polonesa – um dos veículos mais importantes não apenas da religião dos antepassados, mas também da cultura polônica, porque, embora os mais velhos rezem exclusivamente em polonês, os seus netos já o fazem apenas em português. Problemas linguísticos, falta de tempo e a oposição dos jovens impossibilitam o cultivo da tradição da oração familiar conjunta (outrora todas as noites a família inteira recitava o rosário, testava o conhecimento que as crianças tinham das orações e dos cânticos, as crianças tinham de rezar em voz alta para que os adultos pudessem corrigir eventuais erros).

Atualmente apenas os membros mais velhos da comunidade falam fluentemente em polonês – que é para eles uma língua viva, utilizada no dia a dia nos contatos familiares e comunitários, embora seja apenas uma língua falada – em geral eles não sabem nem escrever nem ler em polonês. Os seus filhos são bilíngues, utilizando-se da língua de acordo com a situação: da polonesa na família, especialmente no relacionamento com os pais, e da portuguesa fora de casa. Se sabem ler e escrever é apenas em português, e com os seus filhos comunicam-se apenas em português. Apesar disso conhecem muitas orações e cânticos eclesiais em língua polonesa, embora geralmente não acompanhem os pais nas missas celebradas em polonês. Preservam, no entanto, muitos costumes religiosos, especialmente relacionados com o Natal e a Páscoa, bem como ligados com tradições culinárias.

Das entrevistas com os moradores esboça-se uma imagem de mudança de condições e de possibilidade de participar da vida da Igreja: eles enfatizam que antigamente o padre vinha às capelas distantes uma vez por ano, atualmente vem uma vez por mês, algumas vezes com um outro padre para ajudar, p. ex. no período de preparação para as festas eclesiais. A cada dois anos o padre tem condições de visitar todos os paroquianos, conhece cada um deles e a sua situação familiar ou material. Atualmente os padres dispõem de automóveis, ao passo que antigamente percorriam grandes distâncias a cavalo ou em lombo de burros. Sempre que o padre vinha, ficava na capela alguns dias, e era preciso assegurar-lhe a acomodação e as refeições. Nunca se sabia quando viria, porque não havia telefones. Para saudar o padre, as pessoas

Artigos

se ajoelhavam e lhe beijavam a mão – atualmente apenas o cumprimentam. Contrariamente às regras predominantes na tradição polonesa, os padres geralmente andam em trajes “civis”, não utilizando batina nem colarinho.

Antigamente, como já mencionamos, determinados membros da comunidade organizavam as orações na ausência do padre – hoje fazem isso ministros treinados pela Igreja, os fiéis são ativos, existe um grupo litúrgico que praticamente prepara toda a missa. Uma vez por ano é celebrada ao ar livre a chamada Missa Crioula, da qual os gaúchos participam com seus trajes tradicionais e montando cavalos. Antigamente, na igreja, cada um conhecia o seu lugar: os homens e as mulheres sempre se sentavam separados, os jovens geralmente permaneciam atrás e as crianças diante do altar. Agora em geral os lugares são ocupados por famílias inteiras. O padre e a igreja eram antes mantidos com donativos; atualmente o padre recebe um salário, e a igreja e a casa paroquial são mantidas com o “dízimo” (contribuição paga uma vez por ano, cuja importância é definida pela própria família, segundo os seus rendimentos) e com a organização de festas paroquiais. Por exemplo, no dia 15 de agosto é celebrada a festa de Nossa Senhora de Czestochowa (que é também a Padroeira da paróquia de Áurea). O momento culminante dessas festas é geralmente um churrasco de que participam todos os paroquianos, bem como a eleição da rainha, ou seja, da mais bela paroquiana.

Sintetizando, podemos afirmar que Áurea é um lugar excepcional – é um paraíso para potenciais pesquisadores – sociólogos, linguistas, etnógrafos, é um lugar excepcional em razão da sua rica história, dos seus habitantes, etnicamente tão homogêneos, que continuam a cultivar os costumes básicos trazidos pelos antepassados da Polônia, a sua religião, os seus ritos, etc., mas que o fazem de forma modificada, adaptada à nova situação social e cultural, ao caráter específico da Igreja brasileira e da nação brasileira, da qual eles constituem uma parcela. Áurea é um lugar onde os imigrantes da Polônia – pessoas simples e pobres – apesar dos seus problemas e complexos, criaram uma nova qualidade de vida e a modificaram, aprenderam a tomar difíceis decisões, a autogestão, a corresponsabilidade pela comunidade e pela sua vida cultural e religiosa, a fim de que as futuras gerações possam ingressar

| Artigos

na sociedade brasileira conscientes do seu valor, com o orgulho resultante da sua origem étnica e do conhecimento das suas raízes.

RESUMO – STRESZCZENIE

Przemiany religijne i tradycje religijnych wśród potomków polskich osadników w Áurea. Jest to problematyka, którą omawia w swoim artykule autorka zamieszczonego powyżej tekstu. Renata Siuda-Ambroziak przeprowadzała badania terenowe w Aurii w 1999 r. Wspomniane miasteczko położone jest w regionie Alto Uruguai, w północnej części stanu Rio Grande do Sul. 92% społeczeństwa miasteczka i municypium posiada polskie korzenie.

PRESENÇA E CONTRIBUIÇÃO DOS POLONESES NA REGIÃO SUL DE SANTA CATARINA

Nazareno Dalsasso ANGULSKI*

O movimento da colonização da região Sul do Estado de Santa Catarina sob a orientação do Governo Imperial, pode-se creditar ao Presidente da então Província, Dr. Alfredo de Escagnolle Taunay, que segundo Mattos (1917), em sua visita em Setembro de 1876 ao Vale do Tubarão, ficou admirado pela fertilidade e beleza da região e como consequência sugeriu a formação de colônias naquele Vale e no de Araranguá.

Pode-se dizer que o empenho do ilustre estadista foi determinante para que o Ministro da Agricultura enviase uma comissão chefiada pelo engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, visando proceder aos primeiros e necessários estudos ainda em dezembro de 1876 e que segundo (Mattos, p.180), *“escolheu de princípio as terras do ribeirão Armazém, nas divisas das sesmarias dos herdeiros de João Pacheco dos Reis.”*

Dessa forma, o núcleo de Azambuja foi fundado a 28 de Abril de 1877, no Vale do Rio Pedras Grandes, afluente do Rio Tubarão, entretanto ainda segundo Mattos (1917) no dia 16 de Abril, 291 imigrantes a grande maioria de origem italiana, foram conduzidos à sede do núcleo colonial que estava em formação.

No entanto, há que se registrar que por conveniência da Comissão, formada pelo engenheiro chefe Joaquim Vieira Ferreira, dois ajudantes, dois agrimensores e um praticante, o território da ex-colônia Azambuja foi dividido em quatro núcleos coloniais, a saber: Presidente Rocha (Treze de Maio), Urussanga, Azambuja e Accioly de Vasconcellos, sendo que este último núcleo compreendia inicialmente as seções coloniais de Criciúma e Cocal.

O núcleo de Urussanga foi constituído no dia 26 de Maio de 1878 e os

* Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

Artigos

primeiros colonos todos de origem italiana foram assentados em seus lotes no dia 12 de junho de 1878, enquanto que os Núcleos de Criciúma e Cocal foram constituídos nos anos de 1880 e 1885 respectivamente.

Neste contexto e espaço geográfico, houve a organização de várias comissões, com destaque para a que foi instalada no dia 29 de Novembro de 1886, tendo a frente o engenheiro Francisco Ferreira Pontes, que inicialmente fez um levantamento da planta da Vila de Tubarão e posteriormente buscou mapear e reconhecer as terras devolutas existentes nas margens do mesmo rio, e da estrada geral que o margeava.

No entanto, segundo Dall’Alba (1971, p.10), *“bem poucas terras do Vale do Tubarão haviam sido ocupadas até o terceiro quartel do século passado. Acima do Tubarão só havia umas fazendas em Pedras Grandes e Gravatal. Uns poucos moradores fugidos de Florianópolis, haviam-se embrenhado até Braço do Norte. No atual município de Orleans havia a Sesmaria dos Pacheco”*.

Ainda sob a ótica de Dall’Alba (1983, p.24), *“Há, porém, muito espaço para colocar colonos. Também não faltam as facilidades que o Governo e as companhias oferecem aos imigrantes, para que se colonizem estes terrenos, aptos, por suas condições, a assegurar ao imigrante e sua família uma pequena prosperidade e um modesto bem-estar.”*

É importante lembrar que o movimento de colonização da região sul de Santa Catarina, foi intensificado também com a criação de uma empresa colonizadora com Sede no atual município de Grão Pará, quando no dia 02 de dezembro de 1882, aniversário de Sua Majestade Dom Pedro II, nasceu um plano de colonização denominado Colônia Imperial. Desta forma, quando a Princesa Isabel Cristina casou-se com o Conde d’Eu, recebeu do Imperador Pedro II como dote, as terras de Grão Pará, medidas e demarcadas no então município de Tubarão. Os príncipes formaram uma sociedade com o Comendador Caetano Pinto Júnior, que, instalado em Paris, organizou uma rede que recrutava imigrantes em toda a Europa, para a ocupação da novel colônia.

Assim, segundo Piazza (1983, p.390) *“os primeiros imigrantes partiram de Gênova, a 22 de Novembro de 1883, formando um grupo de 22 famílias, num total de 132 pessoas, embarcadas no vapor “Scrivia” e chegaram à Sede da Colônia, a 25*

Artigos

de Dezembro. E, assim, sucessivamente, vão engrossando os números de habitantes da Colônia”.

Entretanto, o movimento de colonização observado no Sul Catarinense, está diretamente relacionado segundo Dall’Alba (1971, p.16), com a Lei Glicériode 28.6.1890, “que concedeu enormes facilitações à imigração. Tanto que publicada na Europa, suscitou grande entusiasmo. Muitos poloneses, alemães, tirolezes e russos encaminharam-se para o Brasil atraídos pelo que nela se prometia.”

Importa esclarecer que Decreto de 28 de Junho de 1890, chamado comumente de lei Glicério, nome do Ministro que sugeriu sua elaboração, na realidade tem dois aspectos relevantes: o primeiro trata do transporte e introdução do imigrante no território da então República e o outro regula a colonização das propriedades agrícolas privadas.

O movimento imigratório planejado e organizado no Sul Catarinense foi determinante para o estabelecimento dos “nacionais”, bem como dos italianos, alemães, poloneses, austríacos, letos, russos e está diretamente relacionado com a criação e consolidação de vários municípios e às transformações na estrutura do desenvolvimento regional.

Verifica-se neste espaço geográfico a presença da corrente imigratória polonesa que seguiu em muitos casos os roteiros das colonizações italianas e alemãs. Dentro dessas levas de imigrantes poloneses, é possível destacar um grupo de diversos camponeses, artesãos, carpinteiros, ferreiros e religiosos, que com seus conhecimentos e habilidades contribuíram para o progresso econômico e social da região Sul do Estado de Santa Catarina.

Conforme Piazza (1983, p.386), *“a partir de 1882, em função do Contrato “Caetano Pinto”, já se tem o ingresso de poloneses em várias áreas da então Província de Santa Catarina, atingindo, naquele ano, um grupo polonês a localidade de Pinheirinho, na área do atual município de Jacinto Machado no sul catarinense”.*

Por sua vez, Marques (1978, p.111) destaca que *“nos livros de registro da Paróquia de Urussanga é possível identificar a presença dos poloneses pelos anos de 1885 na hoje Paróquia de Cocal do Sul”.*

É importante destacar que segundo Mattos (1917, p.191), *“De outubro de 1890 a Abril de 1891, entraram para os cinco núcleos, que constituíam a ex-*

Artigos

colônia Azambuja 312 famílias russas, 1 família alemã e 7 italianas, em total de 1.600 indivíduos."

Prosseguindo, Mattos (1917, p.191), afirma que *"foi a primeira entrada de elementos russos, sendo os mesmos localizados nos núcleos de Cresciuma e Accioly de Vasconcellos. Na maioria, esses colonos eram tecelões, cervejeiros, ferreiros, sapateiros, sendo apenas cerca de 25 % agricultores"*.

Tudo leva a crer que os *"elementos russos"* eram em grande parte poloneses, pois a Polônia naquele contexto da história estava dividida e foi forçada a viver sob a tutela de três invasores: a Prússia, a Rússia e a Áustria, portanto não existia o Estado polonês, somente a nação polonesa.

Neste sentido, o historiador Piazza (1983, p.389) afirma que: *"no segundo semestre de 1889, verdadeiro delírio coletivo apoderou-se de centenas de aldeias na parte russa da Polônia. Os mais desconhecidos boatos referentes ao Brasil propagaram-se com se fosse uma epidemia. Era o início do que logo foi denominado de febre brasileira. Trabalhadores rurais, pequenos e médios proprietários, trabalhadores urbanos, todos divisaram uma rara oportunidade para emigrar."*

Assim, neste contexto pode-se afirmar segundo Tibincoski (1997), em 1890 quando a cidade de Criciúma completava 10 anos de sua fundação, chegaram os primeiros imigrantes poloneses em número de quinze famílias. Este grupo chegou no dia 31 de Outubro de 1890 e instalou-se nas localidades de Linhas Três Ribeirões, Linha Anta e Linha Batista e estava assim constituído: Pedro Bykoski, Jacob Sklarski, Stefano Ptasinski, Francisco Kurosewski, Paulo Strazaukoski, Francisco Bialecki, Stanislaw Kostrzeski, João Zenler, João Kuboski, Leon Piechatoski, Stanislaw Kuroski, Edmundo Langer, Stefano Macieski, Felix Opocsjnski e Jejorski, os últimos dois solteiros, os quais mais tarde migraram para o Rio Grande do Sul.

Em janeiro de 1891, chegou a segunda leva de imigrantes que foram assentados na Colônia Accyoli de Vasconcelos, atual município Cocal do Sul, onde se instalaram nas localidades de Linha Cabral, Linha Espanhola, Linha Torres e Linha Ferreira Pontes, destacando-se as famílias: Puziski, Prais, Lubawy, Formanski, Wasieski, Wistowaty, Bartosiak, Pelusek, Boacianoski, Wronski, Koslark, Nowak, Rutkowski, Kupinski, Ranieszowski, Mrocskoski, Raieczyk, Radvanski, Ruzanski, Suchenski, Sulceski, Golombyeski, Szczesnj,

Artigos

Smieleski, Zadroski, Kuniarski, Rycrkok, Krystkieviecz, Szlachta, Cizeski, Angulski e Kanarek.

Ainda segundo Tibinkoski (1997), em maio de 1891, veio o último grupo de imigrantes, os quais se instalaram na Linha Batista, onde vamos encontrar os nomes de: João Klima, Roque Machinski, Eduardo Stachoski, João Mieziwski, José Choinaski, Gabriel Bartochak, Francisco Trzosek, Miguel Budny, Stanislaw Machiski, Antônio Demboski, Wosniewski, João Rzatki, Miguel Pietrzak, Kazmierczak, André Studzinski, Wadislau Ranachoski, Mateus Budny, Simão Tibinkoski, Pedro Krawcsyk, Szouvincski, José Bartochak, Tomas Stachoski, Jacó Selinger, Vicente Gaidzinski, Mateus Galant, Wadislau Demboski, Ignácio Rzatki, João Milack, José Selinger e Martin Woicichoski.

Entretanto, devemos lembrar segundo Tibinkoski (1997), que deste último grupo de imigrantes nem todos ficaram na Linha Batista, um número significativo se instalaram na Linha Três Ribeirões, mais precisamente onde hoje se encontra a Capela do Morro do Caravágio, onde destacamos os nomes de Adão Wisowaty, André Bieliski, André Guzliniski, Augusto Wrubleski, Boleslaw Getner, Carlos Zincoski, João Levandoski, Lourenço Siminski, José Getner, Miguel Lucinski, Vicente Guzliniski, Wadislau Folc, Waldemiro Barabas, Leonardo Stracowski.

Segundo Piazza (1983), a partir de 1887, foi se acentuando a fixação de poloneses no município de Orleans, nas localidades de Rio Minador e Chapadão, formando um núcleo de 30 famílias. Muitos poloneses também se estabeleceram no município de Grão Pará, formando colônias nas localidades de Linha Antunes Braga, São Camilo e especialmente em Braço Esquerdo, onde o número de famílias foi maior, aproximadamente 40.

Importa destacar segundo Dall'Alba (1971), que poucos poloneses vieram diretamente da Polônia para Orleans e conseqüentemente para o município de Grão Pará. A grande maioria veio do núcleo Accyoli de Vasconcellos, atual município de Cocal do Sul, pois era neste espaço geográfico que os imigrantes poloneses foram inicialmente assentados no sul do nosso estado.

Neste contexto, conforme constata Pítton (1969, p.132), fixaram-se na Linha Antunes Braga, Braço Esquerdo, São Camilo, Morro da Palha e

Artigos

Chapadão. “além do Sr. Estevão Matusiak, devemos mencionar os veteranos Felix Kawka, os Maciejwski, Pachoek, Danilewski, Gaidzinski, Badziaki, Spancerski, Spierski, Liszewski, Matuszewski, Herki, Fabisiaki, Krajewski, Radzwanski, Selinger.”, sendo que podemos complementar com as famílias Szczepaniak, Demay, Kowalski, Macieski, Danielski e Zawaski.

Conforme Nickodem (1964), a passagem de uma “Expedição Polono-Brasileira à Pé”, pelas colônias polonesas do sul do Estado no longínquo ano de 1914, permitiu a identificação das famílias Staszak e Skierniewski estabelecidas com comércio na cidade de Laguna e dos Angulski, Trojanowski e Wojtucki em Tubarão que atuavam profissionalmente junto a Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina.

Segundo Werpachowski, (1964), a maioria desses imigrantes que se fixaram na região sul do Estado de Santa Catarina procedia das regiões de KUJAWY, MAZOWSZE, LÓDZ, KALISZ, POZNAN. Valorizavam sobremaneira três coisas: a religião, a pátria e a cultura, e se preocupavam muito em alfabetizar seus filhos.

O padre Francisco Chylinski foi o pai e o líder espiritual da etnia polonesa na região Sul do Estado, principalmente no município de Cocal do Sul e arredores. Segundo Besen (2009), os poloneses necessitavam de um Padre e assim em 1º de Junho de 1910 é nomeado páraço de Araranguá e o primeiro cura do Curato de Nossa Senhora da Natividade em Cocal do Sul, granjeando a confiança dos padres alemães e italianos, pois o eixo da unidade era a fé e não a nacionalidade. Falava perfeitamente o português, polonês, alemão e italiano, conseguindo assim, com relativa facilidade, harmonizar poloneses e italianos na prática de sua fé em consonância com suas tradições religiosas.

Importa destacar, conforme Besen (2009), que o Padre Franscico Chylinski, nasceu na Polônia em 14 de setembro de 1864 e foi ordenado presbítero em Cracóvia em 01 de Julho de 1888, recebendo o nome de Frei Boleslau, tendo chegado ao Brasil em 1895. Desta forma, Cocal do Sul tornou-se com o padre Chylinski o centro de convergência dos imigrantes poloneses. As festas e a liturgia eram celebradas como na Polônia, com as belas melodias e com hinos cantados em sua língua-pátria. São Casemiro, Santa Edwirges e Nossa Senhora de Czestochowa foram venerados e festejados com grande afluência

Artigos

de público até a morte do padre Francisco, ocorrida a 14 de março de 1931.

Entretanto é importante lembrar, segundo Marques (1978), a divergência de língua e costumes provocou também a divergência de mentalidade entre italianos e poloneses, que desde modo construíram duas igrejas na mesma localidade de Cocal do Sul, uma em honra a Santa Edwirges, a dos poloneses e outra em honra a Nossa Senhora da Natividade, a dos italianos.

Destacamos, também entre as personalidades que contribuíram para o desbravamento, colonização e progresso do atual município de Grão Pará e Orleans, o ilustre polonês Etienne Gaudenty Stawiarski, diretor da Empresa de Terras e Colonização, cuja direção assumiu em 1895, mantendo-se no cargo por mais de 45 anos. Segundo Dall'Alba (1986, p.21), *“Depois dos fundadores é certamente a figura que mais se destaca no período de formação de Orleans.”*, tendo chegado no ano de 1885 e colaborado como agrimensor no traçado do perímetro urbano do novel povoado que surgia nas encostas da Serra Geral.

Segundo Zumblick (1987), muitos outros poloneses no final do século passado e início deste contribuíram nas decisivamente nas mais diversas áreas de atuação, como Józef Angulski, que do ano de 1902 a 1916 foi eficiente chefe das oficinas da Estrada de Ferro Teresa Cristina, em Tubarão. Ainda conforme afirma Dall'Alba (1971), importa destacar que se deve ao competente técnico nascido na Polônia a transferência da sede das oficinas da cidade de Imbituba para Tubarão, ocorrida no ano de 1906, além de sua atuação como técnico em manutenção de locomotivas na cidade de Lauro Muller junto ao empreendimento que o Sr. Henrique Lage havia instalado.

A educação não foi esquecida pelos imigrantes poloneses que colonizaram o Sul Catarinense. Segundo Tibincoski (1997, p.11) *“vencidas a primeiras dificuldades com a moradia, os imigrantes poloneses, começaram a preocupar com a educação dos filhos”*. Os educadores eram escolhidos entre os que sabiam mais, assim nos principais núcleos assumiram a educação os seguintes professores: Linha Batista, Srs. João Machinski e Gabriel Bartosiak, Linha Anta, Sr. Jacob Sklarski, Cocal do Sul, Srs. João Wronski e Casemiro Kubascki e Grão Pará, Sr. Józef Drill. Importa destacar que com a chegada do Padre Francisco Chilynski a educação teve significativos avanços, pois

Artigos

formou uma biblioteca e assinaturas do Jornal Lud editado em Curitiba chegaram as mãos dos agricultores, além de sua dedicação ministrando aulas para os filhos dos imigrantes.

Entretanto, ainda segundo Tibincoski (1997) a evolução maior na colônia, se deu com vinda de um casal de intelectuais no ano de 1915. Trata-se da atuação do Dr. Stanislaw Werpachowski, farmacêutico e prático e de sua esposa Helena Grzywinski Werpachowski, professora e parteira, que graças a seu ativo e incansável trabalho humanitário salvaram muitas vidas e muitas crianças trouxeram para este mundo de Deus, deixando atrás de si lembranças inesquecíveis e memória eterna. O casal Werpachowski em conjunto com o Padre Chilynski, incentivaram a cultura, a educação, a religião, a polonidade, enfim fundavam sociedades, escolas e erguiam capelas, exercendo com maestria uma liderança exemplar e incontestável.

Tibincoski (1997, p.12), ressalta ainda que *“a passagem do casal Werpachowski, valeu a pena, pois fundaram a Sociedade Tadeusz Kosciuzsko, que posteriormente foi transformada em Sociedade Agrícola, com finalidade de dar assistência aos agricultores”*. Neste contexto a família Bialecki, uma das mais respeitadas no município de Criciúma na figura de Leonardo Bialecki, líder da comunidade de Linha Batista, fundou com seus patrícios a Sociedade ROLNIK e a Cooperativa Agrícola Mista de Linha Batista. As famílias Demboski, Rzatki e Milak tiveram destacada atuação, contribuindo dignamente para o desenvolvimento do núcleo de Linha Batista.

Conforme já destacado, o clero polonês desempenhou um importante papel na sustentabilidade da cultura polonesa entre os imigrantes e colaborou decisivamente em todos os aspectos, não se limitando aos fins pastorais.

Esta visão dominante na literatura especializada é reforçada por Besen (2009, p.12) quando afirma *“Graças ao trabalho da Igreja católica (ser polonês era ser católico), esses pobres imigrantes puderam manter seus valores familiares e culturais. Os Padres da Missão (Vicentinos), Salesianos e Diocesanos, todos vindos da Polônia, deram-lhes atendimento espiritual”*.

Conforme Tibincoski (1997, p.10) *“em 1898 chegou em Araranguá, um padre polonês, o qual se chamava Padre Francisco Chylinski, que passou a atender os imigrantes poloneses de Cocal e Linha Batista, posteriormente, foi transferido*

Artigos

para Tubarão e Braço do Norte, onde continuava a dar assistência aos poloneses". Assim o Padre Francisco Chilynski foi o primeiro e grande missionário dos poloneses do sul catarinense, notadamente de Cocal. A fluência nas línguas alemã, polonesa e italiana favoreceu o seu apostolado no mosaico das colônias ali existentes.

Neste contexto, buscando o eixo da unidade, onde a fé é primordial e não a nacionalidade, portanto atendendo a todos com o mesmo afeto pastoral, destaque para Dom Anselmo Pietrulla, natural de Knurów, próximo de Katowice, que foi nomeado bispo da Diocese de Tubarão no ano de 1955 e os padres Stanislaw Cyzewski, que desde 1954 atuou no município de Criciúma; Boleslaw Smielewski, nascido em 1920 em Içara e que atuou em Tubarão, Laguna e Joinville. Hilário Rózycki, ordenado padre em 1967 após estudar em Roma, que trabalhou no atual município de Capivari de Baixo, Antônio Kondlik, que administrou a paróquia de Grão Pará e Wadislau Milak, que atualmente se encontra na Polônia, prestando serviços religiosos na cidade de Cracóvia.

E, foi com esta intenção, segundo Tibincoski (1997, p. 31) *"que dois jovens da família Macieski sentindo o chamado de Deus ingressaram no seminário".* Estamos nos referindo aos irmãos gêmeos Ivam e Ivanor Macieski que nasceram aos 12.04.1969 em São Lourenço do Oeste (SC) e ingressaram no seminário menor dos padres capuchinhos em Capinzal (SC) em 1982. Atendendo ao convite dos padres da Congregação Sociedade de Cristo, em 1987 os dois jovens deixaram o Brasil para completarem seus estudos teológicos na Polônia, terra de seus antepassados. A ordenação dos novos sacerdotes se deu no dia 09 de Abril de 1994 na Paróquia de Nossa Senhora da Natividade em Cocal do Sul, onde segundo Tibincoski (1997, p.31) na cerimônia *"grande multidão também se fez presente, bem como bispos e uma comitiva de padres vindos da Polônia e mais uma vez a comunidade polonesa da Linha Batista se fez presente na liturgia, com o coral e o grupo de danças que após a cerimônia de ordenação, fez apresentação de danças folclóricas no salão de festas para todos os presentes".*

Assim, no dia seguinte conforme afirma Tibincoski (1997, p.32) *"os novos padres Ivam e Ivanor celebraram sua primeira missa na Capela de São Casemiro na comunidade polonesa de Linha Batista",* missa que foi celebrada no idioma

Artigos

polonês com a participação do coral local, revivendo o legado deixado pelo Padre Francisco Chilynski.

No campo político, entre os homens ilustres que honram sua terra está Lecian Slovinski, nascido em Cocal do Sul, na localidade de Linha Torrens, hoje pertencente a Morro da Fumaça. Deputado Estadual pela região do Vale do Araranguá de 1951 a 1969, exerceu na Assembléia Legislativa as funções de vice-presidente e presidente de 1965 a 1968. Destaca-se também a atuação do Deputado Estadual Jarvis Gaidzinski, que em duas ocasiões, no período 1983/1986 e 1987/1990, estiveram no legislativo catarinense e que no período 1991/1994 representou a gente polaca catarinense na Câmara Federal, além de ter exercido o mandato de Prefeito Municipal de Cocal do Sul, no período de 1997/2000. Mais recentemente registramos a eleição também do seu filho Jarvis Gaidzinski Filho que também esteve administrando o progressista município de Cocal do Sul, no período de 2005/2008, além do prefeito Aldair Kozuchowski, que administrou com uma visão social e participativa o município de Sombrio no período de 1993 a 1996.

Importa destacar a maioria dos imigrantes poloneses que se radicaram nas paragens sulistas de nosso estado eram camponeses, entretanto havia artesões, tais como: sapateiros, marceneiros, carpinteiros, ferreiros, pedreiros, entre outros. Neste contexto Tibincoski (1997, p.18) afirma: *“a profissão mais rendosa naquele tempo era a de ferreiro, pois não havia oficinas sofisticadas, tudo era resolvido na ferraria por encomenda”*.

Aproveitando esta oportunidade, o Sr. Jósef Angulski montou a primeira oficina em Tubarão, pois Criciúma não comportava uma oficina naquele tempo. Seguindo nesta direção, o Sr. Miguel Novak instalou uma sapataria em Cocal e que mais tarde transferiu para a Linha Três Ribeirões. Ainda, segundo Tibincoski (1997), verifica-se que o Sr. Casimiro Wasnieski montou uma ferraria em Morro da Fumaça, bem como as habilidades de marceneiro dos Sr. Francisco Bialeski e André Studzinski e dos serviços de carpintaria executados pelo Sr. Wadislau Ranachoski. Embora de forma esporádica os conhecimentos de pedreiro foram exercidos pelos Srs. Simão Tibincoski e José Bartosiak.

Artigos

O espírito empreendedor esteve presente também nos polônicos, como o Sr. Edmundo Angulski, que segundo Lottin (1998), atuou no comércio de Orleans por muito tempo, implantando a fábrica de Café Royal e uma feclaria em sociedade com a família Sandrini. Não podemos esquecer o arrojo e competência da família Zavaski, que fez surgir em 1973 no município de Braço do Norte uma empresa de torrefação e moagem de café e que posteriormente direcionou seus negócios para a produção de material de limpeza, higiene e conservação de reconhecida qualidade na região.

Já Tibincoski (1997), também destaca o Sr. José Wasnieski que construiu uma fábrica de velas de cera na Linha Cabral, mais tarde transferiu para a cidade de Criciúma, bem como a visão empreendedora do Sr. Vicente Gaidzinski, emigrante que se instalou na comunidade de Linha Batista em maio de 1891, atuando inicialmente na agricultura e posteriormente com sua destreza e habilidade montou uma pequena indústria de calçados.

Tibincoski (1997) salienta que os filhos mais velhos do Sr. Vicente Gaidzinski, José e Júlio não só deram continuidade ao pequeno empreendimento inicial, como também ampliaram e diversificaram novos negócios na região, inclusive adquirindo e explorando minas de carvão com singular competência e maestria gerencial. Dignas de referência foi a atuação do Sr. Julio Gaidzinski no comércio de automóveis, quando investiu na revenda e distribuição de veículos da marca Chevrolet, formando assim a JUGASA S/A, marca estrategicamente conhecida e referenciada.

No campo industrial e comercial, em janeiro de 1960, Maximiliano Gaidzinski, filho caçula do Sr. Vicente Gaidzinski, começou a história de uma grande empresa catarinense: a ELIANE, produzindo revestimento cerâmico, pisos e azulejos, revolucionando a produção cerâmica no Brasil. A marca ELIANE é hoje conhecida internacionalmente. A história da ELIANE se confunde com a história de Cocal do Sul, Forquilha, Morro da Fumaça, Criciúma e de outras tantas localidades que de alguma maneira mantêm vínculo com o grupo.

Neste contexto, merece destaque a contribuição do Dr. Edson Gaidzinski que juntamente com membros da família, buscou enquanto esteve à frente da empresa Eliane Revestimentos Cerâmicos, profissionalizar a gestão dos

Artigos

negócios, garantindo a sustentabilidade institucional, legado reconhecido pelos colaboradores, acionistas e a sociedade de uma maneira geral.

Verifica-se, portanto que embora a maioria dos imigrantes poloneses tivesse uma origem camponesa, o espaço geográfico que lhes foram atribuídos e o contexto regional, permitiram o surgimento de inúmeros empreendimentos inclusive de filhos, netos enfim de novas gerações, como bem afirma Tibincoski (1997) que fez questão de não se esquecer do Sr. João Bialecki que se destacou também no comércio de automóveis, fundando no ano de 1967 a FORAUTO LTDA que consolidou suas estruturas empresariais nos municípios de Criciúma, Araranguá e Içara.

Da mesma forma constata-se nestas paragens sulistas, a presença e atuação da primeira médica mulher a exercer a função em Santa Catarina. Estamos nos referindo a Dra. Wladyslawa Wolowska Mussi, nascida em Curitiba no ano de 1909, onde se formou na faculdade de medicina no ano de 1933, conhecendo ali seu esposo Dr. Antônio Dib Mussi. Seus primeiros anos no exercício de sua profissão se deram na capital paranaense, posteriormente chegaram a Santa Catarina no ano de 1935, onde atuaram na cidade de Laguna durante três anos e na seqüência mudaram-se para Orleans, permanecendo até os primórdios de 1946, quando se instalaram definitivamente em Florianópolis. Importa destacar, conforme Lottin (2000), que o Dr. Antônio Dib Mussi foi Prefeito de Orleans no período de 01.08.45 à 15.11.45 e de 13.02.46 à 24.03.46. Neste contexto é digno de registrar que a “Doutora”, carinhosamente assim chamada, quando de sua participação no 1º Simpósio Cultural Brasil-Polônia, realizado em abril de 1988 na cidade de Curitiba, afirmou: *“a cultura polonesa, predominante na infância e juventude, influenciou toda a minha vida, quer nos ideais de liberdade e democracia, quer nos hábitos cotidianos como a leitura de livros, orações, músicas ouvidas e os acalantos para os netos”*.

Finalmente, com intuito de preservar e difundir os valores culturais e das tradições polonesas, foi formado no ano de 1975 um pequeno coral que começou a ensaiar cantos folclóricos e religiosos, onde se destacaram pelo empenho e dedicação as famílias Machinski, Milak, Demboski, Rzatki, Bialecki, Bartosiak. Para Tibincoski (1997), este pequeno coral, permitiu a

Artigos

formação do Grupo Folclórico ORZEL BIALY, com sede em Linha Batista, composto de dançarinos e que participa constantemente de muitos eventos locais, no Estado e fora dele, em festas populares, religiosas e cívicas, exibindo danças de várias regiões da Polônia, com seus trajes coloridos do rico folclore polonês.

Pode-se afirmar que este grupo folclórico da cultura polonesa, além de preservá-la e difundí-la desempenha um extraordinário trabalho de inclusão social, para tanto foi agraciado no ano de 1999 com a inauguração do “Centro Cultural Octávia Búrigo Gaidzinski”, espaço detalhadamente construído com apoio incondicional do empresa ELIANE – Revestimentos Cerâmicos.

Mais recentemente, com muita criatividade, ousadia e visão de futuro, estabeleceram parceria para a instalação do Instituto Mazowsze do Brasil, ou seja, uma filial da Escola Mazowsze, ícone da música e dança folclórica polonesa em terras catarinense e brasileira.

Importa destacar que a figura do Governador Luiz Henrique da Silveira, um homem que sonha, foi mais do que nunca inspiradora para que lideranças políticas e culturais da cidade de Criciúma, entre as quais o Ex-Prefeito Municipal de Criciúma, Dr. Anderlei José Antonelli e a Ex-Presidente da Fundação Cultural de Criciúma Sra. Iara Maria Silva Gaidzinski, que aliados com outras lideranças do Estado, tivessem a coragem, ousadia e a competência de transformar um sonho de milhares de poloneses que vivem em solo catarinense: *a criação de um Centro de Referência da Cultura Polonesa em Criciúma, tendo o Grupo Nacional Folclórico de Canção e Dança “Mazóvia” de Tadeusz Sygietynski, como fonte inspiradora para busca de conhecimento e informações metodológicas de canto e dança folclórica.*

Assim realizaram-se um conjunto de ações planejadas e coordenadas que culminou com assinatura do protocolo de intenções, possibilitando a criação do Instituto de Canto e Danças Folclóricas “Mazowsze” no Brasil e sua instalação na Capital Brasileira do Carvão, no dia 26 de Novembro de 2008.

Essa corrente de imigrantes poloneses e seus descendentes marcou também a paisagem das localidades onde se estabeleceram especialmente no campo agrícola. Mas, sobretudo na religião, na música e no folclore que

Artigos

muitas famílias conservam ainda hoje os velhos costumes de sua distante pátria, de maneira muito nítida, na celebração de suas principais festas. Marques (1978, p.108), sintetiza: *“a soma quase infinita de sacrifícios e privações de toda ordem, agravada pelo abandono de sua velha Pátria, só podia ser superada, como o foi, por uma fé profunda e inabalável confiança em Deus”*.

Com esforço e persistência coletiva da família, os camponeses e artesãos poloneses se integraram na sociedade sulcatarinense contribuindo decisivamente para o seu desenvolvimento e como destaca Marques (1978, p.108) *“vencendo as feras e dominando as intempéries, para a conquista definitiva dos vales e montanhas”*.

Swierczek (1980), Marques (1978) e Slowinski (S.D), procuraram relacionar uma extensa lista de famílias de imigrantes poloneses, com nomes sibilantes que, pronunciados por nós, ciciam tão bem como as nossas melodiosas canções folclóricas e religiosas, que marcaram positivamente a região Sul de Santa Catarina.

Gaidzinski, Angulski, Bialecki, Czyzewski, Rzatki, Demboski, Slowinski, Milak, Tyskoswki, Wasniewski, Smielewski, Dabrowski, Galant, Tybinowski, Leksinski, Wojciechowski, Krystkiewicz, Michalak, Rozanski, Studzinski, Kubacki, Werpachowski, Furmanski, Machinski, Trzoska, Ptasinski, Bartosiak, Biela, Klima, Szlachta, Wroblewski, Szulcycki, Putrykus, Zazdrowski, Rajczyk, Koniarski, Nowakowski, Plaskiewicz, Bonk, Kanarek, Koniarski, Raniszewski, Kupinski, Porzycki, Nowak, Bocianowski, Stachowski, Strzalkowski, Kaminski, Smielewski, Mroczkowski, Budny, Ziolkwski, Siminski, Raczycki, Wasilewski, Folc, Stawiarski, Matusiak, Kawka, Krajewski, Maciejewski, Badziak, Danilewski, Siepierski, Liszewski, Matuszewski, Pacholek, Spancerski, Herek, Fabisiak, Rutkowski, Suchenski, Ranachowski, Radwanski, Bank, Wronski, Czyzewski, Golembieski, Demski, Guzliniski, Krajewski, Sieklucki, Baranowski, Szczepaniak, Nowak, Kazmierczak, Nolc, Nowotny, Chylinski, Lewandowski, Piasecki, Wisowaty, Stachenski, Plaskiewicz, Chojnacki, Machenski, Niedzwiecki, Bojanowski, Mroczkowski, Uczenski, Zawadzki, Pietrzak, Sztozoszek, Barabas, Getner, Buchelt, Pokumajer, Tyburski, Kubowski, Mroczek, Kuniarski, Zavaski, Macieski, Wojtcki, Trojanowski, Staszak, Skierniewski, Kozuchowski.

Artigos

Bibliografia:

- PIAZZA, Walter F. *Santa Catarina: Sua História*. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1983.
- MARQUES, Agenor Neves. *História de Urussanga*. Edição do Autor, Urussanga, 1978.
- MARQUES, Agenor Neves. *Imigração Italiana – Edição Comemorativa do Centenário de Urussanga – 1878 – 1978*. Criciúma: Gráfica Ribeiro, 1978.
- SWIERCZEK, Wendelin. *A seara do semeador*. Gráfica Vicentina Ltda, Cuririba, 1980.
- SLOWINSKI, Lecian. *Anotações Datilografadas e Manuscritas*, Florianópolis-SC.
- CRICIUMA, AMOR E TRABALHO, Criciúma-SC, 1975.
- PITON, J. *Emigracja Polska W Brazyliai. 100 lat osadnictwa*, Curitiba-PR, 1971.
- WERPACHOWSKI, Félix, Crisciuma – Santa Catarina: In *Kalendar Ludu*, Rok 1964, Curitiba-PR.
- NIKODEM, Pawel, Como era a meio século de Curitiba a Buenos Aires a pé: In *Kalendar Ludu*, Rok 1964, Curitiba, 1964.
- DALL' ALBA, João Leonir. *Colonos e mineiros no grande Orleans*. Edição do Autor – Instituto São José, Orleans, 1986.
- ZUMBLICK, Walter. *Teresa Cristina a ferrovia do carvão*. Ed. da UFSC, Florianópolis, 1987.
- BARRETO, Maria Terezinha Sobierajski. *Poloneses em Santa Catarina*. Ed. Lunardelli, Florianópolis, 1983.
- DALL' ALBA, J. L. *Pioneiros nas terras dos condes*. Edição Prefeitura Municipal de Orleans e Instituto São José, Orleans, 1971.
- BESEN, José Artulino, Padre Francisco Chylinski – missão junto aos poloneses, In: *Jornal da Arquidiocese de Florianópolis*, Julho de 2009.
- LOTTIN, Jucely. *Orleans 2000: história e desenvolvimento*, Elbert Indústria Gráfica Ltda. Florianópolis: Elbert, 1998.
- MATTOS, Jacintho Antonio de. *“Colonização” do Estado de Santa Catarina – Dados Históricos e Estatísticos*. Florianópolis: Publicação da Secretaria Geral dos Negócios do Estado, Gab. Typ. D’O DIA, 1917.
- TIBINCOSKI, Casemiro. *História da Colonização Polonesa – Linha Três Ribeiros – LIRI*,

Artigos

Supergraf – Indústria Gráfica Ltda, Içara 1997.

DALL' ALBA, João Leonir. *Imigração Italiana em Santa Catarina – Documentário. Caxias do Sul*, Editora da Universidade de Caxias do Sul, Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, Florianópolis, Ed. Lunardelli, 1983.

MUSSI, Wladyslawa Wolowska. *Palestra – A Experiência da 1ª Médica formada pela Universidade Federal do Paraná*. 1º Simpósio Brasil-Polônia, Curitiba, 1988.

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przedstawia bogatą historię kolonizacji na południu stanu Santa Catarina, a szczególnie w okolicach Criciumy, gdzie w tym procesie główną rolę odegrali polscy emigranci. Postęp i rozwój regionu Criciumy rozpoczyna się przybyciem tam emigrantów z Kujaw, Mazowsza, Łodzi, Poznania, którzy dali początek przemysłowi tkackiemu i rzemiosłu. Autor podkreśla zasługi Polaków i ich potomków, w tworzeniu kultury, ich udział w życiu społecznym politycznym i w innych dziedzinach, wymieniając również kapitanów, którzy towarzyszyli swoim wiernym. W artykule zapoznajemy się z długą listą polskich nazwisk.

CEM ANOS DE UMA CONGREGAÇÃO FUNDADA NA RÚSSIA

*Frei Alberto STAWINSKI OFM Cap.**

Trata-se da benemérita Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria, fundada, aos 27 de dezembro de 1857, em Petersburgo, capital do Império Russo, e radicada, outrossim, no Brasil em princípios de 1906.

No decorrer, pois, deste ano, a referida Congregação está comemorando duas magnas datas jubilares: o Centenário de sua fundação e o Cinquentenário de suas atividades em terras brasileiras.

Um dos mais notáveis acontecimentos da história da Igreja do século XIX foi a solene definição do dogma da Imaculada Conceição, em 1854. A partir daquela data, imprimiu-se um novo ritmo na marcha quase bimilenar da Igreja. O Ano Mariano, há pouco celebrado com desusado brilhantismo em tudo o mundo, é eco autêntico dessa definição dogmática. No decorrer de um século, que floração de instituições pias, fraternidades e congregações religiosas não desabrochou no jardim da Igreja ao calor benéfico da Imaculada Conceição! As comemorações imaculistas ocasionaram, também, o aparecimento da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

Sem ares de erudição, mas com o único desejo de salientar as benemerências de uma Família Mariana, ao ensejo de seu primeiro Centenário de existência, tentaremos projetar um tênue raio de luz sobre a origem, a fundação, o desenvolvimento, a atividade e a situação atual da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria.

*O presente texto, escrito em meados da década de 1950, foi deixado pelo autor em forma de manuscrito. O frei Alberto Victor Stawinski (1900-1991) destacou-se como eminente escritor, historiador e jornalista.

1. Origem da congregação

Seu fundador é D. Sigismundo Szczesny Felinski, insigne teólogo, intrépido defensor da Igreja e mui preclaro Arcebispo de Varsóvia. Nascido em 1822, na Polônia, de família profundamente católica, ainda no verdor dos anos ficou órfão de pai e viu a mãe, por falsas denúncias, ser deportada pelos russos “para os gelos da Sibéria”. Assim, deste muito cedo o pequeno Sigismundo enveredava pela senda do sofrimento. Entretanto, a Divina Providência não o desamparou; antes, favoreceu-o ainda mais com dar-lhe a vocação para o sacerdócio. Não só distinto pela piedade, mas ainda dotado de firmeza de caráter e de inteligência invulgar, Sigismundo conseguiu concluir com brilhantismo os estudos da carreira eclesiástica. Ordenado sacerdote, estava na posse do seu sublime ideal, que era “tornar-se tudo para todos, a fim de conquistar a todos para Cristo”. Lançou-se, de corpo e alma, à conquista de almas para Deus. Seus raros predicados de sacerdote virtuoso e apreciado orador sacro, sua prodigiosa cultura e, sobretudo, sua grande piedade granjearam-lhe a estima da parte da autoridade eclesiástica. Tanto assim que, jovem embora, foi destacado para o importante cargo de Reitor e Professor do Seminário Maior de Petersburgo. Colocado no candelabro da reitoria e da cátedra de um dos mais célebres Seminários da Europa, o Pe. Sigismundo chegou, em pouco tempo, a conquistar os corações dos seus alunos e a cativar as simpatias do Czar da Rússia, que, algum tempo depois, o proporá à Santa Sé candidato ao arcebispo de Varsóvia.

2. Monsenhor Sigismundo, arcebispo de Varsóvia

Por morte de D. Antônio Fijalkowski, ocorrida aos 5 de outubro de 1861, a Sede Arquiepiscopal de Varsóvia ficou vacante por alguns meses. Todo o território polonês, ocupado pelas três potências: Rússia, Áustria e Prússia, vivia um dos momentos mais trágicos da sua história. Cada um dos ocupantes se esforçava para apressar, por todos os meios, a assimilação da população polonesa. Mas a Igreja jamais deixou de profligar a opressão violenta e injusta. Com sua doutrina de paz e justiça social, com sua catequese e instituições

Artigos

pias, com sua pregação evangélica e com suas escolas particulares opunha um baluarte forte contra toda a violência e as injustas perseguições.

Após a morte do Arcebispo D. Antônio Fijalkowski, o Cabido Metropolitano elegeu, para o cargo de Vigário Capitular, o Prelado Bialobrzieski, cujo mandato teve pouca duração e, além disso, acabou tragicamente. Com efeito, na noite de 15 para 16 de outubro daquele mesmo ano, a soldadesca russa recebeu ordem de assaltar todas as igrejas, de impedir a celebração do culto divino e de dispersar à força os católicos que teimassem em permanecer nas igrejas. Seguiram-se atrocidades e aprisionamentos em massa, tanto de simples fiéis como de religiosos e sacerdotes. Na própria catedral de São João os altares foram profanados com o sangue de sacerdotes, barbaramente espancados e trucidados.

Em face de tão satânica perseguição e de tamanhos sacrilégios, o Vigário Capitular determinou o fechamento das igrejas existentes dentro dos limites da arquidiocese, levando, outrossim, ao conhecimento dos causadores das execrandas profanações, que não reabriria as igrejas enquanto se não abrissem as portas das prisões aos sacerdotes injustamente detidos, e bem assim enquanto não fosse garantida a liberdade de religião a todos os fiéis. As medidas eram mais do que justas. Mas o pérfido governo russo julgou-se ferido nos seus direitos e, sedento como era de sangue inocente, decretou pena de morte contra o Vigário Capitular, pena que foi, depois, comutada em prisão perpétua pelo Tribunal Militar. Meses a fio, os sinos dos campanários permaneceram mudos, e fechadas as portas das igrejas. Cobrindo-se de luto, a população católica polonesa passou a viver os tempos das catacumbas. Arbitrariedades, represálias, violências, prisões, desterros, mortes: eis o que os anais daqueles tempos registraram.

Afinal, aos 13 de fevereiro de 1862, foi enviado para a Arquidiocese de Varsóvia o “Anjo da paz”, o novo Arcebispo, nomeado pela Santa Sé como “persona grata” do governo russo, na pessoa do Reitor do Seminário Católico de Petersburgo, D. Sigismundo Szczesny Felinski. Um dos primeiros atos do novo antístite foi mandar reconciliar e abrir as igrejas profanadas, reservando a si a reconciliação da Catedral e da igreja dos Padres Bernardinos, nas quais as maiores profanações se haviam verificado. Timbrou, em seguida, em

Artigos

restabelecer a ordem e a paz entre o povo, exortando a todos a absterem-se de manifestações patrióticas exaltadas. Ao clero não cessou de encarecer prudência e zelo no pastoreio das almas. A atitude prudente e firme do novo Arcebispo de tal forma agradou aos representantes do governo russo, que toda a imprensa daquele tempo lhe foi tecendo os mais rasgados elogios. A esses hosanas triunfais, porém, não tardariam a seguir-se os “crucifige”!

3. Insurreição da Polônia e desterro de d. Sigismundo

Poucos meses de trégua teve o governo arquiiepiscopal de D. Sigismundo. Mas, mesmo assim, pôde ele visitar, pessoalmente, sua vasta arquidiocese e derramar nos corações de todas as suas ovelhas o bálsamo salutar da esperança de dias melhores. Cedo o povo convenceu-se de que D. Sigismundo era, sob todos os pontos de vista, um grande e digno Arcebispo, como nunca dantes houvera outro igual. Tudo, pois, dava a entender que a dolorosa situação deveria, aos poucos, normalizar-se definitivamente.

Entretanto, sob os escombros da perseguição russa não se haviam apagado as brasas da planejada revolta do povo polonês. Cansados de tanto sofrer arbitrariedades, vinganças e odientas perseguições, os poloneses iam-se preparando, na surdina, para acabar com a dominação estrangeira. Na memorável noite de 23 de janeiro de 1863, eclodiu, em todo o território polonês, o movimento revolucionário. Travaram-se sangrentas refregas. Por algum tempo, a insurreição foi sendo vitoriosa, mas, infelizmente, por falta de tática e de unidade no comando, acabou capitulando. Entrementes, o Arcebispo de Varsóvia ia multiplicando todos os esforços diplomáticos a fim de salvaguardar a liberdade para o seu povo.

Em data de 15 de março de 1863, tomou a liberdade de encaminhar ao Imperador Alexandre II, Czar da Rússia, uma carta vazada nos seguintes termos:

“Preclaríssimo Soberano,

Tem sido, em todos os tempos, missão e privilégio da Igreja dirigir seu apelo aos poderosos desta terra nos momentos de desgraça e calamidade pública. Etribado

Artigos

em tal privilégio e movido pelo sagrado dever de Pastor e Guia espiritual do Reino Polonês, é que tomamos a liberdade de focalizar as prementes necessidades do nosso rebanho. Estão correndo rios de sangue e as represálias, longe de serenarem os ânimos exaltados, vão provocando ainda maiores revoltas.

Em nome, pois, da caridade cristã e no interesse de ambas as nações, pedimos, encarecidamente, que V. Majestade ponha termo a essa luta de extermínio. As leis baixadas por V. Majestade não são suficientes para garantir a felicidade da nação. Além da autonomia administrativa, precisa a Polônia, ainda, da vida política.

Preclaríssimo Soberano, soou a hora de V. Majestade tornar, por sua própria iniciativa, a Polônia umanação independente, vinculada à Rússia, apenas, pelos laços da dinastia de V. Alteza Imperial. Esta parece-nos que seja a única medida capaz de estancar o derramamento de sangue e constituir a base de uma paz duradoura. Não há mais tempo a perder. Dia a dia se está cavando mais profundo o abismo entre as duas nações. Importa, pois, que V. Majestade não fique aguardando o término da luta. É deveras maior gesto de magnanimidade e generosidade retroceder diante da carnificina do que tripudiar, vitoriosamente, sobre uma nação dizimada pela morte. Uma grande palavra, digna da grandeza de um Grande Monarca, basta para nos salvar. Aguardamo-la dos lábios de V. Majestade. Esperamos que um Monarca, ao libertar da escravidão e da miséria vinte milhões de seus súditos, com o objetivo de torná-los cidadãos livres, não se furtará ao imperativo, igualmente louvável, de assegurar a felicidade para um povo tão duramente maltratado.

Altíssimo Soberano, confiou-Lhe a Providência os destinos deste povo. Ela há de ampará-Lo reservando-Lhe uma coroa de glória imortal, se de uma vez para todas V. Majestade puser fim ao sangue e às lágrimas que, desde há muito, vêm inundando a Polônia.

Queira V. Majestade desculpar a franqueza destas minhas palavras, mas o instante é por demais grave. Queira relevar ao Pastor, que, testemunha como é das deploráveis desgraças, se atreve a interceder em favor de seu rebanho.

Depositando nas mãos de V. Majestade esta nossa humilde e ardente súplica, temos o prazer de confessar-nos de V. Majestade o mais fiel e obediente súdito.

Sigismundo Szczesny Felinski, Arcebispo de Varsóvia.

A carta acima, longe de produzir o efeito desejado, acabou por exacerbar

ainda mais o ânimo turbulento e vingativo do Czar, que, daí em diante, ficou maquinando qualquer pretexto para desterrar o magnânimo Arcebispo. A ocasião azada não se fez esperar. Aos 12 de junho de 1863, o Pe. Frei Agripino Konarski, da Ordem dos Capuchinhos, pelo simples e único motivo de ter prestado socorro espiritual aos poloneses feridos no campo da luta, foi condenado à força e barbaramente executado. Diante dessa ação tão ignóbil, D. Sigismundo não pôde silenciar. Com todas as energias protestou ele contra tal barbárie, declarando excomungados os autores daquela atrocidade. Apenas informado do ocorrido, o Czar ordenou que D. Sigismundo fosse desterrado para Jaroslav, às margens do rio Volga. Assim, no dia 14 de junho, o intrépido e virtuoso Arcebispo de Varsóvia, arrancado à força da sua querida arquidiocese, ia curtir as agruras de um exílio de vinte anos. Anistiado em 1883, ao ensejo da coroação do Czar Alexandre III, mas com a proibição de regressar para Varsóvia, D. Sigismundo retirou-se para um pequeno lugarejo da Galícia, onde 13 anos depois veio a falecer santamente, legando à posteridade um exemplo de heroísmo cristão na defesa de sua arquidiocese e de sua martirizada Pátria.

4. Fundação das irmãs da Sagrada Família de Maria

Era simplesmente deplorável o panorama da Igreja na Polônia, nos meados do século XIX. A eterna perfídia russa, sob o pretexto de motivos políticos, movia cruéis perseguições contra os católicos. Bastas vezes era suficiente qualquer suspeita para que famílias inteiras fossem obrigadas a abandonar seus haveres e trabalhar nas estepes e aldeias da Sibéria. O Pe. Sigismundo, quando Reitor do Seminário de Petersburgo, vinha acompanhando com o coração transido de dor a tragédia dos seus patrícios. Lamentava ele não só as precárias condições de vida de milhares de famílias polonesas deportadas, mas, sobretudo, a falta de toda assistência religiosa. Precisava-se, então, de elementos que se ocupassem da instrução e catequese das crianças, que visitassem os enfermos, prestando-lhes a devida assistência, que amenizassem as amarguras da velhice desamparada, que, enfim, não cessassem de erguer a Deus contínuas preces pela desditosa e

Artigos

perseguida Nação Polonesa. Face a esses urgentes problemas é que nasceu a ideia de fundar-se uma nova Congregação religiosa, no intuito de atender às precisões daquela massa de povo desamparado.

Coadjuvado pelo Pe. Constantino Lubienski, também futuro bispo, o Pe. Sigismundo pôs as mãos à obra. Começou por alugar um modesto prédio, no qual numerosas crianças pobres e órfãs encontraram seu novolar. A direção desse abrigo foi confiada aos cuidados de algumas jovens piedosas, previamente adestradas para aquela nobre tarefa. As obreiras da primeira hora foram: Maria Mann, Sofia Choroszewska e Catarina Szymanska. A seguir, encontraram-se no primeiro grupo mais duas ativas candidatas: Florentina Dymman e Aneta Malcow. Essas cinco devotadas educadoras, iniciadas pelo Pe. Sigismundo nos caminhos da vida religiosa, constituíram as colunas mestras da novel Congregação, que surgiu com o nome de IRMÃS DA SAGRADA FAMÍLIA DE MARIA (Siostry Rodziny Maryi).

Para Padroeira principal foi escolhida a Imaculada Conceição da SSma. Virgem Maria. Organizadas de conformidade com as leis canônicas vigentes, as Irmãs da Sagrada Família receberam, por intermédio do Arcebispo D. Chiggi, então Núncio Apostólico em Petersburgo, uma bênção especial do Papa para os seus empreendimentos.

O Pe. Sigismundo redigiu, de próprio punho, as Constituições e o Ideal da Congregação, traçando normas básicas e seguras referentes à vida interior e exterior, isto é, à vida de oração e de ação. Além do fim principal, que é a glória de Deus, a santificação própria e a salvação das almas, comprometiam-se as Irmãs a ajustar-se à vida modelar da Sagrada Família e a praticar, de modo especial, as virtudes da simplicidade, humildade e pobreza.

Os albores da Congregação foram acompanhados de enormes dificuldades, aliás como sói acontecer com todas as obras inspiradas por Deus. Fundada na própria capital do Império Russo, por princípio hostil à Igreja Católica, a Congregação não foi reconhecida como tal pelo governo russo. Para poder subsistir e trabalhar, a Congregação foi aprovada, apenas, como associação beneficente. Não obstante, encontrou ela valioso apoio por parte de minorias piedosas e senhoras católicas muito chegadas à Corte do Czar.

Graças a isso foi possível às irmãs abrir novas casas no território russo. Foi

assim que surgiram as seguintes casas: Abrigo de órfãos, Casa de trabalhos para moças, Escolas primárias, Asilo para velhinhas, Creches etc. Todas essas instituições pias percebiam da parte do governo pequenos subsídios para o desenvolvimento de suas atividades assistenciais.

5. Rumando para a Polônia

Empossado na Arquidiocese de Varsóvia, D. Sigismundo precisava muito de religiosas para as obras caritativas e assistenciais. Lembrou-se, então, da Congregação que ele mesmo fundara. Empenhou-se em adquirir para as Irmãs a antiga residência do campo, outrora pertencente ao Rei Estanislau Poniatowski. O prédio, com suas numerosas e confortáveis celas, adaptava-se, perfeitamente, a uma escola para crianças. Foi lá que as Irmãs da Sagrada Família de Maria se instalaram e deram início ao seu apostolado noterrítório polonês. Abria-se, assim, o novo berço da Congregação, que, enfrentando dificuldades e perseguições, conseguiu sobreviver até aos nossos dias. Durante a última guerra, parte do edifício foi destruída por um incêndio. Hoje, felizmente, já tudo foi reconstruído. Presentemente, é lá que está instalada a Casa Generalícia da Congregação (Warszawa, ulica Zelazna, 97).

Mal as irmãs acabavam de ambientar-se, D. Sigismundo foi, por ordem do Czar, desterrado de Varsóvia. Entretanto, a Divina Providência continuava velando sobre a pequena Família de Maria. Em Petersburgo, depois da saída de D. Sigismundo, as Irmãs tiveram por diretor e dedicado amigo o Pe. Vicente Majewski.

Orientadas pela mão segura e paternal do novo diretor, as Irmãs puderam abrir nove casas na Rússia, a saber: em Sebastopol, Yalta e Odessa. Estenderam, outrossim, seu campo de apostolado até à Romênia, onde assumiram a direção de escolas, asilos e hospitais.

Em 1883, D. Sigismundo foi posto em liberdade, mas inibido de regressar para Varsóvia. Foi, então, residir na Galícia, sob o protetorado da Áustria, onde, na cidade de Dzwiniaczka, exerceu o ofício de capelão no oratório da

Artigos

Princesa Koziębrodzka. Livre das responsabilidades de sua arquidiocese, D. Sigismundo pôde, inteiramente, dedicar-se à formação intelectual e religiosa de sua querida Congregação. Junto a sua capelania, abriu uma Casa de Noviciado e Formação para as Irmãs. Para a novel Congregação, D. Sigismundo era tudo: Fundador, Mestre, Diretor e Superior. Providenciou para que as Irmãs frequentassem cursos de especialização em escolas oficiais. Explica-se assim o grande surto religioso e intelectual que a Congregação alcançou sob a direção imediata do próprio fundador. Havia doze anos que D. Sigismundo vinha inoculando no ânimo de suas filhas espirituais o verdadeiro espírito de que ele desejava ver revestida a sua querida Congregação. Pressentindo que o seu exílio terreno se ia terminando, providenciou para que uma das Irmãs fosse escolhida para o cargo de Superiora Geral. Saiu eleita a Madre Sofia Koncza. Religiosa de sólida cultura e piedade e por longos anos treinada pelo fundador nos diversos ofícios da Congregação, a Madre Sofia teve um governo fecundo em realizações, que lhe granjeou a plena confiança de suas filhas e a estima geral do povo e do clero.

Com a escolha da Superiora Geral passou a estabilizar-se, cada vez mais, a estrutura da Congregação.

6. A congregação depois da morte do fundador

Depois da morte do virtuoso fundador, ocorrida em 1895, as Irmãs encontraram um segundo pai, na pessoa de D. Weber, Bispo de Leópolis (Lwów). A fim de assegurar para a Congregação uma assistência espiritual mais eficiente, D. Weber houve por bem transferir o noviciado de Dzwiniaczka para a sua sede episcopal de Leópolis. Mercê do seu apoio moral e material, puderam as Irmãs adquirir, na cidade de Leópolis, considerável área de terreno com boa casa, onde instalaram, outrossim, a casa Generalícia da Congregação. Mas, infelizmente, algum tempo depois, D. Weber teve que transferir-se, definitivamente, para os Estados Unidos. A Divina Providência, porém, que não abandona a quem a Ela se confia, enviou às Irmãs um outro grande amigo e benfeitor, o Pe. Frei Mariano Sobolewski, da Ordem dos Franciscanos Conventuais e Ministro Provincial da Província Polonesa. É a

Artigos

ele que a Congregação deve sua organização definitiva, ajustada à Regra da Ordem Terceira de São Francisco de Assis e, bem assim, a agregação à Primeira Ordem Franciscana, em harmonia com as leis canônicas. De forma que, a partir de 1903, a Congregação passou a denominar-se CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA (Siostry Franciszkanki Rodziny Maryi). Enfim, foi ainda ele quem alcançou de Roma a aprovação temporária das Constituições. Mas a aprovação definitiva só foi obtida em 1934.

Desde o seu alvorecer até a presente data, a Congregação tem passado pelo cadinho das mais duras provações. Depois das restrições e perseguições da parte dos russos, sobrevieram as duas últimas guerras mundiais com as suas dolorosas conseqüências. Com o advento do regime comunista não ficou nenhuma casa da Congregação na Rússia. Na parte oriental da Polônia, cedida à Rússia pelo famigerado Tratado de Yalta, as Irmãs tiveram que abandonar 89 localidades em que trabalhavam e 29 casas pertencentes à Congregação. Na parte ocidental, por ocasião da invasão nazista, numerosas Irmãs foram levadas para o campo de concentração em Ravensbruck; mas, felizmente, sobreviveram àquelas torturas. Ignora-se, atualmente, qual possa ser a condição de Congregação na Polônia, governada por um regime comunista. É de 1948 a última estatística, segundo a qual as três Províncias, existentes no território polonês, ofereciam os seguintes dados:

1. Província do Sagrado Coração de Jesus, com sede em Cracóvia: 42 casas e 290 Irmãs;
2. Província da Imaculada Conceição, com sede em Varsóvia: 44 casas e 475 Irmãs;
3. Província de São Francisco de Assis, com sede em Posnania: 40 casas e 327 Irmãs;
4. Província de São José, na Romênia, que foi extinta;

Artigos

5. Província do Menino Jesus, com sede em Curitiba, capital do Estado do Paraná, Brasil: 54 casas; 37 escolas paroquiais; 12 hospitais; 2 asilos; 3 seminários (serviços domésticos); total de Irmãs professoras 286; Noviças 17; Postulantes 22; Juvenistas 42. O maior número de casas encontra-se no Paraná (37); depois, no Rio Grande do Sul (12); enfim, em Santa Catarina (5).

São esses os frutos de uma pequena semente que, atirada no solo da Rússia, foi durante um século de existência alastrando-se pela Polônia e Brasil adentro.

Ao comemorarem o Primeiro Centenário de sua vida, as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria entoam ao Senhor o “Magnificat” de louvores e agradecimentos, porquanto grandes coisas lhes fez Aquele que é Todo-Poderoso.

7. Cinquenta anos de atividades no Brasil

As incessantes reviravoltas políticas do século XIX, não raro acompanhadas de perseguições religiosas, tornaram quase impossível a vida dos católicos dentro do território polonês. Cruciante era o problema, cuja solução gravitava em torno do dilema: ou perecer ou buscar guarida em outros países. Iniciou-se, então, o êxodo. Enquanto as famílias abastadas se foram instalando nos países europeus, as famílias pobres viram-se forçadas a pedir abrigo nos Estados Unidos da América do Norte ou no Brasil. A maioria das famílias rumou para os Estados Unidos, onde de tal forma prosperaram que atualmente formam um contingente de mais de seis milhões de descendentes de poloneses. Por sua vez, também, o Brasil recebeu considerável leva emigratória. Os poloneses localizaram-se, de preferência, nos três Estados do Sul, isto é, no Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul. Banal fora pretender descrever as dificuldades e penúrias da primeira corrente emigratória polonesa, que sem assistência técnica, nem médica, nem religiosa, teve que embrenhar-se pela mata virgem, onde aos golpes do machado se foram abrindo clareiras e construindo as primeiras moradias. Mal, porém, conseguiam rudes abrigos, empenhavam-se, outrossim, na

Artigos

construção de escolas e igrejas. Como não houvesse nem professores, nem sacerdotes, apelaram à Mãe-Pátria com a esperança de serem atendidos. Não se enganaram. Ordens e Congregações religiosas porfiaram em enviar sacerdotes missionários. Merecem, aqui, especial menção os Padres da Congregação da Missão, os Padres Verbistas, os Padres Capuchinhos e os Padres Salesianos, os quais com admirável zelo se entregaram ao nobre apostolado missionário entre os poloneses. Mas, precisava-se de Irmãs religiosas para as escolas e a catequese. Em 1905, uma comissão composta do Pe. João Mietus, então vigário de Orleans, no Paraná, do Cônsul austríaco, Sr. Bertoni, e do secretário consular, Vladomiro Kwasinski, endereçou à Superiora Geral das Irmãs da Sagrada Família, Madre Sofia Koncza, um caloroso apelo, no sentido de alcançar Irmãs para a missão polonesa no Brasil.

Naqueles tempos, destacar Irmãs para terras inóspitas, longínquas e desconhecidas era sacrifício muito grande. O desejo, porém, de trabalharem na seara do Senhor, na qualidade de missionárias, triunfou; e para a missão do Paraná foram enviadas as seguintes religiosas: Irmã Sofia Ulatowska como superiora, Irmã Edviges Dudkiewicz e Irmã Maria Grzegorzewicz. Assim, no dia 7 de janeiro de 1906, aquelas missionárias deixavam Leópolis. Em Bremen tomaram o navio alemão “Sparta” com destino ao Brasil. Longa e penosa foi a travessia do oceano. Ao romper de 1 de março daquele ano, o “Sparta” atracava no porto de Paranaguá. Satisfeitas por terem alcançado a meta de sua viagem, as Irmãs renderam graças a Deus e continuaram a viagem por terra até Orleans, onde foram acolhidas com muita festa pelo vigário e pelo povo em geral. Abriam, desta forma, as Irmãs um novo livro, em cujas páginas, no decorrer de 50 anos de intenso trabalho, registrariam tão esplêndidas conquistas no campo da instrução e da catequese das crianças, bem como nas obras de ação caritativa e social.

Ainda no decurso do mesmo ano, o Pe. Estanislau Trzebiatowski, em nome da Comissão da Igreja de Curitiba, pediu com insistência mais uma remessa de Irmãs para a escola de Curitiba. A Madre Geral, satisfeita com os sucessos de suas Irmãs em terras brasileiras, apressou-se em destacar a segunda equipe de Irmãs Missionárias. Chegaram elas a Curitiba, no dia

Artigos

7 de agosto de 1906, instalando-se, provisoriamente, num modesto prédio, sito à Rua Paula Gomes.

Cedo morreram as saudades e estancaram-se as lágrimas. É que as Irmãs encontraram no Brasil sua segunda pátria, onde começaram a colher com alegria os frutos dos seus suores. Já em 1909, auxiliadas por generosos benfeitores, as Irmãs puderam adquirir regular extensão de terreno, junto à Rua Aquidabam, hoje Emiliano Pernet, onde se ergueu a futura Casa-Mãe da Província Brasileira do Menino Jesus. Entretanto, imensa era a seara e poucas as obreiras. Daí, a Congregação foi obrigada a remeter, de tempos a tempos, novas levas de Irmãs para trabalharem no Brasil. À medida que os anos passavam, foram surgindo novas casas da Congregação, não só no Paraná, mas também em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul.

De conformidade com o espírito da Congregação, as Irmãs, longe de procurarem as grandes e populosas cidades para a instalação de suas casas, preferiram os lugares humildes e afastados dos grandes centros, onde a necessidade era maior e mais premente. Seu campo de atividades abrangia escolas paroquiais, grupos escolares, ginásios, internatos para meninas e moças, asilos para a velhice desamparada, abrigos, hospitais, sanatórios e, acima de tudo, a catequese.

Neste ano, ao comemorarem as Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria o primeiro centenário de sua fundação e o cinquentenário de seu fecundo apostolado desdobrado no Brasil, seus olhares voltam-se para o Berço da Congregação, isto é, para aquelas nações que as viram nascer e, por entre ingentes sacrifícios, crescer e prosperar. Por dever de gratidão e, também, em atenção aos desejos de N. S. da Fátima, as Irmãs rezam e sacrificam-se pela conversão da Rússia, escravizada pelo comunismo. Rezam, outrossim, pela libertação do povo polonês das garras do comunismo.

Que essas duas grandes e memoráveis datas sejam portadoras de novo estímulo e nova vitalidade para a benemérita Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família de Maria no prosseguimento da sua sublime missão, para maior glória de Deus e salvação das almas.

RESUMO – STRESZCZENIE

O. Albert Stawinski, znany i poważany w Brazylii historyk i dziennikarz, napisał na stulecie założenia zgromadzenia sióstr Rodziny Marii, obszerny artykuł, w którym przedstawia założyciela zgromadzenia, arcybiskupa Zygmunta Szczęsnego Felińskiego, jako wielkiego bohatera, który za wierność nauce Chrystusa przyplacił zesłaniem na Syberię. Tam, na zesłaniu, powstało zgromadzenie, którego stuletnia działalność w różnych zakątkach świata obchodzono w 1957 r. Autor przedstawia zasługi sióstr w bogatej ich działalności, a szczególnie w podtrzymywaniu polskości w polskich koloniach w Brazylii.

A CONGREGAÇÃO DAS IRMÃS FRANCISCANAS DA SAGRADA FAMÍLIA

*Paulo FILIPAK**

No dia 11 de outubro de 2009, em Roma, durante uma solenidade especial de canonização presidida pelo Papa Bento XVI, foi elevado aos altares o Beato – e agora Santo – arcebispo de Varsóvia Sigismundo Szczęśny Feliński, fundador da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família.

Após a sua ordenação sacerdotal em 1857, quando era padre coadjutor da paróquia de Santa Catarina em São Petersburgo, onde viviam então 30 mil poloneses, com o apoio de influentes personalidades leigas no antigo Império Russo, surgiu o embrião de uma nova congregação religiosa, denominada Congregação da Sagrada Família. Para evitar perseguições e a cassação da parte das autoridades imperiais russas, a congregação atuava oficialmente como uma organização leiga.

Primitivamente, a congregação tinha como objetivo a assistência às crianças pobres, aos idosos e aos poloneses errantes na região, que perambulavam pelo vasto e longínquo Império Russo. Com o tempo, passou a atuar na antiga região oriental da Polônia e na Romênia, bem como na chamada Pequena Polônia (regional meridional e sul-oriental da Polônia). Com a nomeação do pe. Feliński para o cargo de arcebispo de Varsóvia em 1862, a congregação estabeleceu-se na capital da Polônia, embora a casa matriz continuasse em Lvov (na atual Ucrânia).

Em 1906, a pedido do pe. João Miętus, pároco da colônia Órleans, nas proximidades de Curitiba, veio ao Brasil o primeiro grupo de irmãs, composto de três religiosas, que fundaram assim o primeiro núcleo da congregação na Terra do Cruzeiro do Sul. A partir de então, aos poucos, devagar mas com perseverança, vinham novos grupos de irmãs polonesas, até que

* Advogado residente em Curitiba.

Artigos

a semente aqui lançada se transformasse hoje numa grande associação religiosa, espalhada pelos três estados meridionais do Brasil e constituindo duas províncias separadas.

São poucas, dentro da numerosa plêiade de congregações, aquelas que souberam em tão maravilhosa harmonia conciliar o espírito da sua nação, tão bem adaptar-se à nova terra, abrigando sob as suas asas protetoras almas nobres mas silenciosas, impolutas mas valorosas, como a Congregação das Irmãs da Sagrada Família.

No entanto, mesmo sendo a sua grandeza espiritual tão pouco conhecida, porque a esconde a humildade franciscana, no sentido mais amplo dessa palavra, que por ocasião dos 150 anos da sua existência, transcorridos em 2007, do jubileu áureo do seu dedicado trabalho na Terra do Cruzeiro do Sul e da elevação aos altares do seu fundador, o pe. Sigismundo Szczęśny Feliński, seja-nos permitido desvendar a fímbria da sua glória, que se irradia dessa tríplice solenidade.

Não me esforçarei por traçar a sua maravilhosa história, escrita com suor e lágrimas, trabalho e dedicação, tanto na pátria como no Brasil, porque para isso se encontrará uma pena melhor e um coração mais ardente, que em palavras belas e simples ao mesmo tempo lançará no papel a história dessa congregação polonesa, apresentando as pérolas dos seus méritos em todas as cores e tonalidades de abnegação.

Uma espécie de tragicidade histórica parece ter pairado sobre a nação polonesa. Contudo as adversidades temperaram o seu espírito, porquanto, apesar das seculares perseguições, dela continua a desprender-se uma vigorosa corrente de amor a Deus e à Pátria. Muitos dos seus filhos, nos dois últimos séculos, têm sido arrebatados pela borrasca da vida, sendo alguns deles levados às margens do Neva, à capital dos tsares. Foi ali que, no sombrio Norte, em São Petersburgo, surgiu a Congregação das Irmãs da Sagrada Família, sob o impulso do piedoso sacerdote pe. Sigismundo Feliński, na época diretor espiritual da Academia Religiosa.

Transplantada pelas mãos martirizadas do Arcebispo-Exilado à fértil terra da Pequena Polônia, teve um desenvolvimento numérico cada vez maior, sob a experimentada direção do seu piedoso fundador, trabalhando

Artigos

pelo povo polonês e defendendo o espírito e a língua pátria.

E quando foi preciso ir para além do mar, para salvar a fé e a cultura pátria, as suas filhas desembarcaram no Brasil, onde no decorrer de mais de cem anos elas trabalham em numerosos núcleos, porquanto não apenas os compatriotas, mas todos aqueles que tiveram a oportunidade de se encontrar com as Irmãs da Sagrada Família têm sido fascinados pelo espírito da sua angelical simplicidade, iluminada de celestial bondade.

Elas se inscreveram gloriosamente nas páginas da emigração polonesa, sem se afastarem dos postos mais difíceis, dando com isso uma prova da inesgotável força do espírito polonês, renunciando muitas vezes a propostas tentadoras para ir aonde havia um número maior de corações poloneses a pulsar.

E quando após a Segunda Guerra Mundial ondas de refugiados surgiram nas ruas de Curitiba, entre as muitas pessoas que se apressaram em prestar ajuda aos compatriotas um dos primeiros lugares coube à Congregação das Irmãs da Sagrada Família, que abriram de par em par as portas dos seus institutos para as crianças polonesas.

Entre elas, cultivam não apenas o espírito da Congregação, mas também da pátria de origem. A sua presença nunca tem faltado nas nossas comemorações patrióticas. Dentre as numerosas lembranças, destacam-se as maravilhosas danças típicas polonesas que as alunas da Sagrada Família, em trajes nacionais poloneses, executaram em 1951 por ocasião da vinda do Protetor dos Emigrados Poloneses, Sua Excelência Arcebispo José Gawlina, e de outras personalidades.

Repletas de espírito divino, elas devotam uma profunda devoção a Cristo Misericordioso, cuja imagem se encontra em cada uma de suas casas e cujo culto está hoje espalhado não apenas na Polônia, mas no mundo inteiro, graças às aparições do Senhor Misericordioso à religiosa polonesa Santa Faustina Kowalska.

O coroamento do árduo mas benéfico e proveitoso trabalho dessas servas de Deus foi a obra publicada em Cracóvia e intitulada *Sagrada Família – Obra do beato Sigismundo Szczesny Feliński (1857-2007)*. Essa obra, contendo 400 páginas, foi cuidadosamente elaborada e editada por eminentes autores,

Artigos

que com o seu extraordinário conhecimento e precisão apresentam a história e as vivências desse venerável Fundador e da sua obra, que no decorrer de um século e meio floresceu tão esplendidamente, fincando raízes nas terras do antigo Império Russo, mas estendendo-se posteriormente à Romênia e à Pequena Polônia e migrando, no início do século XX, para além do oceano, ao Brasil, para servir aos emigrados poloneses.

O livro acima foi traduzido para a língua portuguesa pelo dr. Paulo Filipak, em colaboração com o prof. Bonifácio Solak e sob a supervisão do tradutor juramentado pe. Jorge Morkis, e em breve será publicado com o patrocínio da Fundação Cultural de Curitiba. Esse será o melhor testemunho do trabalho e da dedicação dessas insubstituíveis obreiras de Deus em terra polonesa e brasileira.

Nesse relato verdadeiramente épico da citada Congregação, merece destaque a dedicação das Irmãs da Sagrada Família durante a Segunda Guerra Mundial, quando centenas de crianças e de judeus adultos encontraram seguro abrigo nos institutos por elas dirigidos, e cujo número é estimado em mil pessoas, que assim se salvaram do inevitável extermínio promovido pelos carrascos nazistas. Expondo ao risco a própria vida, elas salvaram não apenas compatriotas seus, mas também pessoas de outras nacionalidades, por razões humanitárias, o que tem sido motivo de numerosos e lisonjeiros elogios da parte do governo israelense e de distinções oficiais conferidas às Irmãs da Congregação. Trata-se da mais evidente prova de reconhecimento, da parte do governo israelense, pela salvação desses seres humanos, que não tinham outra saída além de abrigar-se sob as asas protetoras dessas religiosas polonesas. Até o momento presente chegam cartas, mensagens e declarações dos antigos educandos judeus espalhados pelo mundo inteiro a fim de estabelecer contato com as antigas irmãs, buscando as suas antigas raízes e as inesquecíveis vivências nos institutos no tempo do pesadelo nazista.

Assim, pois, durante os mais de cem anos do seu trabalho no Brasil as Irmãs da Sagrada Família não abaixaram o voo do seu espírito em direção às esferas celestiais do ideal traçado pelas mãos e pelo coração do piedoso Fundador, não baixaram também o estandarte da dignidade nacional, e o fato de hoje muitos dos nossos alimentarem uma profunda fé e um ardente

Artigos

amor ao país dos seus antepassados deve-se em grande medida ao trabalho por elas realizado.

Honra ao seu trabalho e ao seu mérito!

P.S. A atual superiora da Congregação na Província de Curitiba é a Ir. Ada Gurka, que ao mesmo tempo é irmã do pe. João Gurka, eminente missionário da Congregação de S. Vicente de Paulo, bem como – há muitos anos – membro do Tribunal Eclesiástico da Arquidiocese de Curitiba.

RESUMO-STRESZCZENIE

W tonie osobistej refleksji autor przedstawia historię sióstr Rodziny Marii i ich pracę w Brazylii. On sam jest naocznym świadkiem ofiary, zaparcia i oddania sióstr dla sprawy wychowania i podtrzymywania religijności i ducha polskości. Wyraża osobiste uznanie i podziw dla wszystkich sióstr tego zgromadzenia.

TÉCNICAS DE VISUALIZAÇÃO EM POEMAS INFANTIS DO POETA POLONÊS LUDWIK JERZY KERN

Francisco José dos Santos BRAGA*

Ludwik Jerzy Kern — poeta polonês, satírico, jornalista, tradutor, autor de letras de canções, famoso também por seus pseudônimos literários — nasceu em 29 de dezembro de 1920, em Łódź. Debutou como poeta com o poema “Em busca do tempo”, publicado no Correio Diário Ilustrado em 1938. Durante a invasão da Polônia na Segunda Guerra lutou na Campanha de Setembro contra os alemães. Depois do colapso da Revolta de Varsóvia em 1944, mudou-se para Cracóvia. Passou sua vida profissional (1948-2002) trabalhando para a revista *Przekrój* como jornalista e editor. Sua coluna “*Rozmaitości*” (Variedades) se tornou uma lenda e foi para a história. Seus poemas eram também publicados aí.

Ele escreveu epigramas, esboços, anedotas, poemas, comédia, livros infantis e letras de canções. Era também tradutor. Ainda escreveu os mais populares livros para crianças, ganhando notoriedade seu “Fernando o Magnífico” e “Com licença, Sr. Elefante”. Cooperou com revistas para crianças, principalmente em *Płomyk* (Luz fraca) e *Płomyczek* (Luzinha). Também traduziu livros de autores estrangeiros para a língua polonesa.

Kern recebeu muitos prêmios e honrarias, incluindo o Prêmio Literário de Cracóvia, o Prêmio do Primeiro Ministro da Polônia por escrever para crianças e A Ordem do Riso (um prêmio internacional concedido a adultos distinguidos por seu amor, carinho e auxílio às crianças). Em 2007, foi agraciado com a Medalha da Seção Polonesa de International Board on Books for Young People - IBBY-Asahi Reading Promotion Award pela importância

*Bacharel em Letras (Faculdade Dom Bosco de Filosofia, Ciência e Letras) e Composição Musical (UnB), bem como mestre em Administração (EAESF-FGV). Além de escrever artigos para revistas e jornais, é autor de dois livros e tradutor de vários livros na área de Administração Financeira.

Poemas

do trabalho desenvolvido ao longo de sua carreira e, um ano depois, com o Prêmio do Ministro da Cultura no campo da literatura, por sua atividade de poeta e autor de livros infantis. Foi condecorado com a Cruz de Ouro do Mérito e A Ordem da Polônia Restituta (pol. *Order Odrodzenia Polski*). Morreu aos 90 anos, em 29 de outubro de 2010, em Cracóvia.

I. Introdução

Na Exposição do presente ensaio figuram dois poemas do polonês Ludwik Jerzy Kern (*A Cobra e Começou a chover*), traduzidos por mim para a língua portuguesa, exemplificando as técnicas de visualização ou ideográficas que ele empregava especialmente na sua poesia para crianças. Dele é apresentada também breve biografia.

O principal arcabouço teórico sobre essas técnicas foi retirado de um trabalho de *Maria Ostasz*, Prof^a Dra. do Instituto de Filologia Polonesa, Universidade Pedagógica, em Cracóvia, denominado “*Algumas técnicas de visualização empregadas na poesia para crianças*”, que foi parcialmente traduzido por mim e adaptado para as finalidades da presente Exposição.

Também aqui é apresentado um brinquedo curioso, conhecido por *Pêndulo de Newton*, constituindo uma aplicação de duas leis da Mecânica de Newton e ilustrando bem o movimento ondulatório, típico daquele que se verifica no corpo das serpentes, ao se moverem.

Finalmente incluí algumas “dicas” para poetas novatos interessados em como escrever poemas para crianças.

II. Breve biografia do poeta polonês Ludwik Jerzy Kern

Ludwik Jerzy Kern — poeta polonês, satírico, jornalista, tradutor, autor de letras de canções, famoso também por seus pseudônimos literários — nasceu em 29 de dezembro de 1920, em Łódź. Debutou como poeta com o poema “Em busca do tempo”, publicado no Correio Diário Ilustrado em 1938. Durante a invasão da Polônia na Segunda Guerra lutou na Campanha de Setembro contra os alemães. Depois do colapso da Revolta de Varsóvia

Poemas

em 1944, mudou-se para Cracóvia. Passou sua vida profissional (1948-2002) trabalhando para a revista *Przekrój*¹ como jornalista e editor. Sua coluna “*Rozmaitości*” (Variedades) se tornou uma lenda e foi para a história. Seus poemas eram também publicados aí.

Ele escreveu epigramas, esboços, anedotas, poemas, comédia, livros infantis e letras de canções. Era também tradutor. Ainda escreveu os mais populares livros para crianças, ganhando notoriedade seu “Fernando o Magnífico” e “Com licença, Sr. Elefante”. Cooperou com revistas para crianças, principalmente em *Płomyk* (Luz fraca) e *Płomyczek* (Luzinha). Também traduziu livros de autores estrangeiros para a língua polonesa.

Kern recebeu muitos prêmios e honrarias, incluindo o Prêmio Literário de Cracóvia, o Prêmio do Primeiro Ministro da Polônia por escrever para crianças e A Ordem do Riso (um prêmio internacional concedido a adultos distinguidos por seu amor, carinho e auxílio às crianças). Em 2007, foi agraciado com a Medalha da Seção Polonesa de International Board on Books for Young People - IBBY-Asahi Reading Promotion Award pela importância do trabalho desenvolvido ao longo de sua carreira e, um ano depois, com o Prêmio do Ministro da Cultura no campo da literatura, por sua atividade de poeta e autor de livros infantis. Foi condecorado com a Cruz de Ouro do Mérito e A Ordem da Polônia Restituta (pol. *Order Odrodzenia Polski*). Morreu aos 90 anos, em 29 de outubro de 2010, em Cracóvia.

III. Exposição

“*A visualização*”, diz Maria Ostasz, “*é uma faceta característica da poesia para crianças e a que permanece em concordância com a construção psicofísica do receptor*”

¹ *Przekrój* (ing. *cross-section*; port. *corte ou secção transversal*) é a velha revista semanal polonesa de notícias, estabelecida em 1945 em Cracóvia e desde 2001 publicada em Varsóvia. Foi criada por Marian Eile (pseudônimo *Bracia Rojek*, 1910-1984), o qual, até 1969, foi o primeiro editor-chefe da revista. O foco da revista é em eventos de cunho social, político e cultural (tanto poloneses quanto internacionais).

Poemas

infantil. É possível diferenciar entre várias espécies de criação pela visualização que representam estruturas narrativas, conteúdo e camadas profundas na forma gráfica do poema e constituem sua imagem e que foram a base para criar a taxonomia supracitada. Simultaneamente, cada um dos poemas analisados é uma obra de arte com sua narrativa, conteúdo e estrutura profunda únicos.

A análise dos **poemas ideográficos** que empregam uma série de técnicas de visualização e que são dirigidas a um leitor infantil constitui o objeto deste “paper”. Essa espécie de visualização reflete a estrutura narrativa, o significado e a camada profunda de um poema em sua representação gráfica. Os teóricos da semiótica defendem que a poesia concreta é uma realização visual do texto e os experimentos dos poetas concretistas com a palavra são de extrema importância para a literatura infantil aqui examinada. Criou uma imagem a partir do “material” vocabular — como as letras são ordenadas, bem como sua impressão gráfica. Contudo, hoje em dia a poesia funciona diferentemente: ilustra tanto uma ideia quanto uma noção e as transforma numa imagem. Assim, Eugen Gomringer, o destacado concretista alemão, abriu mão do termo “poesia concreta” pelo novo, “**poesia visual**”.² (...)

O que precisa ser enfatizado é o fato de que a poesia visual é sobretudo importante para um pequeno receptor, para o qual uma imagem é um importante elemento do mecanismo da recepção e constitui um componente inerente a um texto verbal. Os teóricos do movimento concretista enfatizam a intermediação e o papel ativo do receptor no processo de comunicação, a ideia e a acessibilidade do texto. Violando os limites da poesia, a poesia visual entra na esfera da fina arte, pois o pensamento da criança é visual. Muitos psicólogos partilham essa opinião, dentre os quais, S. Szuman, M. Przetacznik-Gierowska e M. Tyszkowa. (...)

² O Prof. Hênio Tavares denomina “**poema figurativo**” (germ. Figurengedicht) o que a autora polonesa chama de “poema visual”, verbis: O poema figurativo “corresponde ao **carmen figuratum** dos romanos, ao **technopaignion** dos gregos, ou ao **calligramme** de Guillaume Apollinaire. Seu efeito reside no aspecto visual, pois a disposição gráfica do poema procura reproduzir a forma do objeto evocado.” Tavares ilustra o poema figurativo com dois exemplos do poeta brasileiro Fagundes Varela, a saber: um “poema que abre a série de seus ‘Cantos Religiosos’, e no qual o poeta lhe dá a forma de uma cruz” e “outro, em forma simbólica de pirâmide, que nos lembra as ascensões inglórias e enganosas.” (TAVARES, Hênio: **Teoria Literária**, Editora Bernardo Álvares S.A., Belo Horizonte, 2ª edição, 1966, p. 308-309).

O mundo da natureza

Os textos, nos quais um elemento do mundo natural constitui o principal motivo, são especialmente gratificantes. Os autores sagazmente combinam valor estético com a formação da sensibilidade dos receptores e com o enriquecimento de seu conhecimento. Várias técnicas do mundo natural podem ser enumeradas aqui: sentenças que servem como uma ilustração do movimento capturado, um poema que visualiza diferentes animais e plantas, uma disposição tal do poema que indique comportamento dinâmico, etc. (...)

*Além disso, a visualização animal combinada com a alegria e o humor como meio de transmitir mensagem didática está presente no poema-conto ideográfico **A Cobra**, de Ludwik Jerzy Kern. Esse poema consiste simplesmente de duas sentenças que estão escritas na forma de uma sequência silábica.*

Wąż

*Idzie wąż wąską dróżką,
nie porusza żadną nóżką.
Poruszałby gdyby mógł,
lecz wąż przecież nie ma nóg.*

A Cobra

*A cobra, indo por estreita via,
não move uma perninha.
Moveria, se pudera,
porém ela afinal não tem patas.*

Ou, em inglês:

Snake

*A snake is walking down the path;
it is not moving any paw.
It would move them if it could,
but it has no moving foot.*

Poemas

As sílabas estão transpostas em relação a cada outra, de modo que imitem um jeito ondulado do movimento deste réptil. A ordenação do texto está de acordo com o formato do animal: e a primeira sílaba (a letra maiúscula “I” em polonês e “A” na versão portuguesa e inglesa) imita sua língua pontiaguda. Uma perspectiva infantil naïve da descrição poética apresenta o animal como uma criatura simpática e que desperta interesse. Sem falar dos diminutivos, que são usados em polonês (*dróźka*, dim. de droga=caminho; *nóźka*, dim. de noga=perna), há um elemento de quebra-cabeça cognitivo: a cobra está andando, mas não movendo nenhuma pata. Esta charada para o pequeno leitor, que não possui um conhecimento adequado da anatomia de animais, fica solucionada na segunda sentença — uma cobra não tem patas.

I-
dzie wąż wąż-
ką dróź- ką,
nie
po- ru- sza
żad- ną
nóź- ką.
Po-
ru- szal- by, gdy-
by mógl,
lecz wąż prze-
cież nie ma
nóg.

A
cobra,
indo
por
estreita

| Poemas

via,
 não
 move
 uma
perninha.
Moveria,
 se pudera,
 porém
 ela
 afinal
não
 tem
 patas.

A

snake is
walk- ing down- the
path, it
 is
 not mov- ing
any paw.
 It
 would move them
 if it
could
but, it
 has- no mov- ing
foot.

Entre todos os poemas estudados no seu “paper”, Maria Ostasz considera que o poema “*A Cobra constitui a técnica mais versátil de representar o tema do poema por meio da visualização.*”

Poemas

É desta forma que a autora polonesa conclui suas observações sobre os poemas ideográficos: *“Então, a visualização é uma característica distintiva da poesia para crianças e algo que fica de acordo com a construção psicofísica do pequeno receptor. É possível diferenciar entre várias espécies de criação pela visualização que representem estruturas narrativas, conteúdo e camadas profundas na forma gráfica do poema (base para criar a supracitada taxonomia) e constituam sua imagem. Embora o poema **A Cobra** esteja próximo à poesia concreta, é importante observar que constrói potencial conotativo de uma estrutura aberta e esse potencial deve ser captado pelo receptor infantil. Para a visualização desse poema não se trata simplesmente de encontrar um sinal icônico para ele, como era o caso com a poesia concreta.”*

As experiências com a Mecânica podem ser divertidas. Vejamos um brinquedo comumente encontrado em escritórios, conhecido como **Pêndulo de Newton** (mais tarde chamado de Berço de Newton), talvez o maior triunfo da física aplicada, que produz um efeito visual hipnotizante. O brinquedo em si é constituído por 5 pêndulos adjacentes uns dos outros, presos a uma barra por 5 cordas de igual comprimento, pois, se essas cordas não fossem iguais em comprimento, as bolas ficariam desequilibradas. Esse arranjo de cordas restringe os movimentos do pêndulo ao mesmo plano. O objetivo é ver as bolas se chocando e daí extrair leis físicas sobre o movimento.

Com esse dispositivo, que recebe o nome de Isaac Newton, é possível demonstrar empiricamente que, numa colisão elástica, verifica-se a conservação do *momentum* e da energia (cinética), leis físicas estudadas e demonstradas pelo célebre físico inglês.

A variação do Pêndulo de Newton (entrando com a expressão *pendulum waves* na busca do YouTube para visualização) com quinze esferas amarradas por fios com diferentes tamanhos, ao serem impulsionadas simultaneamente, produz belos desenhos quando vistos de frente. Nessa versão do brinquedo, disponível para visualização na Internet, o objetivo não é ver as bolas se chocando; interessa vê-las oscilar lateralmente e moldar ondas pendulares (ing. *pendulum waves*) que se propagam ao infinito, às vezes simulando o movimento ondulado da serpente. A ideia, neste caso, é usar 15 pêndulos individuais de diferentes (mas relativos) comprimentos, que tenham sido

Poemas

previamente ajustados para terem períodos sucessivamente crescentes. Quando todas as bolas são liberadas ao mesmo tempo, os diferentes períodos levam os pêndulos a ciclar através de todas as possíveis relações de fase, formando diferentes padrões ondulatórios e eventualmente retornando ao esquema inicial.

Embora o trabalho de Maria Ostasz não tenha contemplado “Começou a Chover”, outro poema expressivo de Ludwik Jerzy Kern, no qual um elemento do mundo natural – a *chuva* – constitui o principal motivo, convém incluí-lo aqui por ser de pleno agrado do público leitor infantil. Nesse poema o autor usa uma disposição tal que indique comportamento dinâmico: é possível visualmente observar/ler o aumento da frequência e intensidade da chuva, mediante a utilização de uma única palavra (*chuva*), em que as letras podem ser consideradas pingos ou gotas-d’ água. O autor consegue, mediante a utilização desse recurso visual, impactar a mente do leitor e transmitir a plasticidade do fenômeno pluviométrico.

Na atmosfera há uma infinidade de informações a serem obtidas. A chuva, que pode ser observada ou vista em qualquer lugar e a qualquer hora, foi uma das primeiras variáveis meteorológicas a ser medida historicamente. Mas algum poeta antes de Kern tratou poeticamente o fenômeno dessa variável meteorológica com o olhar de um físico? Não do meu conhecimento. É verdade que Wilhelm Apollinaris de Kostrowitzki (pseudônimo *Guillaume Apollinaire*, nascido em Roma, 1880 e falecido em Paris, 1918), de linhagem polonesa, já tinha escrito o seu caligrama “*Il pleut...*” muito antes de Kern. Entretanto, o poema do “francês” não é tão dinâmico quanto o do poeta polonês: visualmente “a chuva” de Apollinaire só toma uma direção, correspondendo à do segundo dia do poema de Kern, como se verá abaixo.

No poema de Kern, o observador/leitor pode observar/ler no primeiro dia um ralo chuvisco inicial, seguido de uma maior frequência da chuva impelida por um vento do lado esquerdo do observador/leitor.

No dia seguinte, observa/lê uma alteração na direção da chuva motivada por um vento à direita; a monotonia é a tônica.

No terceiro dia, chove torrencialmente, embora seja possível constatar que há pingos de chuva maiores do que outros.

Poemas

Finalmente, no quarto dia, a chuva para e o sol aparece em meio aos gritos de alegria da criançada.

Começou a chover

Ludwik Jerzy Kern

Primeiramente, pequenas, miúdas gotinhas. Isso parecia assim:

chuva chuva chuva chuva

De repente, do lado esquerdo soprou o vento. Então chovia assim:

chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva

No dia seguinte, o vento sofreu mudanças. Começou a soprar do lado direito e a chuva caía de outra maneira:

chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva
chuva chuva chuva

No terceiro dia, a chuva caía cada vez mais. As grandes gotas alternadamente com pequenas gotas. Isso parecia assim:

chuva CHUVA chuva CHUVA
CHUVA chuva CHUVA chuva

Poemas

chuva CHUVA chuva CHUVA
CHUVA chuva CHUVA chuva
chuva CHUVA chuva CHUVA

No quarto dia, o vento desfez as nuvens. Parou de chover. No céu apareceu o sol. Neste momento as crianças gritaram com alegria:

Sol sol sol
Sol sol sol

Zaczął padać deszcz

Najpierw małe, drobne kropelki. Wyglądało to tak:

deszcz deszcz deszcz deszcz

Nagle z lewej strony dmuchnął wiatr. Wtedy deszcz padał tak:

deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz

Drugiego dnia wiatr się zmienił. Zaczął dmuchać z prawej strony i deszcz padał inaczej:

deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz
deszcz deszcz deszcz

Poemas

deszcz

deszcz

deszcz

Trzeciego dnia deszcz padał coraz większy. Wielkie krople na zmianę z małymi kropelkami. Wyglądało to tak:

deszcz	DESZCZ	deszcz	DESZCZ
DESZCZ	deszcz	DESZCZ	deszcz
deszcz	DESZCZ	deszcz	DESZCZ
DESZCZ	deszcz	DESZCZ	deszcz
deszcz	DESZCZ	deszcz	DESZCZ

Czwartego dnia wiatr rozpędził chmury. Przestał padać deszcz. Na niebie pokazało się słońce. Wtedy dzieci zawołały radośnie:

Słońce	słońce	słońce
Słońce	słońce	słońce

IV. Como escrever poemas para crianças?

Algumas “dicas” de como iniciar o processo de criação e alguns indicadores podem ajudar o escritor novato que se aventura no ramo da poesia para crianças. Os diferentes aspectos da poesia e a maneira de apresentar o poema são:

a) Ritmo: é um importante fator que permite a fluência das palavras com naturalidade, o que torna mais fácil a récita e a memorização do poema pelas crianças.

b) Assunto e traços característicos: o assunto do poema para crianças deve ser algo com o que elas possam relacionar. O tópico deve ser-lhes bem familiar. As personagens e objetos devem já ser de seu conhecimento. E, finalmente, o poema deve combinar bom humor e alegria com aprendizado.

c) Rima de palavras: primeiro, o poema deve possuir palavras simples que as crianças possam rapidamente captar e que sejam fáceis de soletrar e pronunciar; depois, um simples esquema de rima facilitará a compreensão

Poemas

e despertará o interesse da criança em recitá-lo. Embora a rima não seja obrigatória, o seu uso favorece o processo de memorização infantil.

d) *Diversão e aprendizado:* os poemas para crianças são escritos de tal forma que elas se divirtam com eles e, ao mesmo tempo, aprendam algo deles. Mesmo ideias profundas podem ser apresentadas de uma forma interessante e fácil para as crianças.

e) Costuma-se identificar os poemas para crianças com os *poemas "haiku" japoneses* pelo que têm de comum. Os poemas "haiku" descrevem praticamente quase tudo e uns dos mais emocionantes descrevem situações cotidianas de uma forma que dá ao leitor uma experiência completamente nova de uma situação bem conhecida.

Obra consultada

OSTASZ, Maria: *Some techniques employed in poetry for children*, in <http://www.google.com.br/search?q=Some%20techniques%20of%20visualization%20employed%20in%20poetry%20for%20children&ie=utf-8&oe=utf-8&aq=t&rls=org.mozilla:pt-BR:official&client=firefox-a&source=hp&channel=np>

RESUMO – STRESZCZENIE

Autor przedstawia Ludwika Jerzego Kerna, jako wielce zasłużonego poetę satyryka, dziennikarza, tłumacza używającego metody wizualizacji w swojej poezji, przede wszystkim przeznaczonej dla młodego czytelnika. Poprzez tę metodę czytelnik spotyka się z nowym odczuciem piękna i sztuki. Kern dzięki swej nowatorskiej poezji, otrzymał wiele odznaczeń, a jego poezję tłumaczono na wiele języków.

IVAN GODOY “POLÔNIA”*

Antônio do AMARAL ROCHA

A Editora Alfa-Omega de São Paulo publicou no final de 2011 o livro de Ivan Godoy “Polônia”. Este livro apresenta a Polônia aos leitores brasileiros. A grandiosidade da cultura polonesa, sua história cheia de percalços e de momentos de glória, o presente de consolidação democrática e o progresso econômico.

Alfa-Omega: Caro autor, o senhor já escreveu sobre a Alemanha, Argélia, União Soviética e Bulgária, entre outros, sempre traçando um perfil detalhado dos países e agora escolheu a Polônia. Porque a Polônia?

Ivan Godoy: É um país fascinante, que deu ao mundo figuras como Chopin e Rubinstein, na música; vários ganhadores do Prêmio Nobel de Literatura, cineastas como Wajda, Polanski e Kieslowski, cientistas como Copérnico e Madame Curie, líderes políticos e sindicais como Lech Walesa e um dos papas mais marcantes de todos os tempos: João Paulo II. Além disso, tem uma história milenar de luta pela independência e pela conservação de sua identidade nacional. Lá ocorreram fatos decisivos, que influenciaram a evolução de toda a Europa, como a batalha de Grunwald, em 1410, em que foram derrotados os Cavaleiros Teutônicos. De lá partiram as tropas de Napoleão para a invasão da Rússia, que marcou o começo do fim do imperador francês. E lá foi iniciada a Segunda Guerra Mundial, em 1939, quando as forças nazistas invadiram o território polonês. Mas principalmente foi na Polônia que surgiu o Sindicato Solidariedade, que deu a largada para o processo de mudança que pôs fim ao bloco socialista – e portanto à divisão da Europa em dois sistemas antagônicos – e teve como maior símbolo a queda do Muro de Berlim.

| Entrevistas

Alfa-Omega: Além de visitar os lugares que são objeto de seus livros, qual é o seu método de trabalho?

Ivan Godoy: Conhecer os lugares é fundamental, gosto de mostrar a impressão que me causaram as cidades, os monumentos, os museus, os restaurantes, os espetáculos musicais, o burburinhos nas ruas, etc. Mas também falo com muita gente e recolho todo o material possível sobre o tema do livro. Por exemplo, entrevistei dezenas de pessoas na Polônia e no Brasil. Também consultei livros e acessei sites na internet. Neste último caso, sempre procuro comprovar as informações com outras fontes, porque, como se sabe, há muitos dados errados na blogosfera. Após essa primeira etapa, passo à análise de todo material e determino o que entrará em cada capítulo e o número deles. Evito, no possível, que sejam longos, levando em conta que, na época atual, as pessoas se acostumaram com os textos curtos das redes sociais e do twitter. Também coloco um nome provisório em cada um deles. Estabelecido o “esqueleto” do livro, passo à etapa da redação. Normalmente flui sem maiores dificuldades, até porque, como jornalista, estou acostumado a fazer isso. A diferença de um reportagem é que ponho muito mais o lado pessoal, falo em primeira pessoa, gosto de que o leitor a impressão que está me acompanhando na viagem. Quando à parte fotográfica, registro tudo o que parece importante e até determinado detalhes da vida cotidiana. Depois consigo fotos de outros autores, mas uso principalmente meu próprio material, porque reflete o que vi e senti no país tema do livro.

Alfa-Omega: O povo polonês foi vítima das atrocidades nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Qual foi a dimensão dessa tragédia?

Ivan Godoy: A Polônia foi uma das maiores vítimas dessa guerra. Seis milhões de poloneses morreram, na maioria assassinados, mas também devido a privações e doenças. Desses mortos, três milhões eram judeus. Aliás, o território polonês foi o palco principal do Holocausto. Os nazistas levaram para lá judeus de toda a Europa e o campo de extermínio de Auschwitz foi o

| Entrevistas

epicentro de todo esse processo de genocídios. Quanto às perdas materiais, também foram espantosas: no caso de Varsóvia, por exemplo, a capital polonesa perdeu 85% de suas edificações e 94% de seus prédios históricos. Outras cidades também sofreram uma destruição em grande escala, tanto de forma proposital pelos alemães quanto devido ao combate entre os nazistas e o Exército Vermelho, durante a ofensiva que chegou até Berlim. Devemos lembrar que numa primeira etapa do conflito, Stalin ocupou parte da Polônia, em consequência de um acordo com Hitler, e também foi responsável por atrocidades como a execução de aproximadamente vinte mil oficiais poloneses prisioneiros, no bosque de Katyn e em centro de detenção, em 1940.

Alfa-Omega: Como os poloneses encaram esses tristes fatos na atualidade?

Ivan Godoy: Nos primeiros anos após a guerra, eles reconstruíram grande parte do que foi destruído, num esforço descomunal. Hoje olham para a frente, para um futuro de prosperidade numa Europa de paz, mas não esquecem o passado, cultuam seus heróis e lembram os milhões de cidadãos assassinados. Em diversas partes de Varsóvia, por exemplo partes de Varsóvia, há placas de mármore indicando lugares onde os nazistas executaram civis, durante a insurreição de 1944 e, um ano antes, o Levante do Gueto. Os campos de extermínio, entre eles o maior de todos, Auschwitz, são mantidos como museus e como ponto de memória, para que fatos como o Holocausto jamais se repitam.

Alfa-Omega: A Polônia foi até a década de 80 um país sob forte influência de Moscou. Qual foi o papel dos trabalhadores, com Walesa e o sindicato Solidariedade à frente, no fim do regime pró-soviético?

Ivan Godoy: Devemos lembrar que, na prática, a Europa foi dividida

Entrevistas

entre os vencedores da Segunda Guerra Mundial em áreas de influência e Polônia ficou no lado soviético. E esse foi o pecado original do regime comunista polonês, como aliás ocorreu na maioria das nações do centro e do leste de Europa: sua implantação se deveu a fatores externos e serviu para consolidar a hegemonia da União Soviética. Essa foi a diferença em relação a países do chamado Terceiro Mundo, como China, Cuba e Vietnã, em que o regime sempre esteve ligado ao nacionalismo, ou seja, significou maior independência nacional, ao contrário do que ocorreu na Polônia. Quanto ao papel dos trabalhadores, do sindicato Solidariedade e de Lech Walesa na queda do regime, foi fundamental em relação àquele país e também estimulou as forças que queriam a mudanças nas nações do bloco. Teve grande importância o fato de que fossem os trabalhadores que protestassem, porque eles eram a base do comunismo e ao renega-lo tiraram sua razão de existir na Polônia e, após um período de conflito, abriram o caminho para uma transição pacífica em 1989. No entanto, não devemos esquecer o papel de João Paulo II nesse processo. Já sua primeira visita como Papa, em 1979, reuniu multidões que no total teriam atingido o número de oito milhões. Ele não falou apenas de religião, mas também de direitos humanos e políticos. A partir de então, a ação da Igreja polonesa se tornou bem mais ostensiva e também foi importante na queda do regime.

Alfa-Omega: Com o fim do regime pró-soviético, Lech Walesa ganhou as primeiras eleições presidenciais, em 1990. Em 1995, realizaram-se novas eleições, mas Walesa saiu derrotado e nas eleições seguintes, de 2000, obteve uma porcentagem mínima de votos. Qual o motivo da decepção do povo polonês com o líder da década de 80 e início dos anos 90?

Ivan Godoy: Walesa é respeitado até hoje como figura e Prêmio Nobel da Paz. Sua chegada ao poder foi rodeada de muita expectativa. Efetivamente, ele completou a transição política e econômica, e durante seu governo os últimos soldados do Exército Vermelho deixaram o país. O problema é que as pessoas esperavam melhora logo de vida. No entanto, o tratamento de

Entrevistas

choque implementado pelo ministro das Finanças, Leszek Balcerowicz, com o objetivo de criar uma economia de mercado – privatizações, cortes nos gastos públicos, liberação dos preços e controle dos salários –, teve grandes custos sociais. O paradoxo foi que os operários, os maiores protagonistas da queda do regime, tiveram que pagar o maior preço nesse processo. E isso ocorreu principalmente nos grandes centros industriais, a principal força do Solidariedade. O desemprego beirou os 20% quando as antigas empresas estatais, já privatizadas, demitiram o pessoal que consideravam desnecessário. Serviços prestados pelo Estado, como a saúde pública, também sofreram sucateamento. Mesmo com o controle paulatino da inflação e a melhoria na economia, os antigos comunistas, que tinham formado um novo partido, voltaram ao poder pelo voto. Após dez anos, retornaram à oposição, mostrando que a alternância democrática funciona bem na Polônia. A situação econômica e social se estabilizando e a entrada na União Europeia, em 2004, marcou um novo período de prosperidade. Aliás, a Polônia tem mostrado ter uma economia sólida durante a crise financeira internacional iniciada em 2008, sendo um dos poucos com desempenho favorável naquele bloco.

Alfa-Omega: Como se explica a profunda religiosidade católica da nação polonesa, a ponto de termos tido até um papa polonês?

Ivan Godoy: Um fato histórico marca, desde o início, uma clara diferenciação da Polônia de seus vizinhos, do Leste: a adoção do rito ocidental do cristianismo e não do oriental (ortodoxo). Na fronteira leste, o país sofreu uma permanente pressão dos tártaros desde 1241, mas sempre conseguiu impedir seu avanço. Na prática, se converteu num muro defensivo e baluarte do cristianismo e, de forma especial, do catolicismo. Posteriormente, quando a Polônia desapareceu durante mais de um século, dividida entre a Rússia, a Áustria e a Prússia, a Igreja ficou do lado do povo e foi perseguida como ele. Além disso, seu papel foi importante para manter a identidade cultural da nação, mesmo ocupada. Também na Segunda Guerra Mundial, muitos

Entrevistas

padres foram assassinados pelos nazistas. E quando veio o comunismo, a Igreja tal prestígio que o regime, em vez de anular sua atuação, como foi feito noutros países, tentou obter sua colaboração. Mas ele se manteve como um dos núcleos de contestação. Finalmente, como disse antes, a escolha do papa polonês veio intensificar as transformações na Polônia. Mas não houve apenas uma atitude de confronto. A hierarquia católica também aceitou um papel de mediadora entre o governo e o Solidariedade, e isso facilitou, em última instância, uma transição negociada, após anos de conflito.

Alfa-Omega: O Brasil possui uma imensa colônia polonesa, especialmente o sul do país. Os descendentes de poloneses estão plenamente integrados na vida brasileira, atuando na política, economia e até no judiciário. Qual é a contribuição da cultura polonesa à cultura brasileira? Quais nomes se destacam?

Ivan Godoy: O início da colonização polonesa no Brasil ocorreu na década de 70 do século XIX. Claro que houve pessoas que viveram antes e famílias que acompanharam a onda imigratória alemã, mas não era ainda um processo expressivo. A vinda de poloneses em grande escala nos últimos 30 anos desse século deveu-se tanto à ação do governo brasileiro, interessado em atrair europeus, quanto à própria situação existente na Polônia na época, sem independência, com o seu território dividido entre três potências inimigas, com milhares de famílias almejando um pedaço de terra e buscando melhores condições de vida no exterior. Os imigrantes que aqui chegaram se estabeleceram principalmente no Sul do país. Essa imigração econômica continuou até a Segunda Guerra Mundial. Depois vieram mais poloneses, refugiados do conflito, inclusive muitos judeus. O fato é que hoje seus descendentes formam um contingente que, se fizermos a média entre a estimativa menor e a maior, atingiria pelo menos um milhão e meio de pessoas. Se vamos falar de contribuição à nossa cultura, temos que mencionar primeiramente quem é considerado um dos pais do teatro brasileiro moderno, Zbigniew Ziembinski, que chegou aqui em 1941. Há

| Entrevistas

dezenas de outros nomes de destaque nos meios artísticos, como a atriz Dina Sfat e o cineasta Leon Hirszman, e, entre os vivos, figuras de muita popularidade na televisão, como as apresentadoras Xuxa e Angélica e a atriz Renata Sorrah. Na literatura, foi importantíssima a contribuição do poeta e tradutor Paulo Leminski. Não podemos esquecer, o estilista Alexandre Herchcovitch e a top model Alessandra Ambrósio. Entre os empresários, devemos mencionar Abram Szajman, presidente da Fecomércio-SP, e Samuel Klein, fundador da Casa Bahia. Nos meios jurídicos, é obrigatório mencionar o ministro do Supremo Tribunal Federal Ricardo Lewandowski. Finalmente, muitos descendentes de poloneses se dedicaram à política, como o governador da Bahia, Jaques Wagner, os ex-governantes do Paraná e de São Paulo, respectivamente, Jaime Lerner e Alberto Goldman, e o senador Acir Gurgacz, que representa Rondônia, além dos deputados federais Alfredo Sirkis, do Rio de Janeiro, e Luci Choinacki, de Santa Catarina, e do ex-ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc. São apenas alguns nomes mais conhecidos de pessoas que têm ascendência polonesa, mesmo que em alguns casos também descendam de outros povos europeus.

Entrevista a Antônio do Amaral Rocha.

Sobre o autor

Ivan Godoy, jornalista, nasceu no Rio de Janeiro em 1952, mas vive em Brasília desde 1980. Trabalhou em emissoras de rádio, jornais e agências de notícias, assim como na Unesco e no Comitê Internacional da Cruz Vermelha. Hoje está na Rádio Senado.

Especialista em assuntos internacionais, realizou reportagens em mais de quarenta países da América, Europa, África do Norte, Oriente Médio e Ásia. Devemos destacar a cobertura do conflito sandinistas/contras (Nicarágua) e das guerras Irã/Iraque, da Bósnia, Peru/Equador (para a TV Record), assim como do golpe que derrubou o ditador Alfredo Stroessner no Paraguai. É autor de outros livros sobre temas internacionais ...

RESUMO – STRESZCZENIE

W związku z wydaniem książki Ivana Godoya pt. „Polonia”, wydawnictwo Alfa-Omega, przeprowadziło z autorem bardzo ciekawy wywiad. W wywiadzie tym autor nie szczędzi słów uznania dla Polski. Książka ta jest przeznaczona dla brazylijskiego czytelnika. Autor przedstawia wielkość Polski w każdej dziedzinie. Doskonały znawca historii Polski przedstawia ją jako drogę poprzez ciernie do chwały. Stawia Polskę jako przykład narodu, który nigdy nie poddawał się najeźdźcom, który dał światu ogromną ilość wielkich nazwisk w kulturze, muzyce, literaturze, astronomii i innych dziedzinach nauki a w naszych czasach wydał wielkiego syna narodu, papieża Jana Pawła II.. Wymienia również nazwiska Brazylijczyków polskiego pochodzenia, którzy przynoszą chwałę obu narodom

DE SOUZA FARAH, Audrey Lilian. *São Mateus do Sul 100 anos*. Curitiba: Arte 2012, pp. 248.

*Benedykt GRZYMKOWSKI SChr**

Obra ricamente ilustrada, com centenas de fotografias, parece mais um álbum de recordações, que não a desclassifica de ser também obra de pesquisa com valor histórico e científico. O título faz referência à data em que a vila de São Mateus foi elevada à categoria de cidade em 15 de abril de 1912. No centenário da existência como cidade, São Mateus do Sul ganhou uma obra literária, narrando sua história e ilustrando-a com inúmeras fotografias e referências bibliográficas. Cidade situada à margem do Rio Iguaçu, tem suas origens como povoado, desde o ano de 1769. Chamada também “Pérola do Sul”, serviu como parada para as tropas paulistanas, depois como porto fluvial para o transporte de erva-mate. O rio Iguaçu tornou-se um caminho de navegação fluvial desde 1882. O verdadeiro crescimento iniciou-se com a colonização europeia da região. O governo brasileiro as terras aos ingleses, e surgiu até o projeto chamado Kitto. Eram eles que deviam ter ocupado as terras, mas somente 16 colonos dessa nacionalidade se estabeleceram nas margens de Iguaçu. O projeto não deu certo, e os ingleses se mudaram para Curitiba. Em 1885 chega o primeiro grupo de alemães, e em 1890 chegam os primeiros poloneses.

O livro nos mostra todo o processo de crescimento da comunidade de São Mateus, em todos os sentidos. Surge a indústria da madeira, continua a exportação de erva-mate, progride a agricultura, graças a novas técnicas e plantas trazidas pelos emigrantes europeus. Destaca-se também o progresso cultural, através do ensino, do cultivo das tradições e costumes dos imigrantes. A comunidade organiza-se em sociedades, associações de cunho cultural e recreativo, para manter-se unida e guardar sua identidade

*Chanceler da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Resenhas

de origem.

Audrey Farah dedica muitas páginas à etnia polonesa estabelecida em São Mateus. Coloca os nomes das famílias que contribuíram para o progresso da cidade, muitas ilustrações que ainda mais nos convencem da necessidade de integração numa nova pátria, entrando nela com toda a riqueza de sua cultura. A participação dos poloneses na atual imagem da cidade é inequívoca. Também a Igreja é mencionada como um poderoso fator na formação individual e cultural das pessoas.

O xisto de São Mateus do Sul é a fonte da riqueza econômica do município. Várias indústrias ligadas à exploração de xisto se estabeleceram na cidade e na região, destacando-se em primeiro lugar a Petrobrás em 1954. Mas a história da pedra betuminosa começou muito antes, com as pesquisas e a exploração do xisto, mencionando entre outros o Roberto Angewitz, que a autora do livro apresenta como descendente de alemães. O pai do Roberto era polonês, e a mãe, alemã (cf.: *Perfis polônicos no Brasil*, de Ruy Wachowicz e Zdzislaw Malczewski SChr).

A obra *São Mateus do Sul – 100 anos*, de Audrey Farah, torna-se um poderoso instrumento nas mãos dos futuros pesquisadores das raízes étnicas e do progresso integral humano da região de São Mateus do Sul. Parabéns à autora e a todos os que colaboraram de uma ou de outra maneira na criação de tão gigante “monumento”, escrito e editado de maneira tão cuidadosa e ricamente ilustrado, que se torna uma leitura agradável, como se fosse um filme romântico.

ENCONTRO MUNDIAL DOS REITORES DAS MCPs NA CAPITAL DOS PRIMAZES DA POLÔNIA

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Nos dias 27 e 28 de abril do ano corrente, realizou-se em Gniezno – a capital dos Primazes da Polônia – o encontro dos reitores das Missões Católicas Polonesas (MCPs) vindos de vários países do mundo. O convite a todos os reitores foi encaminhado pelo arcebispo metropolitano Dom José Kowalczyk, Primaz da Polônia. O encontro foi presidido pelo bispo Dom Wieslaw Lechowicz, delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para assuntos da pastoral polônica. O Primaz envolveu-se ativamente nesse encontro. Entre os diversos reitores vindos de diversos países do mundo, participaram dessa importante reunião quatro sacerdotes da Sociedade de Cristo, presididos pelo superior geral, Pe. Tomás Sielicki.

Até o meio-dia do primeiro dia, realizou-se o primeiro encontro de trabalho. Após o almoço, houve a possibilidade de uma visita à histórica catedral, santuário de S. Adalberto. Depois disso, continuamos os nossos debates, para os quais contribuíram muitas propostas interessantes.

O segundo dia do encontro iniciou-se com uma missa na catedral, concluída sob a presidência do Primaz da Polônia. Em sua homilia, o arcebispo Dom José Kowalczyk conscientizou-nos da herança religiosa e nacional que tem a sua fonte em Gniezno. Após o café da manhã continuamos o encontro, desta vez na sala de deliberações da Cúria arquiepiscopal. Ao grupo dos reitores das MCPs reunidos sob a presidência de Dom Wieslaw Lechowicz juntaram-se: o Arcebispo Primaz, o bispo Dom Eduardo Janiak – presidente do Conselho da Conferência do Episcopado da Polônia (CEP) para assuntos da migração e o bispo Dom Wojciech Polak – secretário geral da CEP. O bispo Dom Lechowicz propôs que continuássemos o estudo do “Diretório

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e redator da revista *Polonicus*.

da pastoral emigratória da Conferência do Episcopado da Polônia”. Durante a discussão, pudemos convencer-nos das diversas formas com que abordamos o tema “emigrante”. Além disso, a diversidade que se apresenta no dia a dia no nosso ministério nas Igrejas particulares não apenas nos apresenta a múltipla riqueza da questão, mas igualmente cria certas dificuldades na unificação dos conceitos, a fim de que o mencionado documento se torne compreensível para os ouvintes polônicos e também não interfira nas competências dos apropriados pastores, responsáveis em suas Igrejas particulares pela pastoral das pessoas a caminho, entre os quais se encontram os nossos compatriotas e os seus descendentes, junto aos quais desenvolvemos o nosso ministério.

No decorrer dos nossos debates, recebemos a visita do estaroste do distrito de Gniezno. Nas palavras que dirigiu aos presentes, ele aludiu à fonte religiosa e cívica que para todos os poloneses se encontra em Gniezno. Familiarizou-nos com os preparativos de um projeto para organizar na cidade um Museu dos Poloneses Emigrados. A ideia do surgimento de tal instituição repousa na argumentação de que justamente Gniezno é o berço da nossa vida nacional e cristã. É justamente para ali que os poloneses e polônicos que vivem fora das fronteiras da Polônia deverão num futuro próximo encaminhar as diversas lembranças relacionadas com o seu patrimônio, com a finalidade de que nesse lugar especial sejam reunidas as diversas provas que testemunham a influência dos poloneses no exterior para o diversificado progresso dos países em que eles residem e desenvolvem sua atividade profissional, cultural, religiosa ou social. Na continuidade da reunião, discutimos a proposta de ser organizada nos dias 21-24 de outubro de 2013 uma peregrinação mundial dos pastores polônicos a Roma.

Ao meio-dia dirigimo-nos ao auditório do Seminário Maior Primacial, onde se realizou a apresentação do livro jubilar por ocasião dos 50 anos de sacerdócio do Primaz da Polônia, Arcebispo Dom José Kowalczyk, e do 20º aniversário da reorganização da estrutura administrativa da Igreja católica na Polônia. O encontro encerrou-se com um almoço, dos qual participaram os hierarcas da Igreja e os reitores da MCPs.

Na noite do dia 28 de abril, como participantes desse encontro, en-

volvemo-nos – como peregrinos vindos de diversas partes do mundo – nas solenidades religiosas relacionadas com a festividade em honra de S. Adalberto, padroeiro da Polônia. E no domingo (29 de abril) participamos – como concelebrantes – da missa solene festiva e jubilar celebrada sob a presidência do Primaz da Polônia, com uma homilia do cardeal Dom Stanislaw Dziwisz. Durante essa Eucaristia, o núncio apostólico na Polônia, arcebispo Dom Celestino Migliore, entregou os crucifixos missionários aos sacerdotes, às irmãs religiosas e aos missionários leigos que se encaminhavam ao trabalho missionário em diversos países do mundo, especialmente na África e na América Latina.

Ainda não é hora de fazer uma síntese desse encontro. Descrevi num resumo telegráfico esse evento, do qual tive a honra de participar. A iniciativa do Primaz da Polônia esteve relacionada com o peculiar papel pastoral e histórico que cabe a todo Primaz da Polônia como protetor espiritual dos poloneses e seus descendentes que se encontram espalhados pelo mundo. Estou convencido de que, como responsáveis pela coordenação da pastoral polônica em diversos países do mundo, partimos de Gniezno enriquecidos por esse importante encontro. O honrado Anfitrião conquistou-nos a todos pela sua simplicidade, hospitalidade e extraordinária amabilidade. Isso não significa, no entanto, que no decorrer do encontro tivessem faltado manifestações da Sua pastoral solicitude pela numerosa comunidade polônica mundial e pela pastoral específica que a Igreja tem elaborado para ela a fim de que – como costumava dizer o Primaz da Polônia cardeal Dom Augusto Hlond – “no estrangeiro não se perca nenhum dos nossos compatriotas”! Diante do bispo Dom Wieslaw Lechowicz, responsável por parte da CEP pela pastoral polônica, expressamos a nossa gratidão pela coordenação desse encontro e pela solicitude, compreensão e abertura que nos tem demonstrado.

Gniezno, 29 de abril de 2012.

RESUMO - STRESZCZENIE

Autor powyższego uczestniczył na zaproszenie Prymasa Polski w zjeździe rektorów Polskich Misji Katolickich w Gnieźnie. W trosce o duszpasterstwo emigrantów polskich i ich potomków dyskutowano nad nowymi metodami pracy w celu dotarcia do wszystkich, którzy w obcym środowisku potrzebują kontaktu z kapłanem. Wytyczono pewną linię, która ma przewodzić w pracy i opiece nad polskimi emigrantami.

**ENTREGA DE PRÊMIOS NO CONCURSO PLÁSTICO
“POLÔNIA E BRASIL – MAIS PRÓXIMOS
DO QUE NOS PARECE”
NO MUSEU DA PEQUENA CIDADE EM BIEŻUŃ,
VOIVODIA DA MAZÓVIA**

*Izabela KUBIŃSKA**

A solenidade da entrega e prêmios e distinções aos premiados do concurso plástico “Polônia e Brasil – mais próximos do que nos parece” realizou-se no dia 30 de junho de 2012, durante o Dia de Biežuń. O concurso foi realizado pelo Museu da Pequena Cidade de Biežuń, Departamento do Museu da Aldeia da Mazóvia em Sierpc, e fez parte da exposição “Os Poloneses no Brasil”, realizada pela Sociedade Polono-Brasileira. A exposição “Os Poloneses no Brasil” é a versão polonesa da exposição do mesmo nome organizada por um grupo de brasileiros de origem polonesa e poloneses residentes em Brasília. O autor do cenário é o prof. Henryk Siewierski, da Universidade de Brasília.

O objetivo do concurso era o aprofundamento dos conhecimentos das crianças e dos jovens a respeito de fatos da imigração polonesa ao Brasil e da vida da comunidade polônica brasileira tendo como pano de fundo as relações entre os dois países na área da cooperação cultural e científica, bem como a apresentação das belezas desse país, da sua diversidade cultural e natural. Participaram do concurso 135 trabalhos, entre os quais:

- categoria I – 5-9 anos – 75 trabalhos,
- categoria II – 10-12 anos – 35 trabalhos,
- categorias III e IV – 13-19 anos – 25 trabalhos.

* Museu da Pequena Cidade de Biežuń, Departamento da Aldeia da Mazóvia em Sierpc.

Em razão do alto e equilibrado nível dos trabalhos plásticos apresentados, a comissão do concurso atribuiu distinções adicionais.

Para a entrega dos prêmios e das distinções vieram os premiados e os seus orientadores, a coletividade de Biezuń e pessoas convidadas, que puderam também apreciar uma exposição dos trabalhos das crianças e dos jovens que participaram do concurso. A exposição despertou o grande interesse dos visitantes. Mas a alegria maior foi a dos participantes mais jovens, visto que para diversos deles esses foram os primeiros passos artísticos, que com certeza não serão os últimos.

Após o concerto da Orquestra Juvenil do Corpo de Bombeiros Voluntário de Biezuń, seguiu-se a parte mais importante do programa para as crianças e os jovens que participaram do concurso. O diretor do museu de Biezuń, Jerzy Piotrowski, juntamente com o prefeito da cidade e do distrito de Biezuń, Andrzej Szymański, fizeram a entrega dos prêmios aos vencedores do concurso, oferecidos pela Estarostia Distrital de Żuromin, pela Prefeitura do Distrito de Biezuń, pelo Presidente do Conselho Municipal de Biezuń, pelo Banco Cooperativo de Biezuń, pelo Gabinete Veterinário Henryk Grzeszkiewicz, pela loja KEA de Alicja Kłobukowska e pelo Museu da Aldeia da Mazóvia de Sierpc.

Aos vencedores, os organizadores apresentam mais uma vez as suas felicitações!

A exposição “Os Poloneses no Brasil” foi visitada por 727 pessoas (até 30.6.2012), e a exposição pós-concurso, intitulada “Polônia e Brasil – mais próximos do que nos parece” – por 303 pessoas.

RESUMO – STRESZCZENIE

W miejscowości Biezuń odbyło się rozdanie nagród i odznaczeń w konkursie “Polacy w Brazylii”. Konkurs z przeznaczeniem dla młodych twórców, zorganizowało muzeum w Bieżuniu. Nagrody otrzymali uczestnicy, którzy w dziedzinie plastyki wykazali najlepsze pomysły. Brano też pod uwagę artystyzm i oryginalność. Zorganizowano też wystawę „Polska-Brazylia, bliżej niż nam się wydaje”.

JUPEM CONQUISTA O BRASIL

*Salus LOCH**

O Grupo Folclórico Polonês de Erechim, o JUPEM, encantou o Brasil ao ser considerado o grande vencedor do Festival de Dança de Joinville, realizado de 18 a 28 de julho de 2012 no vizinho estado de Santa Catarina. De quebra, os heróis erechinenses também levaram o título de melhor ‘dança popular’, com a coreografia “Mazur ze Strasznegu Dworu” (Mazur – A Ópera do Palácio Assustador) do coreógrafo polonês Janusz Chojeki. A conquista, que rendeu ao grupo um troféu e R\$ 18 mil em dinheiro, segue repercutindo na cidade, no Estado e no País. Desta forma, confira a reportagem especial em homenagem aos campeões nacionais trazendo entrevistas inéditas com participantes do Jupem desde seu nascimento, em 1968, bailarinos que participaram do espetáculo em SC, e também a opinião dos jurados, que não tiveram dúvidas em garantir a taça ao elenco da capital da amizade, de forma unânime. Parabéns, Jupem!

O Festival

Na edição deste ano, o Festival selecionou cerca de 1.600 coreografias das mais de 2.700 inscritas no concurso. O JUPEM concorreu com a dança “Mazur ze Strasznegu Dworu” (Mazur – A Ópera do Palácio Assustador), coreografia do polonês Janusz Chojeki, e direção artística do erechinense Willian Saviski. O primeiro lugar da categoria ao JUPEM veio depois da escolha dos jurados da Curadoria Artística do Festival de Joinville. Entre eles estava Carmen Hoffman, coreógrafa gaúcha que implantou o primeiro Curso Superior de Dança no RS (Unicruz). Sobre a coreografia vencedora

* Jornalista de “Jornal Boa Vista” de Erechim-RS (texto publicado aos 3 de agosto de 2012).

apresentada pelo JUPEM, Carmen fez suas considerações, dizendo que “percebe-se um trabalho de excelente qualidade técnica, precisa e expressiva. E o melhor: existe uma celebração, um significado e uma movimentação que encanta. Todos os momentos da coreografia são surpreendentes e fluem, o que demonstra o entendimento e a maturidade dos intérpretes”.

O Grupo Polonês tinha outros dez concorrentes de peso na categoria Danças Populares, como o Grupo Folclórico Ítalo-Brasileiro Nova Veneza, de Santa Catarina, que buscava o tricampeonato. Para quem fez parte do elenco vencedor do JUPEM, a experiência em Joinville tomou dimensões especiais. “Por cinco minutos o palco ficou pequeno! Os corações pararam de bater, o sorriso contagiou todos, e só tivemos espaço para mostrar aquilo que realmente amamos e que fazemos de coração!”, emocionou-se a jovem Caroline Stefanoski.

Quem é o JUPEM

O JUPEM foi fundado em 1968 em Erechim. Em 44 anos de história, o Grupo já percorreu o Brasil inteiro levando a cultura polonesa através de shows de música e dança, como também se orgulha por ter emocionado plateias de outros países como da própria Polônia, Itália, Espanha, Argentina, Chile, Paraguai e Peru. Atualmente, o JUPEM é presidido pelo médico Valdir Kaplan, que comenta o título inédito do Grupo no Festival de Joinville: “É a consagração de todo um trabalho de décadas! Estamos muito felizes, pois mais uma vez fomos muito além do que já havíamos conquistado. Superamos as nossas expectativas no maior festival de danças do mundo, e só estando aqui para sentir o peso dessa responsabilidade. Foco, força e fé! É isso que nossos bailarinos repetiram mais uma vez!”

O Festival de Joinville é considerado o maior evento do gênero no mundo inteiro, por ter o maior número de participantes. Só neste ano foram contabilizados 6.500 artistas e mais de 200 horas de espetáculos. De acordo com a organização, 200 mil espectadores prestigiaram o Festival.

RESULTADO Categoria Danças Populares – Conjunto - Avançada

1º Lugar - Grupo Folclórico Polonês de Erechim - Jupem (RS) - Mazur Ze Strasznego Dworu

2º Lugar - Grupo de Dança Alemãs da Furb (SC) - Oktoberfest, Jeden Tag Ist Ein Fest

3º Lugar - Grupo Folclórico Ítalo Brasileiro Nova Veneza (SC) - Un Vero Amore di Guerra

Dados do Evento:

Período: 11 dias – 18 a 28 de julho de 2012

Total de participantes: mais de seis mil, entre estudantes e profissionais da dança.

Coreografias inscritas em todo país: 2.579 (220 foram selecionadas) (aumento de 81% nos últimos cinco anos).

Depoimentos

Confira depoimentos que destacam a conquista, e parte da trajetória do Grupo, como as lembranças de Osvaldo Górski.

“Em 1968, num domingo à tarde, acontecia o primeiro ensaio do JUPEM com a presença de apenas três pessoas: Irmã Wanda Szymła e dois meninos: Antônio Carlos Górski e Cláudio Gurski. Isso que o Pe. Walentim e a Irmã Wanda tinham visitado inúmeras famílias e convidado dezenas de jovens. Com o passar do tempo, tornou-se uma família formada por mais de 3.000 pessoas. Se hoje o Jupem existe, é porque é fruto de um sonho generoso e de almas caridosas das mais diversas origens, é persistência, dedicação, organização, disciplina, comprometimento, entusiasmo, sangue, suor e lágrimas”.

Osvaldo Górski, membro ativo do JUPEM desde a sua fundação até hoje.

| Crônicas

“A semana do Festival foi marcante para mim e para todos os meus amigos do Grupo JUPEM. Há nove anos nesse grupo maravilhoso, nunca tinha vivido tantas fortes emoções como as que vivemos juntos, no 30º festival de Danças de Joinville. Foi uma mix de sensações, mas uma se sobressaiu: o sentimento de amizade que se formou entre todos que viajaram. Posso dizer que nunca havia passado por momentos tão sinceros e tão fortes, e que me fizessem esquecer o medo e o nervosismo de pisar num dos principais palcos do mundo. Essa vivência que o Grupo nos proporciona, aliada a todas as outras coisas que já sabemos é o que me motiva a ir lá, ensaiar, buscar mais, viver, crescer, dançar, compartilhar, mas, acima de tudo: ser feliz! Agradeço ao Jupem, por me permitir fazer parte desta seleta família de pessoas especiais. Graças a isso, hoje eu sei que quando num grupo o coletivo é o principal, a energia é única, a sinceridade prevalece e a amizade é verdadeira, nenhuma barreira é tão grande que não possa ser, no mínimo, desafiada!”

Fernando Martini – bailarino do grupo Jupem.

“Foi um prazer imenso, uma grande satisfação ver o Grupo de Erechim vencer como o Melhor Grupo do Festival. Eu acho que isso é um incentivo que se dá para as danças populares, principalmente quando elas são tão bem feitas como pelo JUPEM.”

Ely Diniz – Presidente do Instituto Festival de Dança de Joinville.

“Luxo, glamour, energia. Vocês apresentaram um grande espetáculo. Eu amei que vocês conseguiram essa premiação, porque vocês mereceram. Obrigada pelo presente de tê-los assistido e estado com vocês em Joinville. Um beijo, do fundo do meu coração.”

Fernanda Chamma - Formada em ballet clássico, com cursos de especialização no exterior. É diretora artística da Only Broadway. Coreógrafa da Rede Globo de Televisão, atua como jurada no quadro Dança dos Famosos.

“Minha especialidade é o ballet clássico, mas o Jupem me emocionou pela intenção, pela provocação, pela empolgação e principalmente pela unidade que tem entre os componentes que transparecem ser muito amigos,

graças ao carinho que se nota em cena. Parabéns pra vocês merecidamente, vocês são os melhores. Eu fiquei muito emocionado, porque na hora, vocês não tem noção da emoção que passam. São muito bons, mesmo! Que bom que o prêmio de melhor grupo foi pra categoria de danças populares que sempre parece ser algo muito engessado, vocês quebraram esse preconceito com talento, emoção e um grupo muito bem ensaiado.”

João Wlamir - Foi bailarino solista e hoje é ensaiador do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Jurado do programa “Se ela dança eu danço”, do SBT.

“O grupo Jupem é um espetáculo de um estilo maravilhoso, super unido no palco, com alegria. Tem uma simplicidade que chega a ser um luxo. Me encantei, não esperava ver um grupo tão bom, mas quando vocês entraram no palco eu já disse: Era o melhor grupo do festival mesmo, mesmo! Adorei a apresentação, a coreografia é maravilhosa, de uma elegância, uma singeleza, cada port de Brás que vocês fazem tem um significado. Até comentei que vou chamar o ensaiador e o coreógrafo de vocês pra ensaiar o Ballet do corpo de baile do Theatro Municipal do Rio de Janeiro, quando passar a peça A Bela Dormecida, porque tenho certeza que a mazurka vai sair maravilhosa”.

Cecilia Kerche – Primeira Bailarina do Theatro Municipal do Rio de Janeiro. Outorgada embaixatriz da Dança pelo Conselho Brasileiro da Dança (CBDD), órgão vinculado a UNESCO.

RESUMO – STRESZCZENIE

Corocznie w mieście Joinville, Santa Catarina jest organizowany Festiwal Tańców. Uczestniczą w nim grupy i zespoły z całej Brazylii. Nie brak również polskich zespołów folklorystycznych. W tym roku pierwszą nagrodę w dziedzinie tańca ludowego, otrzymał polski zespół folklorystyczny „Jupem” z Erechim. W prasie zachwycano się nad mistrzowskim wykonaniem mazurka ze „Straszego Dworu” Moniuszki.

AS RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II PARA A COMUNIDADE POLÔNICA BRASILEIRA

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

No dia 29 de maio do corrente ano, como reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, em nome da comunidade polônica brasileira encaminhei um pedido por escrito a Sua Eminência o Cardeal Stanisław Dziwisz, Metropolita de Cracóvia, pedindo-lhe as relíquias do Beato João Paulo II. A comunidade polônica brasileira tem uma grande dívida de gratidão diante do Santo Padre João Paulo II, que contribuiu para o aprofundamento dos seus conhecimentos, dos vínculos com a Igreja de Cristo e com os seus Pastores, bem como da sua identidade étnica.

Eis o conteúdo da carta que encaminhei a Sua Eminência:

*Eminência,
Digníssimo Cardeal Metropolita,*

No próximo ano a Missão Católica Polonesa no Brasil vai comemorar os 60 anos de existência e atividade pastoral e patriótica em meio aos nossos emigrantes e as suas sucessivas gerações nascidas nesse país. Gostaria de assinalar, inicialmente, que com a vinda dos primeiros grupos de emigrados ao Brasil têm-se dirigido a esse país também os sacerdotes poloneses, a fim de envolver com a assistência pastoral os nossos compatriotas. Servindo há 33 anos aos nossos compatriotas nesse país católico e hospitaleiro, tenho tido também a possibilidade de estudar e investigar a rica e ao mesmo tempo difícil história da comunidade polônica brasileira. Juntamente com outros pesquisadores da história do grupo étnico polonês no Brasil, dividimos essa história em duas etapas: 1. desde a vinda do primeiros grupo de imigrantes, em 1869, até a eleição do Cardeal Karol Wojtyła para a Sé de Pedro; 2. desde a eleição do

* Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Cardeal Karol Wojtyła como Papa e o encontro do Santo Padre João Paulo II, no dia 5 de julho de 1980, com a colônia polonesa no Estádio Couto Pereira, em Curitiba. Justamente esses dois acontecimentos – a eleição de Karol Wojtyła para Papa e o Seu encontro, como Vigário de Cristo, com a comunidade polônica em Curitiba – têm deixado uma profunda marca nessa coletividade. Sob a influência do Santo Padre João Paulo II, tem ocorrido um grande despertar do polonismo no seio das sucessivas gerações dos emigrados poloneses. A comunidade polônica brasileira cultiva um grande amor, respeito e gratidão diante do Santo Padre João Paulo II. Com profunda emoção, observo manifestações semelhantes entre os brasileiros que pertencem à nossa Igreja. A beatificação do Santo Padre João Paulo II foi uma grande festa de alegria católica da comunidade polônica e dos fiéis brasileiros, que amam profundamente o Grande Papa, hoje Beato João Paulo II.

As palavras acima encorajam-me a dirigir-me a Vossa Eminência, Digníssimo Cardeal Metropolitano, a Lhe apresentar o pedido de relíquias do Beato Santo Padre João Paulo II para a comunidade polônica brasileira! Se Vossa Eminência, Digníssimo Cardeal Metropolitano, atender positivamente a esse humilde pedido, pretendemos que, juntamente com a comemoração dos 60 anos de existência da Missão Católica Polonesa nesse país, seja iniciada a peregrinação das relíquias do Beato Santo Padre João Paulo II nas paróquias pessoais polonesas, nas capelanias polonesas e nas comunidades paroquiais onde vivem descendentes dos emigrantes poloneses. Acredito profundamente que a peregrinação das relíquias que humildemente peço contribuirá para um aprofundamento maior ainda da fé entre os emigrados e os seus descendentes que vivem, que fielmente permanecem na Igreja de Cristo e que demonstram um grande respeito aos seus Pastores. Com o correr do tempo, se essa for a vontade dos Reverendíssimos Senhores Bispos da Igreja nesse país, as relíquias do Beato Santo Padre João Paulo II poderiam visitar também as diversas dioceses.

Aguardo com profunda esperança a resposta positiva de Vossa Eminência, Digníssimo Cardeal Metropolitano, ao pedido acima apresentado!

O planejado início – em futuro próximo – da peregrinação das relíquias do Beato João Paulo II será o ponto principal das comemorações dos 60 anos da existência e da atividade pastoral polônica da Missão Católica Polonesa no Brasil.

Sua Eminência o Cardeal Stanisław Dziwisz atendeu de forma muito positiva ao pedido acima a Ele enviado. Por isso, no dia 27 de junho dirigi-me em companhia de meu sobrinho, o Pe. Dr. Paulo © diretor da Biblioteca da Sociedade de Cristo em Poznań, à residência dos Arcebispos de Cracóvia, onde – durante um encontro especial com o Pastor da Arquidiocese da cidade – recebi de Suas mãos as relíquias do Beato João Paulo II para a comunidade polônica do Brasil. Preservo profundamente na memória o simpático e agradável encontro com o antigo secretário pessoal do Santo Padre João Paulo II e atual Metropolitana de Cracóvia.

Na minha volta ao Brasil, planejada para os próximos dias, levo comigo da Pátria polonesa o mais maravilhoso presente para a nossa comunidade polônica: as relíquias do Beato João Paulo II. Acredito profundamente que – pela planejada visita dessas relíquias às nossas comunidades polônicas e eclesásticas – o nosso grande Compatriota, o Beato João Paulo II alcançará junto a Deus as graças sobrenaturais para as nossas irmãs e irmãos que vivem no País do Cruzeiro do Sul. Também acredito profundamente que tanto as relíquias do Beato João Paulo II como o rosário que recebi de Sua Eminência serão também para mim um grande esteio para o meu subsequente e mais devotado ministério em prol da comunidade polônica no Brasil.

Cracóvia, 28 de junho de 2012.

RESUMO – STRESZCZENIE

Relikwie błogosławionego Jana Pawła II znalazły się w Kurytybie dzięki staraniom Rektora PMK Ks. Zdzisława Malczewskiego SChr. Otrzymał on je w Krakowie z rąk ks. kardynała Stanisława Dziwisza. Przywiezione do Brazylii, mają one odbywać wędrówkę po koloniach i skupiskach polonijnych. Pielgrzymka relikwii już się rozpoczęła.

PEREGRINAÇÃO DAS RELÍQUIAS DO BEATO JOÃO PAULO II

*Zdzislaw MALCZEWSKI SChr**

Com alegria e emoção os brasileiros rezam pela intercessão do Beato João Paulo II, cuja memória continua no Brasil muito viva. Está em curso uma peregrinação das suas relíquias pelo país. A pedido de sacerdotes polônicos, as relíquias peregrinam até algumas paróquias, onde os fiéis lhes prestam homenagem e rezam, pedindo a intercessão do Papa polonês.

No dia 21 de outubro deste ano as relíquias do Beato João Paulo II iniciaram a sua peregrinação no estado do Rio Grande do Sul. Nesse dia, por ocasião do encerramento da feira municipal EXPOIJUÍ e do festival nacional de diversas culturas FENADI, realizado por vários grupos étnicos na cidade de Ijuí, o reitor de Missão Católica Polonesa no Brasil celebrou uma missa solene na área do parque de exposições. Antes do início da celebração, realizou-se uma procissão com as relíquias do Beato desde a Casa Polonesa Karol Wojtyła até o altar campal. A procissão foi acompanhada por jovens polônicos vestindo trajes regionais poloneses. Os fiéis reunidos no anfiteatro, representando diversos grupos étnicos, receberam as relíquias com uma cordial e entusiástica recepção. Após o término da missa, as relíquias permaneceram no local por algum tempo, para que os fiéis pudessem fazer diante delas as suas orações pessoais.

No decorrer das próximas semanas, as relíquias do Beato João Paulo II visitarão diversas comunidades pertencentes à paróquia do Sagrado Coração de Jesus em Ijuí, onde reside uma grande percentagem de colonos de origem polonesa. Posteriormente as relíquias visitarão outras três paróquias do município.

Para o próximo ano, estamos planejando a peregrinação das relíquias

* Redator da revista *Polonicus*.

nas paróquias pessoais e capelarias polonesas de cidades como Curitiba, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre. Depois disso, será realizada a peregrinação a comunidades em diversos estados brasileiros onde vivem descendentes dos colonos poloneses, bem como a paróquias brasileiras, de acordo com o desejo dos sacerdotes que as dirigem.

A comunidade polônica brasileira tem uma grande dívida de gratidão diante do Beato João Paulo II. Após a eleição do cardeal Karol Wojtyła para a sé de Pedro e o seu encontro com a colônia polonesa em Curitiba, durante a sua primeira visita apostólica ao Brasil, as pessoas de origem polonesa começaram a exteriorizar e enfatizar com orgulho o seu polonismo. É por isso que o contato dos fiéis de origem polonesa com as relíquias do Beato João Paulo II é assinalado pelo amor, por uma alegria de fé repleta de gratidão e pela profunda oração!

RESUMO – STRESZCZENIE

21 października br. relikwie bł. Jana Pawła II rozpoczęły peregrynację Ijuí w stanie Rio Grande do Sul. W przerwach relikwie pozostają w miejscu zamieszkania rektora PMK w Kurytybie przy parafii św. Jana Chrzciciela, w dzielnicy Tingui. Wystawione w kościele, są przedmiotem weneracji Brazylijczyków, którzy klęcząc proszą bł. Jana Pawła II o łaski im potrzebne i o opiekę. Z początkiem Nowego Roku, relikwie odwiedzą w pierwszej kolejności parafie i kapelanie polskie.

**4º FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS
de outubro 2012 a março de 2013
nos principais centros culturais do Brasil**

Serão apresentados filmes de vários gêneros, selecionados com a finalidade de mostrar o perfil do cinema contemporâneo polonês.

Realizadores como Kiesłowski, Wajda, Polański, Skolimowski fizeram com que o cinema polonês se tornasse sinônimo de cinema de qualidade. As obras dos mestres da aclamada Escola de Łódź viraram clássicos de cinematografia mundial. Hoje, novas gerações de cineastas poloneses entram em cena para seguir os passos dos seus mestres. Os nomes como Holland, Majewski, Kolski, Borcuch, entre outros, iniciam o novo capítulo da arte cinematográfica polonesa, criando obras reconhecidas tanto na Polônia, quanto nos principais festivais internacionais.

O **4º FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS** oferece a oportunidade única de conhecer as mais recentes e premiadas produções cinematográficas da Polônia. Ao público brasileiro serão apresentadas obras feitas entre 2008 e 2011. São filmes de vários gêneros, selecionados com o objetivo de revelar a diversidade e a qualidade que caracterizam o cinema polonês contemporâneo. Há desde coproduções com estrelas internacionais no elenco e inglês como língua falada como *“O Moinho e a Cruz”* e *“Essential Killing”* (Prêmio Especial de Júri no Festival Internacional de Filmes de Veneza, 2010), dramas voltados ao período da Segunda Guerra como *“Veneza”*, filmes com a atormentada história da Polônia do século XX ao fundo (*“Rosinha”*, *“Tudo que Amo”*, *“Pequena Moscou”*), até obras que retratam a realidade atual (*“Zero”*).

O **FESTIVAL DE CINEMA POLONÊS** é organizado no Brasil desde 2009, cada ano tendo um novo foco. É uma realização conjunta das representações diplomáticas da República da Polônia, do Polish Film Institute, da Agência Mañana, e vários parceiros no Brasil. A mostra circulará pelos prin-

| Crônicas

cipais centros culturais do Brasil (Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Salvador, Curitiba, Porto Alegre e outros) entre outubro de 2012 e março de 2013.

SINOPSES:

ESSENTIAL KILLING / ESSENTIAL KILLING

Direção: Jerzy Skolimowski

Roteiro: Jerzy Skolimowski, Ewa Piaskowska

Fotografia: Adam Sikora

Cenografia: Joanna Kaczyńska

Figurino: Anne Hamre

Caracterização: Barbara Conway

Música: Paweł Mykietyn

Som: Robert Flanagan

Edição: Réka Lemhényi, Maciej Pawliński

Elenco: Vincent Gallo, Emmanuelle Seigner, David Price e outros

Dir. de produção: Andrzej Stempowski

2010, Polônia, Noruega, Hungria, Irlanda.

Cores, legendas em português.

Gênero: Suspense / Guerra

Tempo da projeção: 83 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 18 anos

Prêmios & Festivais internacionais:

2010, Veneza (Festival Internacional de Filmes): Prêmio Especial de Júri, Vincent Gallo - Prêmio de melhor papel masculino

2010, Mar Del Plata (Festival Internacional de Filmes): Prêmio Principal "Ombu de Ouro", Prêmio de Jornalista, Vincent Gallo - Prêmio de ator

| Crônicas

Capturado pelos soldados americanos no Afeganistão, Mohammed é levado para uma base secreta na Europa Central. Não sabemos se ele é um combatente da Al-Qaeda ou se é um homem inocente que estava no lugar errado e na hora errada. Por sorte consegue fugir do transporte. Para sobreviver, ele será forçado a cometer uma série de atrocidades.

O MOINHO E A CRUZ / MŁYN I KRZYŻ

Direção: Lech Majewski

Roteiro: Michael Francis Gibson, Lech Majewski

Fotografia: Lech Majewski, Adam Sikora

Cenografia: Katarzyna Sobańska, Marcel Sławiński

Figurino: Dorota Roqueplo

Caracterização: Dariusz Krysiak, Monika Mirowska

Música: Lech Majewski, Józef Skrzek

Som: Zbigniew Malecki

Edição: Norbert Rudzik

Dir. de Produção: Małgorzata Domin, Piotr Ledwig

Elenco: Rutger Hauer, Charlotte Rampling, Michael York, Joanna Litwin e outros

2010, Polônia, Suécia.

Cores, legendas em português.

Gênero: Filme de época

Tempo da projeção: 96 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 16 anos

Prêmios & Festivais internacionais:

2011, Luxemburgo (Festival Internacional de Cineasta): Grand Prix

2011, Terni (Festival de Filme "Popoli e Religioni"): Prêmio principal

Crônicas

Este filme inovador é uma tentativa contemporânea de interpretar a famosa pintura de Pieter Bruegel - "Caminho para o Calvário". A paixão de Cristo entrelaça-se aqui com a paixão de Flandres: pressionada política e religiosamente pelos espanhóis, durante o século XVI. Bruegel conta sobre a tragédia da história e sobre o valor da tolerância. O filme do Majewski faz com que as personagens e cenas da pintura revivam aos olhos do espectador, assim como em *tableau vivant* (pintura viva).

A ROSINHA / RÓŻYCZKA

Direção: Jan Kidawa- Błoński

Roteiro: Maciej Karpiński, Jan Kidawa-Błoński

Fotografia: Piotr Wojtowicz PSC

Música: Michał Lorenc

Cenografia: Joanna Białousz

Som: Wiesław Znyk, Joanna Napieralska

Edição: Cezary Grzesiuk

Figurino: Ewa Krauze

Caracterização: Janina Dybowska-Person, Anna Adamek

Dir. de Produção: Paweł Mantorski

Elenco: Magdalena Boczarska, Robert Więckiewicz, Andrzej Seweryn

2010, Polônia

Cores, legendas em português.

Gênero: Drama

Tempo da projeção: 118 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 16 anos

Prêmios & Festivais internacionais:

2010, Moscou (Festival Internacional de Filmes): Jan Kidawa-Błoński - Prê-

Crônicas

mio “São Jorge de Prata” para o melhor diretor, Ewa Krauze - Prêmio da revista “Vogue” para o filme mais elegante do festival

2010, Goa (Festival de Filmes internacional da Índia) Magdalena Boczarska - “Pavão de Prata” como melhor atriz

2011, São Francisco (Festival Internacional de Filmes “Tiburón”): Prêmio para o melhor filme, Jan Kidawa-Błoński-Prêmio para a melhor direção, Magdalena Boczarska - Prêmio de atriz

2011, Montevideo (Festival Internacional de Filmes): Distinção FIPRESCI

2012, Santo Domingo (Mostra Internacional de Cinema): Magdalena Boczarska -Prêmio de atriz, Andrzej Seweryn - Prêmio de ator.

Ano de 1967. Após o desencadeamento da Guerra dos Seis Dias entre Israel e os países árabes, os estados integrantes do Pacto de Varsóvia cortam relações diplomáticas com Israel. O Serviço de Segurança comunista da Polônia dá início a um trabalho operacional de larga escala para se infiltrar no meio dos cidadãos de origem judaica. Paralelamente, o renomado escritor inicia um caso com uma linda mulher, atraente e muito mais jovem. Cego pela paixão, nem suspeita que sua relação controversa pode não ser apenas uma coincidência, e que a mulher pela qual se apaixonou é, na verdade, uma ferramenta nas mãos dos serviços secretos...

VENEZA / WENECJA

Direção: Jan Jakub Kolski

Roteiro: Jan Jakub Kolski

Fotografia: Artur Reinhart

Cenografia: Joanna Macha

Figurino: Małgorzata Zacharska

Caracterização: Anna Nobel-Nobielska

Música: Dariusz Górniok

Som: Jacek Hamela

Edição: Witold Chomiński

Dir. de Produção: Wiesław Łysakowski

Crônicas

Elenco: Grażyna Błęcka-Kolska, Agnieszka Grochowska, Magdalena Cielecka, Julia Kijowska, Marcin Walewski e outros

2010, Polônia

Cores, legendas em português.

Gênero: Drama

Tempo da projeção: 114 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 12 anos

Prêmios & Festivais internacionais:

2010, Montreal (Festival de Filmes do Mundo): Prêmio especial do júri por realizações de destaque

2011, Cleveland (Festival Internacional de Filmes): Artur Reinhart - Menção especial do júri por fotografia

2011, Rússia (Festival Internacional de Filmes “Cavaleiro de Ouro”): Jan Jakub Kolski - Prêmio por direção

2011, Artek (Festival Internacional de Filmes para Crianças): Prêmio do Júri infantil para o “filme mais sábio”

2011, Los Angeles (Festival de Filmes Poloneses): Marcin Walewski - Prêmio de Piotr Łazarkiewicz para o Jovem talento

2011, Hefei (Golden Rooster and Hundred Flowers Film Festival): Jan Jakub Kolski - “Galo de ouro” para o melhor diretor estrangeiro

O filme conta a história de Marek, um jovem rapaz, cuja infância é interrompida pela guerra. Por causa dela, em vez de continuar a tradição familiar e ir com os pais em sua primeira viagem a Veneza, Marek muda-se com a mãe para a província. No entanto, graças à força de sua imaginação, o menino transforma o inundado subsolo de sua casa na cidade mais romântica do mundo – Veneza. Enquanto lá fora acontece o tumulto da guerra, é justamente no subsolo “veneziano” que serão despertadas grandes esperanças e desejos e que acontecerá a transição do menino para o homem.

TUDO QUE AMO / WSZYSTKO, CO KOCHAM

Direção: Jacek Borcuch

Roteiro: Jacek Borcuch

Fotografia: Michał Englert

Cenografia: Elwira Pluta

Figurino: Magdalena Maciejewska

Caracterização: Dominika Dylewska

Música: Daniel Bloom

Som: Zofia Gołębiowska, Tomasz Duksza, Bartłomiej Woźniak

Edição: Agnieszka Glińska PSM, Krzysztof Szpetmański PSM

Dir. de Produção: Anna Wydra

Elenco: Mateusz Kościukiewicz, Olga Frycz, Jakub Gierszał, Andrzej Chyra e outros

2009, Polônia

Cores, legendas em português.

Gênero: Drama

Tempo da projeção: 91 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 16 anos

Prêmios & Festivais internacionais

2010, Los Angeles (Festival de Filmes Poloneses): Prêmio “Hollywood Eagle Award”

2010, Nova York (The New York Polish Film Festival): Prêmio “Além da Fronteira” de Krzysztof Kieślowski

2010, Setubal (Festival Internacional de Filmes Festroia): Prêmio FIPRESCI, Prêmio CICAÉ

2010, Bruxelas (Festival Internacional de Filmes): Jacek Borcuch - Prêmio para cenário

2010, Cottbus (Festival de cinema jovem do Oriente): Prêmio no concurso alemão-polonês de filme de jovens

2010, Chicago (Festival de Filme Polonês na América): Prêmio da cidade de Chicago

Há um momento em nossas vidas no qual passamos a não ser mais crianças, mas ainda não cruzamos o limiar da vida adulta. Trata-se de uma época cheia de “primeiras vezes” – a primeira decepção, a primeira rebelião, o primeiro amor... Um tempo cheio de sonhos e esperanças. “Tudo o que amo” é uma história sobre Jacek, um sensível garoto justamente nesta fase de vida, que vive numa cidade litorânea nos anos 80, época das grandes mudanças políticas na Polônia. Porém, as manifestações, as greves e a imposição da lei marcial ficam em segundo plano no filme, sendo dado destaque à alegria juvenil, paixão pela vida, música, sexo, primeiro amor. No decorrer da história, Jacek vai experimentar o choque do mundo idealista da juventude com o duro mundo adulto. Terá que enfrentar a realidade e lutar: pelo seu amor, pela família e pelo seu futuro.

ZERO / ZERO

Direção: Paweł Borowski

Roteiro: Paweł Borowski

Fotografia: Arkadiusz Tomiak

Cenografia: Wojciech Żogała

Figurino: Anna Imiela-Szcześniak

Characterização: Liliana Gałązka

Música: Adam Burzyński

Som: Maria Chilarecka

Edição: Magdalena Mikołajczyk

Dir. de produção: Jacek Gawryszczak

Elenco: Robert Więckiewicz,

Bogdan Koca,

Zbigniew Konopka,

Aleksandra Popławska,

Kamila Baar e outros

| Crônicas

2009, Polônia

Cores, legendas em português.

Gênero: drama

Tempo do projeção: 110 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 16 anos

Prêmios & Festivais internacionais:

2010, Los Angeles, (Festival Internacional de Filmes em Milão): O Cavalo de Leonardo nas categorias: O melhor filme, A melhor direção, A melhor edição

2010, Pecs (CinePécs - Festival Internacional de Filmes): Prêmio do Júri Estudantil

É o amanhecer numa grande metrópole. No andar alto de um edifício empresarial, no amplo escritório do chefe de uma multinacional, está tocando o telefone. Do outro lado é um sujeito do tipo “largado”, acompanhado dum indivíduo estranho em uma van bastante deteriorada. Pergunta sobre a decisão. Trata-se de seguir uma certa pessoa. Após uma breve hesitação, o empresário confirma o pedido. Não imagina, que com um único “sim” despertará uma avalanche de acontecimentos, os quais irão influenciar o destino de uma boa parte dos moradores da cidade. É o começo de uma história com muitos enredos, onde se cruzarão os caminhos de muitas pessoas, e cada decisão delas trará consequências para todos. “Zero” é um conto sobre o amor e o ódio, sobre os traídos e os traidores, sobre a violência e o sexo e sobre os surpreendentes segredos, os quais vamos conhecer ao longo dessas 24 horas. A máquina posta em andamento mudará, para sempre, a vida dos seus protagonistas. Mas será que realmente para sempre?

PEQUENA MOSCOU / MAŁA MOSKWA

Direção: Waldemar Krzystek

Roteiro: Waldemar Krzystek

Fotografia: Tomasz Dobrowolski

Música: Zbigniew Karnecki

Elenco: Svetlana Khodchenkova, Lesław Żurek, Dmitri Ulyanov, Elena Leszczyńska e outros

Polónia, 2008

Cores, legendas em português.

Gênero: drama

Tempo do projeção: 113 minutos

Formato da projeção: Digital

Classificação indicativa: 14 anos

Uma emocionante história de um amor proibido em meio a uma conturbada situação política da época. Viera, uma jovem russa casada com um piloto de caça, inicia uma aventura amorosa com Michał, um tenente polonês. O encontro acontece em 1967 quando das cerimônias do 50º aniversário da Revolução de Outubro. O romance clandestino transforma-se numa tragédia pessoal, que tem como pano de fundo uma tensa situação política, agravada pela invasão das tropas do Pacto de Varsóvia na Tchecoslováquia em 1968.

O filme relata os abusos cometidos pelo Exército Soviético na cidade polonesa de Legnica, apelidada de “Pequena Moscou” devido à presença, durante quase cinquenta anos (1945-1993), de uma base militar soviética.

RESUMO – STRESZCZENIE

W większych ośrodkach kulturalnych Brazylii, od października 2012 r. do marca 2013 r., odbywa się 4 Festiwal Filmu Polskiego. Celem festiwalu jest pokazanie Brazylijczykom współczesnego polskiego kina. W powyższym artykule każdy omawiany film podstawowe informacje, wymienieni są twórcy, reżyserowie i artyści. Kwalifikacje poszczególnych filmów dają bogaty obraz współczesnego polskiego kina.

EFEMÉRIDES – ANO DE 2012

Maio

23. Na Biblioteca do Senado do Brasil, em Brasília, realiza-se a apresentação do livro *Polônia*, de autoria de Ivan Godoy – jornalista da Rádio Senado, de Brasília. No final de 2011 o mencionado livro surgiu no mercado editorial brasileiro graças à Editora Alfa-Ômega, de São Paulo. A citada obra é o resultado de uma viagem de pesquisas que o autor realizou à Polônia em 2009. Pela primeira vez há muitos e muitos anos, foi publicado no Brasil um livro inteiramente dedicado à Polônia. Escrito num estilo muito estimulante à leitura, o livro se dirige ao leitor brasileiro e mostra a Polônia em diversos aspectos.

25. Na Embaixada da Polônia, em Brasília, realiza-se a apresentação do livro *Polônia*, de autoria de Ivan Godoy, comentado na nota acima.

26. Na paróquia pessoal de Nossa Senhora de Monte Claro, no Rio de Janeiro, realizaram-se as solenidades do jubileu áureo sacerdotal do pároco, Pe. João Sobieraj SChr. A solene missa jubilar foi presidida por Sua Excelência o arcebispo metropolitano Dom João Orani Tempesta, que igualmente pronunciou o sermão ocasional. Da missa concelebrada participou o Pe. Casimiro Długosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul. Maiores informações a esse respeito podem ser encontradas no portal da arquidiocese do Rio:

<http://www.arquidiocese.org.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm>

Junho

4-24. O Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM), da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, realiza um curso intensivo de língua polonesa. Maiores informações podem ser encontradas no portal:

www.celin.ufpr.br

9. Em razão da competição futebolística Euro 2012, que se realizou na Polônia e na Ucrânia, o Consulado Geral da Polônia e o Consulado da Ucrânia, de Curitiba, realizaram um encontro futebolístico representando a coletividade polonesa e ucraniana num estádio localizado no bairro de Santa Felicidade. O selecionado da Polônia fez 17 gols – contra nenhum da Ucrânia! Felicitamos os Consulados por essa maravilhosa iniciativa, que integrou as nossas comunidades étnicas. Parabéns aos nossos esportistas polônicos! Realizaram-se também apresentações de conjuntos folclóricos dos nossos grupos étnicos. Naturalmente, não podia ter faltado numa ocasião dessas o insubstituível Sr. Tadeu, que serviu os seus conhecidos (não somente em Curitiba) *pierogi* poloneses!

10. O Pe. João Sobieraj SChr – há 46 anos atuando como sacerdote polônico no Brasil e há 14 anos pároco da paróquia polonesa no Rio de Janeiro – festejou o seu jubileu de ouro de sacerdócio na paróquia natal em Wytomyśl, peto de Poznań, na Polônia.

14. O redator da revista *Polonicus* encontra-se em Varsóvia com amigos da comunidade polônica brasileira que colaboram com a nossa revista polônica. Participaram do encontro: Stanisław Pawliszewski – presidente da Sociedade Polono-Brasileira Rui Barbosa; Dra. Renata Siuda-Ambroziak – professora na Universidade de Varsóvia; Dr. Jerzy Mazurek – professor na Universidade de Varsóvia e vice-presidente do Museu do Movimento Popular Polonês em Varsóvia; Dr. Krzysztof Smolana – professor na Universidade de Varsóvia e funcionário do Arquivo de Documentos Novos. Desse enriquecedor e rico encontro participou igualmente o Pe. José Wojnar SChr, de Quedas do Iguaçu, no Paraná, e o pe. Paulo – diretor da Biblioteca da Sociedade de Cristo em Poznań. Com certeza, um fruto desse encontro será uma dinamização maior ainda desta única publicação polônica no Brasil de caráter científico.

Efemérides

25. No santuário mariano de Częstochowa, o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil concelebra uma missa na capela da milagrosa imagem da Senhora de Monte Claro nas intenções da coletividade católica polonesa no Brasil.

26. Aparece mais um número da revista *Echo Polonii Brazyljskiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira), em língua polonesa, que pode ser acessada no nosso portal.

27. Na residência dos Arcebispos de Cracóvia, o pe. Zdzisław – Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, recebe das mãos de Sua Eminência o Cardeal Stanisław Dziwisz relíquias do Beato João Paulo II para a comunidade polônica brasileira. Dentro de pouco tempo essas relíquias do papa polônês, que exerceu uma grande influência sobre a coletividade polônica local, visitarão as paróquias polonesas pessoais, as capelanias polonesas e as comunidades polônicas do Brasil. Algumas fotos mostrando o encontro do reitor da MCP com Sua Eminência e a recepção das relíquias do Beato João Paulo II podem ser encontradas no portal: www.polonicus.com.br

29. No Museu Alfredo Andersen, em Curitiba, realizou-se a abertura da exposição “Arqueologia da Oficina”, de Cláudio Boczon, um conhecido artista polônico.

Julho

17-23. Em razão dos preparativos para o Dia Mundial da Juventude, a realizar-se no Rio de Janeiro em 2013, encontra-se em Curitiba Sua Excelência Dom Henryk Tomasik – ordinário da diocese de Radom e presidente do Episcopado da Polônia para assuntos de pastoral da juventude, responsável pela preparação da juventude polonesa para o DMJ. O bispo polônês veio acompanhado pelo Pe. Grzegorz Suchodolski – diretor do Escritório Nacional da Organização do DMJ em Varsóvia. De Curitiba, no dia 23 os hóspedes da Polônia viajaram a Brasília, onde estavam previstas visitas ofi-

Efemérides

ciais à Embaixada da Polônia e à sede da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Na capital, os representantes da Igreja da Polônia foram acompanhados pelo Pe. Simão Sieczka – originário da diocese de Radom e exercendo as funções de vigário-geral da diocese de Luziânia, situada nas proximidades de Brasília. A seguir, nos dias 25 a 31, S. Exa. Dom Henryk Tomasik e o diretor Pe. Grzegorz estiveram no Rio de Janeiro, onde participaram de encontros com o Comitê local da DMJ, presidido pelo arcebispo local, Dom João Orani Tempesta. No Rio, acompanhou os hóspedes da Polônia o Pe. Casimiro Długosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo no Brasil.

23. Os sócios da Sociedade Polônia, em Porto Alegre, elegeram para os próximos dois anos a nova administração dessa meritória sociedade polônica. Eis os membros da administração: presidente – Paulo Francisco Ratkiewicz; vice-presidente para assuntos administrativos – Mariano Hossa; vice-presidente para assuntos sociais – Ademir J. Knakevicz Grzeszczak; vice-presidente para assuntos financeiros – Cláudio Stih; vice-presidente para assuntos patrimoniais – Edwino Antônio Zembruski; vice-presidente para assuntos culturais - Cláudio Haber Zembruski. A nova administração assumiu as suas funções no dia 1 de agosto, e a tomada de posse realizou-se durante um encontro geral dos membros da Sociedade no dia 27 de agosto de 2012.

A partir dessa data o número 5 da revista Polonicus encontra-se disponível no portal: www.polonicus.com.br

Agosto

4-5. Na cidade de Água Branca (ES), realiza-se a XII edição da Festa do Imigrante Polônês e a comemoração dos 84 anos da vinda dos imigrantes poloneses a essa região do estado do Espírito Santo. O reitor da Missão Católica Polonesa participou dessas solenidades. O Pe. Zdzisław veio especialmente

Efemérides

a Águia Branca de Curitiba (distante dali 1.700 quilômetros) em companhia do reitor da Pontifícia Universidade João Paulo II de Cracóvia – o Pe. Dr. Władysław Zuziak e do Dr. Krzysztof Smolana – professor na Universidade de Varsóvia e funcionário do Arquivo de Documentos Novos na capital polonesa.

5. No Teatro Guaíra, em Curitiba, realiza-se um concerto sinfônico com uma programação exclusivamente polonesa, sob a regência do maestro polonês Antoni Wit e com a participação da violinista polonesa Aleksandra Kuls.

9. Graças à cooperação do Consulado Geral da Polônia e do Centro de Línguas Estrangeiras Modernas (CELEM) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, realiza-se nessa universidade uma palestra do Dr. Krzysztof Smolana, da Universidade de Varsóvia, a respeito do tema “Arquivos polônicos na América Latina”.

Faleceu em Curitiba, com a idade de 96 anos, Jadwiga Maria Krzyżanowska, combatente polonesa, prisioneira do campo de concentração nazista em Ravensbrück. No dia 22 de julho de 2012, em razão dos seus elevados méritos em prol da independência da Polônia, pela sua atividade integradora dos núcleos polônicos e pela promoção da Polônia, a Sra. Jadwiga foi honrada com a entrega da Cruz de Cavaleiro da Ordem do Mérito da Polônia, solenidade que se realizou em sua residência. Participaram da solenidade: a Sra. Irena Łoś - representante da Associação dos Combatentes Poloneses no Brasil; o Dr. Edward Kusztra - presidente da Associação dos Diplomados em Universidades Polonesas no Brasil; o Sr. Marek Makowski - cônsul-geral da Polônia em Curitiba e a família da condecorada.

23. Na sede da administração da voivódia de Poznań, realizou-se a solenidade da entrega de condecorações. Entre os homenageados encontra-

Efemérides

va-se o Pe. João Sobieraj, pároco da paróquia pessoal polonesa de N. S. do Monte Claro no Rio de Janeiro, que comemorou neste ano o seu jubileu de ouro de sacerdócio. O Ministro da Cultura e da Herança Nacional conferiu-lhe a distinção honorária “Benemérito para a Cultura Polonesa”. Essa distinção foi conferida ao sacerdote polonês em razão da sua contribuição para difusão do polonismo fora das fronteiras da Polônia. Em nome do ministro, a condecoração foi realizada pelo voivoda local, Piotr Florek. Participou da solenidade o superior geral da Sociedade de Cristo para os Poloneses Emigrados, Pe. Tomasz Sielicki, bem como o superior da Casa Central, Pe. Andrzej Sołopa. Não faltaram também representantes da família e amigos do Pe. João.

24. A partir dessa data, encontra-se disponível no nosso portal mais um número da revista *Echo Polonii Brazylisjkiej* (Eco da Comunidade Polônica Brasileira).

26. As comunidades polônicas do Brasil festejam solenemente o Dia de Nossa Senhora do Monte Claro. Na comunidade da Igreja do Brasil existem várias paróquias sob a invocação de Nossa Senhora do Monte Claro ou de Częstochowa, bem como muitas capelas dedicadas à Padroeira e Rainha da Polônia e dos Poloneses no Exterior.

Setembro

18-20. Nas Faculdades Integradas do Brasil - UniBrasil, em Curitiba, realiza-se o III Congresso Brasil-Polônia de Direito Constitucional, com a participação de palestrantes brasileiros e poloneses.

19. Graças à cooperação do Consulado Geral da Polônia e do Museu do Holocausto, da Casa de Cultura Beit Yaacov, da Comunidade Israelita do Paraná, da Casa de Cultura Polônia-Brasil e da Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizou-se no Museu do Holocausto, em Curitiba, a abertura da exposição “2012 Ano de Janusz Korczak - Reformador do Mundo”.

Efemérides

Essa exposição permaneceu aberta até o dia 17 de outubro.

20. A Universidade Federal do Paraná (UFPR), em Curitiba, organiza um seminário dedicado a Janusz Korczak, com a seguinte programação: “Um homem entre mundos - sobre a vida heroica de Henryk Goldszmit e a memória lendária de Janusz Korczak” - Prof. Msc. Piotr Kilanowski, da UFPR; “Korczak e o Holocausto - Uma resistência cultural judaica vibrante e insubordinável” - Carlos W. Wencland Reiss - coordenador-geral do Museu do Holocausto de Curitiba; “A criança de Korczak” - Profa. Dra. Aleksandra Marcela Piasecka-Till - da UFPR.

Outubro

8. Com o título “Vestígios poloneses no Brasil - a pintura de Tomasz Łychowski”, no Palácio Staszic, em Varsóvia, realizou-se a solene abertura da exposição do nosso artista e líder polônico Tomasz Łychowski, residente no Rio de Janeiro.

8-11. Neste ano grande evento mercadológico dedicado à temática IT/ICT Futurecom realizou-se no Rio de Janeiro, no prédio do Riocentro, entre os dias 8 a 11 de outubro. IT é a sigla em inglês para “Tecnologia da Informação” e ICT – para “Tecnologia da Informação e Comunicação”. Estiveram presentes na exposição mais de 300 firmas, entre as quais se enumeravam: Dell, Eircsson, Huawei, IBM, Motorola Solutions, Oracle, Paranasonic e ZTE. Não faltou também a presença da Polônia, cuja presença foi garantida graças ao Ministério da Economia. A tarefa da equipe polonesa era a promoção do setor polonês da IT/ICT. O pavilhão polonês despertou um grande interesse dos visitantes. Mostrou-se especialmente popular um jogo no tablet em que o jogador, ao responder corretamente a algumas perguntas a respeito da IT polonesa, podia ganhar um prêmio interessante. A feira Futurecom 2012 contou com a presença de muitas empresas da IT/ICT do mundo inteiro, o que deve repetir-se durante a exposição programada para o ano seguinte.

Efemérides

11. Na cidade de Ijuí, no estado do Rio Grande do Sul, realiza-se a inauguração de mais uma edição da Expoijuí (apresentação do patrimônio industrial e agrícola do município) e da Fenadi (festival nacional de culturas variadas). Durante o festival, cada um dos doze grupos étnicos tem o seu dia, quando apresenta as suas tradições, a sua cultura e os seus produtos culinários.

12. Dia da comunidade étnica polonesa durante o Festival de Etnias em Ijuí. A comunidade polônica, sob a direção da Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, apresentou o seu rico programa. A coletividade polônica foi honrada com a visita do Sr. Marek Makowski - cônsul-geral da Polônia em Curitiba. A saudação oficial do representante da Polônia realizou-se no portal de entrada do Parque Municipal de Exposições Wanderley Burmann. A seguir ocorreu um encontro com o cônsul polonês na Casa Polonesa. Nesse dia, além da degustação de produtos culinários poloneses, os visitantes do parque tiveram a possibilidade de participar da apresentação de danças executadas pelos conjuntos polônicos Piast e Krakus, bem como do conjunto polônico infantil de São Miguel do Oeste. No dia 19 de outubro foram solenemente comemorados os 122 anos da colonização europeia em Ijuí. Nos primórdios da colonização, os colonos poloneses constituíam um dos maiores grupos dentro do mosaico de representantes de diversas nacionalidades que se estabeleciam naquela região do Rio Grande do Sul.

18. Na embaixada de Portugal, em Brasília, realizou-se o solene lançamento do livro publicado em português por Henryk Siewierski - professor titular da Universidade de Brasília (UnB) e intitulado *O livro do rio máximo do padre João Daniel*. O jesuíta português Pe. João Daniel promoveu a atividade apostólica nos anos 1741-1757 na Amazônia brasileira. Após a extinção da ordem jesuíta e a expulsão dos seus religiosos do Brasil, os missionários jesuítas foram colocados numa prisão em Portugal. Na solidão de prisioneiro, o Pe. João Daniel dedicou-se à literatura, até a sua morte, que ocorreu no dia 19 de janeiro de 1776. Esse jesuíta deixou cerca de 1.200 páginas escritas com letra miúda. O prof. Henryk Siewierski dedicou muito tempo aos manuscritos do padre João Daniel, que se encontram no Arquivo Nacional no Rio

Efemérides

de Janeiro. Ele apresenta ao leitor um livro interessante, contendo trechos selecionados da obra do Pe. João Daniel. O Prof. Siewierski redigiu também para essa edição um prólogo e um posfácio. Um livro de leitura fascinante, recomendado a todos aqueles que a ele tenham acesso. Da nossa parte, felicitamos o autor por mais essa obra.

19-21. Realizou-se em Curitiba a XI Assembleia Geral Nacional Ordinária da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa no Brasil (BRASPOL). A assembleia iniciou-se no dia 19 de outubro, ocasião em que, na Sociedade Polono-Brasileira Marechal Piłsudski, a partir das 19 horas, ocorreu a recepção dos participantes e das autoridades. No dia seguinte, sábado, no salão paroquial da igreja S. Estanislau realizou-se a assembleia, durante a qual foram eleitos a Diretoria Executiva e o Conselho Fiscal para o biênio 2012-2014. O encontro encerrou-se na manhã do domingo, 21 de outubro, com uma missa em ação de graças celebrada em polonês na igreja S. Estanislau.

21. Dentro da programação do Festival de Etnias (veja as notas acima referentes aos dias 11 e 12), o Pe. Zdzisław Malczewski SChr, reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, celebrou uma missa solene na intenção dos imigrantes e dos seus descendentes em Ijuí. A missa campal foi celebrada no chamado “Palco das etnias”. Os fiéis que participaram da Eucaristia tiveram a ocasião especial de reverenciar as relíquias do Beato Papa João Paulo II. Essas relíquias permanecerão por algum tempo na região de Ijuí e farão visitas às comunidades pertencentes à paróquia do Sagrado Coração de Jesus, onde vivem descendentes dos imigrantes poloneses. Está prevista igualmente uma peregrinação às demais paróquias daquela cidade. O solene encerramento da Fenadi deste ano ocorreu na tarde do domingo 21 de outubro. As diversas comunidades nacionais serviram aos seus convidados jantares tradicionais em suas casas étnicas.

Novembro

1. Na Sala Vip BB Turismo, no Aeroporto Internacional Afonso Pena, em

Efemérides

Curitiba, é inaugurada uma exposição das obras de Zofia Dyminski (1918-2011). A artista veio ao Brasil em 1929, juntamente com sua família. Estudou na Escola de Belas Artes em Curitiba e ganhou muitos prêmios pela suas obras de pintura. A temática principal dos seus quadros são as paisagens, as flores e cenas do litoral paranaense. A exposição permanecerá aberta até o dia 31.1.2013.

11. Por ocasião dos 94 da Independência da República da Polônia, o cônsul-geral Sr. Marek Makowski convidou a comunidade polônica e amigos brasileiros para uma missa solene que foi celebrada pelo reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, Pe. Zdzislaw Malczewski, na igreja polonesa de S. Estanislau Bispo e Mártir em Curitiba (Rua Emiliano Pernetá, 463). A missa foi concelebrada pelo pároco local e pelo pe. Lourenço Biernaski CM. No final da missa, o cônsul-geral entregou condecorações outorgadas pelo Presidente da Polônia aos senhores Marcos Domakoski e Sergiusz Sikorski. Após a celebração, todos os participantes do evento se encaminharam para o salão paroquial, onde foi servido um coquetel.

12. A Câmara Municipal de Porto Alegre dedicou uma parte da sua sessão para homenagear a Festa Nacional da Polônia, comemorada no domingo 11 como o Dia da Independência. Por proposta do legislativo municipal, para essa sessão foram convidados representantes das autoridades locais e da Sociedade Polônia.

26. Na Embaixada da Polônia em Brasília realiza-se uma recepção em honra do ministro das relações exteriores da Polônia, Radosław Sikorski, que se encontrava no Brasil realizando uma visita oficial. Durante o encontro o ministro conferiu a três pessoas a alta distinção de “Benemérito”, pela promoção da Polônia na arena internacional. Mais detalhes a respeito desse acontecimento serão fornecidos no próximo número da nossa revista.

* * *

Na Universidade Federal do Paraná (UFPR), realizou-se um seminário a respeito da poetisa polonesa Wisława Szymborska, ganhadora do Prêmio

Efemérides

Nobel de 1996, com a participação da sua tradutora para o português, professora Regina Maria Przybycien, e dos professores de Literatura Polonesa da UFPR Marcelo Paiva de Souza e Piotr Kilanowski.

* * *

Em Porto Alegre, no StudioClio, a pianista polonesa Joanna Trzeciak apresentou-se com o recital “A música no seu tempo”. A pianista executou composições de Johan H. Hummel, Frederico Chopin, Serguei Prokofief e Mikolaj Miaskowski. Joana Trzeciak foi aluna da Academia de Música Frederico Chopin de Varsóvia. Ela estudou sob a direção do pianista e compositor Jan Ekier e já nos anos 80 se apresentou na Inglaterra, nos Estados Unidos, na África, na Ásia e no Oriente Próximo. Ela também já se apresentou no StudioClio em 2010 e agora iniciou por Porto Alegre a sua turnê pela América do Sul.

29. Em Brasília, Teori Albino Zavascki prestou o juramento como ministro do Supremo Tribunal Federal. O novo membro da instância suprema do judiciário brasileiro tem 64 anos de idade e nasceu em Faxinal dos Guedes, no estado de Santa Catarina e desde 2003 atua no STF. Ele foi nomeado ministro pela presidente Dilma Rousseff e no dia 30 de outubro o Senado da República Federal do Brasil aprovou a sua candidatura.

Teori Albino Zavascki já é o segundo ministro do STF que possui origem polonesa. O primeiro representante da comunidade polônica no STF é Ricardo Lewandowski, nascido no Rio de Janeiro. Ele foi nomeado ministro do STF no dia 16 de março de 2006 pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva. Desde 7 de maio de 2009 é membro do Tribunal Superior Eleitoral (TSE), nos anos 2010-2011 foi chefe do TSE e desde há alguns dias exerce a função de vice-presidente do STF.